FAUSI DOS SANTOS

CORPO E SEXUALIDADE NAS REDES SOCIAIS:
O advento do ciberespaço (re)significando e (re)construindo a noção de "si" do sujeito contemporâneo

FRANCA
2014

FAUSI DOS SANTOS

CORPO E SEXUALIDADE NAS REDES SOCIAIS:
O advento do ciberespaço (re)significando e (re)construindo a noção de "si" do sujeito contemporâneo

Dissertação apresentada à Universidade de Franca, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Dra. Maria Flávia Figueiredo

FRANCA
2014

Catalogação na fonte – Biblioteca Central da Universidade de Franca

S235c

Santos, Fausi dos

Corpo e sexualidade nas redes sociais : o advento do ciberespaço (re)significando e (re)construindo a noção de "si" do sujeito contemporâneo / Fausi dos Santos ; orientador: Maria Flávia Figueiredo. – 2014

104 f. : 30 cm.

Dissertação de Mestrado – Universidade de Franca

Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestre em Lingüística

1. Lingüística – Redes sociais. 2. Corpo. 3. Sexualidade. 4. Práticas discursivas. 5. Subjetividade. I. Universidade de Franca. II. Título.

CDU – 801:681.324

UNIFRAN
Universidade
de Franca

www.unifran.edu.br

Av. Dr. Armando Salles Oliveira, 201
14404 600
Franca SP
T 55 16 3711 8888
F 55 16 3711 8886

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR FAUSI DOS SANTOS, COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE NO PROGRAMA DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA.

Aos quinze dias do mês de abril de dois mil e catorze, reuniu-se, no(a) TEATRO DA ODONTO, a Comissão Julgadora designada pela Comissão de Pós-Graduação da Universidade de Franca, constituída pelos professores: PROFA. DRA. MARIA FLÁVIA FIGUEIREDO (Orientadora), PROFA. DRA. MARÍLIA GISELDA RODRIGUES (Titular), PROFA. DRA. GLORIA MARIA PALMA (Titular), para examinar o candidato FAUSI DOS SANTOS na prova da defesa de sua dissertação intitulada: CORPO E SEXUALIDADE NAS REDES SOCIAIS: (re)significação e (re)construção discursiva de "si" no ciberespaço. A Presidente da Comissão PROFA. DRA. MARIA FLÁVIA FIGUEIREDO, iniciou os trabalhos às 10h, solicitando ao candidato que apresentasse, resumidamente, os principais pontos do seu trabalho. Concluída a exposição, os examinadores arguiram alternadamente o candidato sobre diversos aspectos da pesquisa e da dissertação. Após a arguição, que terminou às 12h, a Comissão reuniu-se para avaliar o desempenho do candidato, tendo chegado ao seguinte resultado: PROFA. DRA. MARIA FLÁVIA FIGUEIREDO(aprovado), PROFA. DRA. MARÍLIA GISELDA RODRIGUES(aprovado), PROFA. DRA. GLORIA MARIA PALMA(aprovado). Em vista deste resultado, o candidato FAUSI DOS SANTOS foi considerado aprovado, fazendo jus ao título de MESTRE pelo programa de MESTRADO EM LINGUÍSTICA. Sendo verdade, eu, Adriana Pernambuco Montesanti, Secretária de Pós-Graduação Stricto Sensu, confirmo e lavro a presente ata, que assino juntamente com os Membros da Banca Examinadora.

Franca, 15 de abril de 2014.

Novo título (sugerido pela banca) :
Corpo e sexualidade: o advento do ciberespaço (re) significando e (re) construindo a noção de si do sujeito contemporâneo

PROFA. DRA. MARIA FLÁVIA FIGUEIREDO

PROFA. DRA. GLORIA MARIA PALMA

PROFA. DRA. MARÍLIA GISELDA RODRIGUES

Adriana Pernambuco Montesanti
Secretária de Pós-Graduação Stricto Sensu

DEDICO este trabalho, de forma especial, à minha querida amiga e eterna orientadora Maria Regina Momesso, que foi a primeira pessoa a visualizar a importância de pesquisar o Corpo e a Sexualidade nas redes sociais. Sem sua visão crítica e apoio incondicional por meio de leituras e oportunidades em Congressos dentro e fora do Brasil, nunca teria alargado meus horizontes sobre a amplitude e a importância desse tema para o homem e a sociedade contemporânea. Por isso, muito obrigado, serei eternamente grato.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, irmãos e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

À professora Maria Flávia Figueiredo, pela paciência na orientação frente a tantas mudanças que ocorreram em tão pouco tempo, o seu empenho tornou possível a conclusão dessa dissertação.

À professora e coordenadora do curso Vera Lucia Rodella Abriata, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento dessa dissertação.

Aos professores Paulo Rennes Marçal Ribeiro, Marília Giselda Rodrigues e Glória Maria Palma que contribuíram na leitura e no aperfeiçoamento do texto.

Aos amigos e colegas, Eduardo, Elisângela, Leny, Rafael, Carla, Suzi, Renata, pela caminhada juntos, incentivo e apoio constantes.

RESUMO

SANTOS, Fausi dos. **Corpo e sexualidade nas redes sociais:** O advento do ciberespaço (re)significando e (re)construindo a noção de "si" do sujeito contemporâneo. 104 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca.

Esta dissertação é parte do Projeto do Observatório da Educação da Unifran. Surge da premissa de que o discurso sobre o Corpo e a Sexualidade dentro da escola, na maior parte das vezes é controlado ou apagado ou omitido por diversos motivos e circunstâncias. No entanto, os jovens do Ensino Médio, fora da escola, principalmente nas redes sociais discursivizam sobre seu corpo e sua sexualidade. Portanto, uma pesquisa que possa observar e analisar quais as práticas discursivas e identitárias se fazem em sites de relacionamento e na internet pode dar subsídios para pensar os discursos sobre o corpo e a sexualidade dentro da escola. Analisar discursivamente o Corpo e a Sexualidade enquanto gesto de interpretação do pensamento em diferentes campos de enunciação social não é tarefa fácil, pois esbarra na constatação de que as produções subjetivas margeiam variados efeitos de sentido em diferentes épocas, contextos sociais e existenciais. Qualquer abordagem interpretativa séria, leva em consideração os diferentes posicionamentos que o sujeito discursivo e enunciador ocupa em determinados contextos e situações; daí a necessidade de observar o corpo e a sexualidade não como um fato dado e fechado em si mesmo, conceitualmente, mas como realidades em processo que, em diferentes épocas, manifestam efeitos de sentido variados. Sendo assim, o objetivo central desta dissertação é identificar e refletir acerca dos modos de ler e ver o corpo e a sexualidade em redes sociais e analisar os efeitos de sentido que (re)significam e (re)constroem discursivamente a noção de si no ciberespaço. O corpus de análise configura-se, primeiramente, nos discursos de interação do homem com a máquina enquanto plataforma informacional e computacional e, depois, nas práticas discursivas e produções de sentido que essa interação produz e desenvolve na forma do homem enunciar e subjetivar seu corpo e sua sexualidade. Foi analisada uma comunidade que oferece serviços de relacionamento virtual, como forma de entender os processos de apresentação de si produzidos discursivamente pelos usuários da rede. A comunidade se intitula: *Badoo*. O arcabouço teórico utiliza os conceitos estabelecidos na obra de Michel Foucault, *História da Sexualidade*, que será um dos pontos de referência, pois se revela uma ferramenta essencial no entendimento dos mecanismos de poder e de saber utilizados pela sociedade na construção de enunciações. Estas exercem influências fundamentais na estruturação da subjetividade ou da identidade do sujeito "sexual". O conceito foucaultiano de "sujeito assujeitado" reforça a hipótese de que a existência das redes sociais como plataforma utilizada na manifestação dos desejos e frustrações sobre temas relacionados à sexualidade (opção sexual, discriminação de gênero, homofobia, corpo e sexo) colabora na elaboração de enunciações que denunciam mudanças significativas na percepção de si e na elaboração de novos dispositivos de manifestação da sexualidade. As atuais máquinas informacionais e comunicacionais não se contentam em veicular conteúdos representativos, mas concorrem igualmente para a confecção de novos Agenciamentos de enunciação (individuais e/ou coletivos). Outros teóricos também são utilizados, tais como: Eni P. Orlandi, Eva Illouz, Zygmunt Bauman, Denise Bernuzzi de Sant'Anna, Giovanne Reale, Mary Del Priore, Peter N. Stearns,

Dominique Maingueneau, Félix Guattari, Adauto Novaes. Sendo as maquinarias das redes sociais hoje utilizadas como tecnologias de si, questiona-se qual influência elas exercem no contexto de elaboração de enunciações sobre a sexualidade e o corpo. E ainda, como essas maquinarias exercem poder de suporte na produção de subjetividade? Desta forma, acredita-se estabelecer alguns pontos de reflexão para melhor entender os modos de ler e ver a sexualidade e o corpo e, consequentemente, os discursos elaborados nas redes sociais e em outras plataformas de produção de leitura e texto.

Palavras-chave: corpo; sexualidade; redes sociais; práticas discursivas; subjetividade.

ABSTRACT

SANTOS, Fausi dos. **Corpo e sexualidade nas redes sociais:** O advento do ciberespaço (re)significando e (re)construindo a noção de "si" do sujeito contemporâneo. 104 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca.

This dissertation is part of the project "Education Observatory" of Unifran. It assumes that the discourse about the body and sexuality within the school, in most cases, is controlled or deleted or omitted for various reasons and circumstances. However, young people of high school, out of school, especially in social networks write about their bodies and their sexuality. Therefore, research that can observe and analyze what the discursive practices and identity are in relationship and internet sites, you can make allowances for thinking discourses about the body and sexuality within the school. Discursively analyze the Body and Sexuality as a gesture interpretation of thought in different fields of social utterance is not an easy task as bumps on the finding that the subjective production of meaning bordering varying effects in different eras, social and existential contexts. Any serious interpretive approach takes into account the different positions that the discursive subject and enunciator occupies in certain contexts and situations, hence the need to observe the body and sexuality as a given and not closed in on itself, conceptually fact, but as realities process at different times manifest effects of varying direction. In this sense, the central objective of this dissertation is to identify and discursively reflect the modes of reading and seeing the body and sexuality in social networks and analyze the effects of meaning that (re)signify and discursively (re)construct the notion of self in cyberspace. The corpus analysis configures itself, first, in the speeches of interaction between man and machine while informational and computational platform and then the discourse practices and productions of meaning that this interaction produces and develops in the form of man and enunciate your body subjectivise and their sexuality. A community that offers virtual relationship services as a way to understand the processes of self-presentation discursively produced by users of the network was analyzed. The community is entitled: Badoo. The theoretical framework utilizes the concepts established in the work of Michel Foucault, History of Sexuality, which will be a landmark because it reveals an essential tool in understanding the mechanisms of power and knowledge used by the company in the construction of utterances. These exert fundamental influences on the structuring of subjectivity or identity of the "sexual" subject. The Foucaultian concept of "subjugated subject" reinforces the hypothesis that the existence of social networks as a platform used in manifesting your desires and frustrations on topics related to sexuality (sexual orientation, gender discrimination, homophobia, body and sex), collaborates in the preparation enunciations denouncing significant changes in perception of self and the development of new devices manifestation of sexuality. Current informational and communicational machines are not content to convey representative contents, but also contribute to the making of new assemblages of enunciation (individual and/or collective). Other theoreticians are also used, such as: Eni P. Orlandi, Eva Illouz, Zygmunt Bauman, Denise Bernuzzi Sant'Anna, Giovanne Reale, Mary Del Priore, Peter N. Stearns, Dominique Maingueneau, Félix Guattari, Adauto Novaes. As the machinery of social networks used today as technology itself, which questions whether they exert influence in the context of preparation of utterances about sexuality and the body. And yet, as these machineries exert power to support the production of subjectivity?

Thus, it is believed to establish some points of reflection to better understand the ways of reading and view sexuality and the body and hence the elaborate speeches on social networks and other platforms for producing and reading text.

Keywords: body, sexuality, social networking, discursive practices; subjectivity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Vênus de Willendorf	25
Figura 2 –	Diálogo de Édipo com a Esfinge	30
Figura 3 –	Imagem da Capa Veja	51
Figura 4 –	Análise da imagem	53
Figura 5 –	Imagem do blog “Erro Gramatical”	67
Figura 6 –	Imagem do blog *Generación Y*	73
Figura 7 –	Página de apresentação do site Badoo	83
Figura 8 –	Página de cadastro Badoo	85
Figura 9 –	Autodescrição e interesses no site –Usuário 01	86
Figura 10 –	Autodescrição e interesse no site – Usuário 02	87
Figura 11 –	Personalidade tímida	88
Figura 12 –	Personalidade extrovertida	90
Figura 13 –	Personalidade ousada	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

1 CORPO E SEXUALIDADE COMO TERRITÓRIO DE TRANSIÇÃO SIMBÓLICA: CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA NOÇÃO DE "SI" NA HISTÓRIA. 18

1.1 GESTOS DE SUBJETIVAÇÃO: AS DIFICULDADES PARA REALIZAR UMA HISTÓRIA DO CORPO E DA SEXUALIDADE 18

1.2 RELAÇÕES DE PODER: GESTOS PARA CONTROLE DO CORPO E DA SEXUALIDADE 23

1.3 CORPOS VIBRANTES: RELAÇÕES DE PODER NA FORMAÇÃO DO CORPO E DA SEXUALIDADE IDEAIS 27

1.4 NOÇÕES DO CORPO NA MODERNIDADE – ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO: DO CONT;ROLE DO SABER CIENTÍFICO AO CONTROLE DO MERCADO 30

1.5 ESCOLA COMO CAMPO DE ENUNCIAÇÃO AO DISCURSO DO CORPO E DA SEXUALIDADE 36

1.6 SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO: ESPAÇOS DE SILÊNCIO E DE TABUS 40

2 FLUIDEZ DAS RELAÇÕES HUMANAS: EFEMERIDADE DOS AFETOS E A FRAGMENTAÇÃO DA NOÇÃO DE SUJEITO 44

2.1 SOCIEDADE LÍQUIDA E O PROCESSO DE ASSUJEITAMENTO NA NOÇÃO DE SUBJETIVIDADE 44

2.2 A CRISE DOS VALORES E A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE 46

2.3 A SEXUALIDADE NAS TRAMAS FLUIDAS DO DISCURSO MERCADOLÓGICO DA VENDA DE UM PRODUTO RARO. 50

2.3.1 A formação do sujeito moral 53

2.3.2 A imagem e o produto 56

3 HOMEM-MÁQUINA: AS PRODUÇÕES DISCURSIVAS E OS PROCESSOS DE SUBJETIVIDADE DESENVOLVIDOS NA INTERAÇÃO DO SUJEITO COM REDES DIGITAIS 61

3.1 OS LIMITES DO CORPO NA REDE: UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO FILOSÓFICA. 61
3.2 SERÁ O FIM DO CORPO? 65
3.3 NATIVOS DIGITAIS: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A INTERAÇÃO DA GERAÇÃO Z COM O CIBERESPAÇO 68
3.3.1 Erro Gramatical: prática escrileitora nas redes sociais 72
4 COMPORTAMENTO DISCURSIVO DOS USUÁRIOS NOS SITES DE RELACIONAMENTO: (RE)CONSTRUÇÃO E (RE)SIGNIFICAÇÃO DA NOÇÃO DE SUJEITO 78
4.1 AS RELAÇÕES DE AFETO NAS REDES SOCIAIS 78
4.2 O "EU" COMO CONSTRUÇÃO DISCURSIVA EM SITES DE RELACIONAMENTO 84
4.2.1 Badoo: autodiscurso e a (re)construção da noção de si no ciberespaço 87
4.3 QUE CORPO É ESTE? 95
CONSIDERAÇÕES FINAIS 98
REFERÊNCIAS 102

INTRODUÇÃO

A presente dissertação é parte do Observatório da Educação da Universidade de Franca. Surge da premissa de que o discurso sobre o Corpo e a Sexualidade dentro da escola, na maior parte das vezes é controlado ou apagado ou omitido por diversos motivos e circunstancias. No entanto, os jovens do Ensino Médio, fora da escola, principalmente nas redes sociais discursivizam sobre seu corpo e sua sexualidade. Portanto, uma pesquisa que possa observar e analisar quais as práticas discursivas e identitárias se fazem em sites de relacionamento e na internet, pode dar subsídios para pensar os discursos sobre o corpo e a sexualidade dentro da escola.

No entanto, como falar de corpo e sexualidade nas redes sociais ignorando toda a história sobre os variados gestos de leitura e interpretação do corpo? Não seriam as plataformas computacionais mais um suporte para a partir dele se construir discursivamente a noção do "corpo digital?" Não seria essa noção muito similar ao que outros povos do passado utilizaram, pelos regimes de saberes e poderes, para produzir o corpo do guerreiro (Esparta), do político (Atenas) ou do Rei (Monarquias)? Entender os efeitos de sentido produzidos a partir da noção de corpo em diferentes momentos e culturas até a contemporaneidade demonstrará que o espaço que esse corpo ocupa no ciberespaço, é feito de transitoriedades, um corpo produzido discursivamente e que produz nas redes efeitos de sentido bem determinados. O corpo da criança que manuseia tais maquinarias computacionais, bem como, o corpo do jovem adolescente que acessa variadas páginas de relacionamento e está conectado 24 horas por dia, passa necessariamente por uma mudança conceitual e discursiva, na medida em que os limites físicos são quebrados pela digitalização, não havendo fronteiras que separem a criança ou o jovem de uma quantidade imensa de informação e possibilidades de interação e relacionamento. Fatores externos ao corpo, que se deslocam pelo ciberespaço com múltiplos efeitos de sentido, e que influenciam na elaboração de variadas noções de sujeito.

Nesse sentindo, é impossível ficar indiferente perante a máquina, ela obriga o sujeito a se refazer conceitualmente na rede. Seja na noção de um sujeito enquanto objeto de desejo sexual, ou como partidário de uma tribo ou tendência, ou ainda defensor de uma causa ambiental ou ecológica, não importa, na rede ele se faz e refaz pela linguagem e pelos saberes dominantes. Na rede digital, o sujeito do mundo real se transforma em sujeito de transitoriedades subjetivas.

Quais espaços sociais esse jovem ocupa? Além da rua, do shopping e das festas, ocupa também o espaço escolar. Escola com seu regime de saberes e suas relações de poder próprias que constrói pelo regime disciplinar uma ordem discursiva, muitas vezes fechada ou avessa às transformações existências e subjetivas desse sujeito rizomático[1] e aberto, fruto de uma sociedade líquida e fluída nas relações e dotada de tecnologias descorporificadoras como a internet.

Como falar da representação discursiva da sexualidade e do corpo nas redes sociais frente a uma sociedade que incorporou nos últimos 20 anos o uso sistemático das maquinarias computacionais ao seu cotidiano?

Há quem pense como Félix Guattari que a presença dessas ferramentas nas atividades diárias tem poder suficiente para influenciar a constituição da própria subjetividade dos sujeitos, uma vez que afasta a "alma" das engrenagens corporais, dando origem às outras instâncias de elaboração conceituais.

Afirma Guattari (2011), que os conteúdos da subjetividade hoje, dependem cada vez mais, de uma infinidade de sistemas maquínicos. Seja o pensamento, os afetos, a narratividade, nada pode escapar atualmente à influência invasiva da "assistência do computador." Dessa forma, segundo Guattari, chega-se até a se indagar se a própria essência do sujeito não estaria ameaçada por essa híbrida "máquino-dependência."

O que Guattari chama de processos protossubjetivos é evidenciado na análise do comportamento dos indivíduos perante a máquina, especificamente nas redes sociais que se tornou nas últimas décadas um recanto de expressão e exteriorização dos variados processos de subjetivação. A mistura de enriquecimento e empobrecimento que resultou disso tudo se revela por um lado na aparente democratização do acesso aos saberes, na mestiçagem planetária das culturas, no encurtamento das relações humanas, mas também traz novos problemas, tais como, o fechamento do indivíduo em um universo segregacionista e pessoal, a

[1] O conceito de Rizoma pertence ao regime de sentido do universo da botânica criado por Guilles Deleuze (1925-1995), o qual o liga a uma realidade ou objeto dotado de múltiplos pontos de intersecção, com produções variadas e movimentadas pela dinamicidade da realidade, ou devir de transformação de todas as coisas.

quebra da privacidade, o descontrole de informações pessoais lançadas na rede, a dificuldade de dissociação entre o real e o virtual.

Ao utilizar os estudos da Análise do Discurso de linha francesa, nota-se que a absorção quase totalitária das maquinarias computacionais nas atividades humanas se torna um campo fecundo de enunciação que produz múltiplos efeitos de sentido, tanto discursivos, como subjetivos. Será que a noção de sexualidade e corpo nessas redes de enunciação, também sofrem esse processo de (re)significação e (re)construção de sentidos? Esse questionamento é o fio condutor que orientará os esforços desta pesquisa, uma vez que evidencia a necessidade de analisar discursivamente quais efeitos de sentido são produzidos pelos gestos de leitura e escrita dos usuários da rede.

Nesse sentido, o **objetivo central** desse estudo repousa na análise das práticas discursivas sobre a Sexualidade e o Corpo nas redes sociais e o processo de (re)significação e (re)construção discursiva de "si" no ciberespaço. Já os **objetivos específicos** se concentram em: a) analisar as diferentes noções conceituais construídas sobre o corpo e a sexualidade ao longo da história, e entender os variados efeitos de sentido produzidos discursivamente em diferentes épocas até a realidade contemporânea, permeada pelas redes digitais; b) Analisar a noção da fluidez e a efemeridade dos afetos nas relações humanas na sociedade contemporânea, e constatar que o processo de assujeitamento discursivo, que a noção de sujeito hoje vive, passa pelos saberes e poderes da sociedade de consumo que converte o corpo e suas expressões em mercadoria; c) Refletir a (re)significação do eu nas redes computacionais e informacionais e a interação do homem com a máquina, bem como, as produções discursivas e os processos de subjetividade desenvolvidos a partir dessa interação; d) Analisar a produção de sentidos em relação à noção do amor, do corpo e do sexo que circulam nas redes sociais, especificamente na comunidade de relacionamento: Badoo.

O aporte teórico encontra-se à luz da perspectiva discursiva francesa de origem pecheutiana e foucaultiana. Para este trabalho foram utilizadas as obras de Michel Foucault, *História da Sexualidade* (2007), que auxilia na construção sobre a noção de corpo ao longo do pensamento ocidental desde a Grécia antiga, juntamente com os conceitos de Félix Guattari no artigo *Da produção de Subjetividade* (2011), que remete ao questionamento de qual é a influência que as redes computacionais estão exercendo sobre a constituição do sujeito, o pensamento de Zygmunt Bauman no livro *Amor Líquido* (2004), que trata da fragilidade dos laços humanos na contemporaneidade, e Jean-Jacques Courtine, *Análise do Discurso Político* (2008). Para discutir as bases da apresentação de si por meio das redes digitais foi utilizado o pensamento de Eva Illouz na obra, *O amor nos tempos do capitalismo* (2011). Sobre a

subjetividade contemporânea e os componentes discursivos da apresentação do eu, utilizou-se o pensamento de Denise Bernuzzi de Sant'Anna na obra *Corpos de Passagem* (2001).

Foram recolhidas produções discursivas das redes sociais destinadas a Relacionamento, tais como, Badoo. O site possui uma formatação autodescritiva no qual o usuário preenche um longo questionário para criar seu perfil. Esse perfil é cruzado com o perfil de supostos pretendentes que se familiarizam com a descrição. A pesquisa não utilizou imagens ou nomes por questão de privacidade. A coleta de dados durou um ano e durante esse tempo foram analisadas descrições de alguns usuários quanto ao que procuram ou desejam em seu par perfeito.

Todo material foi recolhido a partir de postagens dos perfis, sem a identificação do usuário, apenas a descrição de como ele se apresenta discursivamente: o que gosta de fazer, seus padrões de gosto e traços de personalidade e o que procura no site de relacionamento. Em posse desses dados foi possível desenvolver os vários perfis discursivos encontrados nesses sites de relacionamento, bem como, o tipo de subjetividade produzidos nos mesmos.

Foi utilizada como dispositivo teórico-metodológico, a Análise de Discurso de origem pecheutiana e foucaultiana, a fim de demonstrar as interfaces discursivas elaboradas nessas postagens que evidenciam a apresentação de si elaborada pelos usuários na condição de busca de parceiro amoroso. Há uma preocupação em analisar o imaginário do homem, a partir do controle exercido pelas instituições de poder (família, Estado, religiões, ciência e a educação), na significação do corpo e da sexualidade. Como ponto de partida, tomamos a obra de Michel Foucault, *História da Sexualidade,* que se revela uma ferramenta fundamental na arqueologia dos saberes e dos poderes que a sociedade exerce na estruturação da subjetividade. Já na abordagem das práticas da expressão e história do corpo, utilizamos o texto de Jean-Jacques Courtine, *Análise do Discurso Político*. Courtine se interessa, a partir da Análise de Discurso, em refletir por diferentes campos de saberes, as transformações da sensibilidade social e cultural sobre o corpo e suas manifestações ao longo da história. Desta forma, acreditamos estabelecer alguns pontos de reflexão para melhor entender os discursos elaborados nas redes sociais e em outras plataformas de produção textual.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo trata da noção de sexualidade e corpo ao longo da história. Evidencia que em diferentes épocas determinados gestos de interpretação sobre o corpo e a sexualidade foram desenvolvidos por diferentes culturas dando origem a diferentes instrumentos de poder e saber utilizados pelas instituições (Estado, religião, família, educação) na ordenação dos discursos sobre o corpo e a

sexualidade. O capítulo trata ainda da dificuldade em estabelecer um discurso aprofundado e frutífero sobre Sexualidade e Corpo nas escolas, uma vez que ainda existem elementos tabuísticos (morais, religiosos, etc) que dificultam a circulação de um discurso efetivo sobre a subjetividade do corpo. Muitas vezes, a prerrogativa desse discurso fica restrito ao campo das ciências e da biologia que trata o assunto desde a dimensão biológica apenas, deixando de lado os aspectos subjetivos voltados à produção erógena dos corpos e as dimensões de relacionamento.

O segundo capítulo analisa a noção da fluidez e a efemeridade dos afetos nas relações humanas na sociedade contemporânea. A fragmentação da noção de sujeito e o processo de assujeitamento causado pela sociedade de consumo são as principais hipóteses deste capítulo. A partir de uma breve reflexão sobre a noção de sujeito como gesto de produção discursiva, o estudo demonstra como a sociedade capitalista desenvolveu mecanismos para ordenar os discursos e produzir uma noção de sujeito massificado e assujeitado pelo poder de mercado. Por fim, foi analisado o caso da jovem catarinense Ingrid Migliorini, que leiloou a virgindade pela internet, como exemplificação do processo de assujeitamento.

Ao analisar a fragmentação da noção de sujeito na contemporaneidade abre-se a discussão sobre a interação do homem com a máquina, bem como, as produções discursivas e os processos de subjetividade desenvolvidos a partir dessa interação. Esse é o objetivo do terceiro capítulo, analisar a (re)significação do eu nas redes computacionais e informacionais. Problemas tais como, a representação dos limites do corpo no mundo real e os novos gestos de significados que ele ganha nas redes digitais sendo ampliado e (re)construído discursivamente. A quebra da noção de tempo e espaço e a projeção que mente alcança na rede, podendo se deslocar de um lugar a outro num apertar de tecla, também será discutido.

O quarto capítulo adentra o universo do comportamento discursivo dos usuários do site de relacionamentos pesquisados intitulado *Badoo*. Primeiramente foi analisada a produção de sentidos em relação à noção do amor, do corpo e do sexo que circulam nessas plataformas informacionais. A partir dessa análise estudou-se a incidência ou presença do ciberespaço nesse tipo de produção. A busca do par perfeito em sites de relacionamento se dá por meio da construção de um "eu" discursivo (re)siginificado e (re)apresentado nas plataformas do ciberespaço.

1 CORPO E SEXUALIDADE COMO TERRITÓRIO DE TRANSIÇÃO SIMBÓLICA: CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA NOÇÃO DE "SI" NA HISTÓRIA.

Ainda não vi ninguém que ame a virtude tanto quanto ama a beleza do corpo.
Confúcio

1.1 GESTOS DE SUBJETIVAÇÃO: AS DIFICULDADES PARA REALIZAR UMA HISTÓRIA DO CORPO E DA SEXUALIDADE

É absolutamente impossível uma história do Corpo e da Sexualidade quanto evento linear e ordenado ao longo das diferentes épocas. Qualquer interpretação esbarra nos diferentes gestos de leitura utilizados em variadas culturas e civilizações como processo de simbolização e busca de significado dessa dimensão tão íntima no homem. Incontáveis são os caminhos e variadas as formas de abordagem sobre a construção e reconstrução da noção de corpo e de suas produções em todas as épocas. Existiram culturas que subjetivaram o corpo pelo viés religioso, outras tantas o dimensionou pelas produções biológicas e sexuais, outras ainda pela arte e contemplação estética, muitas o observaram pela medicina e o olhar fisiológico, algumas vendo nele a fonte e a origem do mal e outras tantas como canal ou porta de libertação da vida terrena.

O corpo é múltiplo em produções de efeitos de sentido ao deixar em cada época seu traço e significado e ao trazer registrado em si, o símbolo e a marca de uma época ou de um conjunto de valores. É o corpo do Rei que traz a marca do poder no manto sobre os ombros, a coroa signo do domínio sobre a cabeça e o cetro real em uma das mãos como sinal de controle e pastoreio. Ou ainda, é o corpo do guerreiro africano que no ritual de iniciação deve trazer as marcas da ruptura de nível. Sinais da quebra de uma situação anterior de criança para o corpo do homem guerreiro, pronto para a batalha e o casamento, por isso seu corpo é o templo que deve carregar os sinais de sua nova condição, sejam nas marcas do rosto feitas com ferro quente, no furo da orelha e do nariz ou ainda nas chicotadas por todo corpo que marcarão para sempre o evento de morte para uma condição anterior e o renascimento

para uma situação posterior.

De fato, mesmo o corpo do homem contemporâneo também traz em si os traços dos valores e saberes de uma época, pois hoje o corpo mais do que nunca é a vitrine do sucesso ou do fracasso de alguém, sendo mensurado e formatado a todo instante em padrões e referenciais unívocos que devem ser almejados e desejados por todos. A medicina, a moda e o mercado se apossam do corpo e sobre ele constroem a noção do corpo como produto. O corpo como objeto, constructo ou esboço das clínicas estéticas onde é medido, cortado e moldado. O corpo das academias que é recriado por exercícios físicos, tonificado e hipertrofiado ao extremo, ao ponto de se tomar proporções artificiais. Ou ainda, o corpo das dietas, que em função de uma cultura da magreza, se submete a regimes pesados e violentos que testam os limites da anorexia e da bulimia, inserindo o indivíduo em uma ditadura das disciplinas do peso.

Portanto o corpo e suas produções marcam e criam identidades perenes em diferentes épocas por meio de discursos que estabelecem saberes e legitimam poderes. A historiadora Denise Bernuzzi de Sant'Anna escreve a esse respeito,

> território tanto biológico quanto simbólico, processador de virtualidades infindáveis, campo de forças que não cessa de inquietar e confortar, o corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida. Verdadeiro arquivo vivo, inesgotável fonte de desassossego e de prazeres, o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de sua subjetividade e de sua fisiologia mas, ao mesmo tempo, escondê-los. Pesquisar seus segredos é perceber o quanto é vão separar a obra da natureza daquela realizada pelos homens: na verdade, um corpo é sempre "biocultural", tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual (SANT'ANNA, 2004 p. 3).

Por possuir essa dimensão biocultural, a história do corpo é feita de rupturas, ondulações e cismas, pois cada sociedade desenvolveu instituições (família, educação, justiça, Estado, política, etc) a fim de estabelecer determinadas relações de poder não somente para o controle sobre os corpos, mas também para orientá-los, educá-los e discipliná-los a um ideal de homem ou cidadão que cada cultura ou grupo almejava socialmente.

De fato foram desenvolvidos em cada cultura gestos de interpretação ao corpo. Justamente pelas mudanças em sua forma, peso e desejos que muitas vezes o faz ser um objeto de estranhamento ao próprio indivíduo que não se reconhece no próprio corpo. Esta multiplicidade de produções, que afloram e desaparecem, arrastam o indivíduo a determinadas atitudes e escolhas e o limita nos desejos e fantasias da mente é o que dá origem a um conjunto de saberes e poderes em diferentes povos, como tentativa de racionalizar e ordenar por meio de preceitos de ensino e aprendizagem a violenta e muitas anárquica produções do

corpo e de suas expressões. Gestos revestidos com técnicas específicas para controlar, ordenar, e fazer circular por meio do corpo os saberes e valores daquilo que uma determinada cultura estabelece como verdadeiro.

Como bem afirma Denise Sant'Anna,

> são antigas as tentativas de minimizar os efeitos do que é desconhecido nos corpos. Da religião à ciência, passando por diferentes disciplinas e pedagogias, a vontade de manter o próprio corpo sob controle, se possível desvendando-o exaustivamente, caracteriza a história de numerosas culturas (SANT'ANNA, 2004, p. 4).

Os mecanismos de controle sobre os efeitos desconhecidos dos corpos desenvolvidos por cada cultura passa necessariamente como bem afirma Sant'Anna por diferentes disciplinas educativas com a função de domesticar e civilizar as pulsões e desejos primitivos. Talvez um dos mecanismos de controle mais antigos seja a religião, pois quando se analisa a relação do homem primitivo com o corpo e a sexualidade é notado o papel que os preceitos religiosos irão exercer sobre a economia do corpo.

O historiador Peter N. Stearns, autor da obra *História da Sexualidade* (2010), afirma que o advento das grandes religiões nas diferentes civilizações antigas foi decisivo na mudança de postura do homem coletor, caçador sobre seu corpo e o sexo. Os preceitos religiosos deram origem à moral do controle sobre o corpo. Afirma Stearns a respeito da ação das religiões nas civilizações humanas,

> o advento das grandes religiões teve impacto decisivo sobre a sexualidade, em alguns casos propiciando novas justificativas e normas para padrões já estabelecidos, e em outras instâncias introduzindo consideráveis mudanças – por exemplo, nas maneiras de encarar a homossexualidade (STEARNS, 2010, p. 19).

No entanto, conforme Stearns, a ação das religiões sobre os povos antigos se dá muito mais com a preocupação com o controle da natalidade e na ordenação da poligamia ou monogamia do que propriamente na atenção ao corpo e suas pulsões sexuais. A necessidade de sobrevivência dos pequenos grupos humanos, a atenção ao alimento, água e segurança eram os componentes mais importantes para esses grupos e não a atenção aos perigos dos desejos do sexo, ou as proibições aos prazeres, tais características poderiam circular livremente entre os indivíduos.

> o estilo de vida nômade e as limitadas fontes de comida impediam qualquer desejo de ter muitos recém-nascidos e impunham, também, uma necessidade de espaçar os filhos em intervalos de sete anos. A importância do sexo para procriação era óbvia, conforme é sugerido em grande parte da arte primitiva; contudo, em demasia o sexo para a procriação era um perigo (STEARNS, 2010, p. 25-26).

Segundo Stearns o conjunto de saberes desenvolvido pela religião na antiguidade se concentra em práticas ritualísticas para diminuir a fertilidade do homem e da mulher a fim de controlar a natalidade e não no combate ao prazer e ao desejo. Práticas de anticoncepção eram veiculadas com frequência para evitar o descontrole demográfico. Técnicas tais como: a mulher amamentar seu filho por longos períodos, até seis anos de idade ou mais. Isso garantia alimento para a criança e também restringia a capacidade da mãe de dar à luz outro filho. Outra técnica contraceptiva envolvia a consciência da fertilidade por parte da mulher, ou seja, a mulher monitorava seu ciclo menstrual de modo a evitar relações sexuais durante os dias de pico da fertilidade. Por fim, os casais podiam simplesmente abster-se do sexo, ou pelo menos do sexo com penetração, por longos períodos. Stearns afirma ainda, que além desses métodos outros tantos foram desenvolvidos, como o uso de ervas para banhos de assento para a mulher, chás e compostos para diminuir a fertilidade, entre outras técnicas.

Sobre o uso de elementos naturais como anticontraceptivos vale ressaltar que variadas culturas sempre trataram o corpo e as doenças por meio de variadas substâncias retiradas da natureza. Denise Sant'Anna descreve que tal pratica está ligada à visão do corpo como um microcosmo no seio do macrocosmo, ou seja, o corpo em si é uma realidade unitária que traz em si todos os elementos presentes no meio ambiente,

> inúmeras culturas do passado trataram do corpo doente com chás caseiros, alimentação natural e medicamentos não-industrializados. Para elas, a natureza deveria ser uma referência essencial ao conhecimento e ao cuidado dos corpos. [...] durante séculos, a natureza serviu de referência fundamental à vida humana: a medicina se misturava à astrologia enquanto a saúde dependia de vários fatores externos, incluindo as características das estações do ano e as variações do clima. [...] Hipócrates era particularmente sensível à ideia de que a natureza condicionava a saúde humana: é a natureza que cura o homem (SANT'ANNA, 2004, p. 7).

Tais atividades pedagógicas no controle da natalidade restringiram de certa forma a livre circulação do sexo nas primeiras sociedades. No entanto, a restrição ao corpo erógeno não se confunde com a rejeição ao sexo propriamente dito, uma vez que rituais agrícolas ligadas a divindades da terra e da fecundidade eram bem comuns nesses primeiros grupos.

Segundo Stearns, um exemplo desse gesto de valorização do corpo e da sexualidade encontra-se na figura feminina da Vênus de Willendorf (2500 a 2000 a.C) encontrada na Áustria. Trata se de uma estatueta em pedra, sem rosto e de formas avantajadas que sugerem atributos considerados eróticos, como boa saúde e capacidade reprodutiva. A

imagem valoriza a mulher como centro da cultura agrícola dos primeiros povos, bem como, da singular importância ao corpo e ao sexo como porta de acesso entre a fertilidade da mulher e a fecundidade da terra.

Figura 1 - Vênus de Willendorf
Fonte: Galeria de fotos Wikipedia

Dessa forma, se percebe a grande quantidade de gestos de leitura e interpretação utilizadas no entendimento do corpo e de suas produções. Em diferentes povos e momentos da história variados posicionamentos discursivos foram tomados no entendimento das produções subjetivas do corpo. Culturas tão diversas criaram técnicas de si para ordenar e controlar desde as pulsões até as ideias e poderes exercidos pelos corpos. Como bem afirma Denise Sant'Anna,

> assim, diferente de uma história do corpo, talvez seja mais instigante e viável realizar investigações sobre algumas das ambições de governá-lo e organizá-lo conforme interesses pessoais ou coletivos. Pois cada vontade de manter o corpo sobre controle, por exemplo, é constituída por fragilidades e potências, expressando especificidades e generalidades culturais (SANT'ANNA, 2004, p. 4).

Analisar os gestos de subjetivação sobre o corpo e a sexualidade a partir do conceito das Relações de Poder[2] utilizadas por diferentes culturas a fim de governar e

[2] O conceito Relação de Poder pertence ao Filósofo Michel Foucault. Para Foucault, o poder não existe, o que existe são as relações de poder. No entender de Foucault, o poder é uma realidade dinâmica que ajuda o ser humano a manifestar sua liberdade com responsabilidade. A ideia tradicional de um poder estático, que habita

organizar os interesses pessoais e coletivos sobre os corpos torna mais interessante o percurso da análise. Os componentes de poder e saber que circulam entre os corpos e modalizam suas produções confere maior entendimento no processo do corpo e da sexualidade como território de transição simbólica.

1.2 RELAÇÕES DE PODER: GESTOS PARA CONTROLE DO CORPO E DA SEXUALIDADE

Michel Foucault (1926-1984) trata das relações de poder e constata que toda sociedade ordena os discursos que são elaborados pelos indivíduos a fim de diferenciar e fazer circular os bons discursos que contribuem para a estabilidade da sociedade, daqueles que são censurados, excluídos e postos numa posição marginal perante o grupo. Como afirma Foucault na obra *A ordem do Discurso*,

> suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade (FOUCAULT, 2001, p. 2).

Para Foucault, o poder em todas as sociedades, está ligado ao corpo. É sobre ele que se impõem as obrigações, as limitações e as proibições. Uma organização pastoral é construída para fazer circular entre as pessoas e grupos o poder, por meio do mecanismo da disciplina. A finalidade desse conjunto de disciplinas é controlar e ordenar o corpo. É sobre o corpo que se impõem as obrigações, as limitações e as proibições. É sobre o corpo que o poder circula livremente, saltando nas relações familiares, passando pela escola, adentrando o universo dos saberes científicos e políticos e vindo a tona nas relações do Estado. Daí surge a noção de docilidade, o corpo dócil pode ser submetido, utilizado, transformado, aperfeiçoado em função do poder.

Nesse sentido descreve Foucault,

> as relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre o que sabe e o que não sabe, entre pais e filhos, na família. Na sociedade há milhares, milhares de

---

em um lugar determinado, de um poder piramidal, exercido de cima para baixo, em Foucault é transformada. Ele acredita no poder como um instrumento de dialogo entre os indivíduos de uma sociedade. A noção de poder onisciente, onipotente e onipresente não tem sentido na nova versão, pois tal visão somente servia para alimentar uma concepção negativa do poder.

> relações de poder, e, por conseguinte, relações de forças, e assim pequenos enfretamentos, microlutas por assim dizer (FOUCAULT, 2009, p. 239).

As relações de poder para Foucault não se processam apenas por meio das Instituições sociais, mas antecedem a tarefa ordenadora destas, começando pela família, na relação entre pais e filhos. É na célula familiar que as primeiras disciplinas são aplicadas ao corpo da criança, seja na educação higiênica, no tratamento e cuidado do corpo, na postura que se toma em diferentes espaços: na mesa, no quarto, em como se portar perante os outros, em esconder e inibir os genitais, ou ainda, em que tom de voz se deve falar e que tipo de assunto deve se ignorar ou calar. A ação pedagógica exercida pelas disciplinas familiares será, segundo Foucault, o traço decisivo para a postura e apresentação de si de um indivíduo, pois as relações de poder e o conjunto de saberes instituídos sobre seu corpo figurarão como uma impressão ou carimbo que ele levará para a vida.

Talvez sejam nas Instituições sociais que as relações de poder sobre o corpo se mostram tão evidentes e sintomáticas, pois cada sociedade parte de um conjunto de saberes e valores que utiliza como base para formar o tecido social. Todos os gestos discursivos educacionais, valorativos e religiosos serão empenhados por essas Instituições (Estado, família, escola, justiça, medicina, religião) para efetivar e fazer circular tais conjuntos de saberes. Portanto, uma sociedade mulçumana, por exemplo, utilizará o conjunto de saberes inscrito no Corão para ordenar os gestos educacionais e valorativos sobre os corpos e a sexualidade de seu grupo. Uma sociedade medieval ancorada nos preceitos da ética cristã, utilizará o conjunto de saberes judaico-cristão inscritos na Bíblia e nos dogmas eclesiásticos para ordenar e racionalizar o tipo de homem e as classes sociais a qual ele fará parte.

Ainda sobre as relações de poder, Foucault, em sua obra *História da Sexualidade* (1984), no que tange ao controle que a Igreja exercerá sobre corpo e o sexo na Idade Média, afirma que coube ao cristianismo assumir o trabalho pastoral na educação e controle das pulsões sexuais. A emergência da vigília sobre as pulsões e paixões produzidas pelo corpo tem um sentido de ser, sendo o corpo substância corrompida pelo pecado original, marcado por forças enigmáticas e fortes suficientes para afastar o homem do caminho da salvação. O corpo deve ser submetido a um conjunto de disciplinas de mortificações físicas e espirituais, seja na autoflagelação, com o chicote ou silício, nas orações seguidas de jejum e abstinência absoluta de comida ou prazeres da carne. Tais economias disciplinares ascenderiam a alma em relação aos limites do corpo e levaria o homem à transcendência. O corpo nesse sentido seria um obstáculo a ser superado, anulado em prol de um bem ou

substância maior, a alma.

Afirma Foucault (1984),

> [...] em todos os países católicos, acelera o ritmo da confissão anual. Porque tenta impor regras meticulosas de exame de si mesmo. Mas, sobretudo, porque atribui cada vez mais importância, na penitência – em detrimento, talvez, de alguns ouros pecados – a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar, agora, e em detalhe, no jogo da confissão e da direção espiritual. O sexo, segundo a nova pastoral, não deve ser mais mencionado sem prudência; mas seus aspectos, suas correlações, seus efeitos devem ser seguidos até as mais finas ramificações: uma sombra num devaneio, uma imagem expulsa com demasia lentidão, uma cumplicidade mal afastada entre a mecânica do corpo e a complacência do espírito: tudo deve ser dito na confissão (FOUCAULT, 1984, p. 23).

A ação vigilante que a Instituição Católica exerce sobre o corpo e a sexualidade demonstra grande repressão sobre as expressões sexuais. A função do confessor em ouvir, instruir e aplicar a penitência e as restrições espirituais sobre os crentes produz todo o conjunto de saberes e técnicas de si que devem ser seguido a risca por todos a fim de superar as investidas da carne.

Contudo, tal concepção de saberes restritivos ao corpo e a sexualidade não podem ser atribuídos apenas ao cristianismo medieval, uma vez que na filosofia platônica encontra-se a origem de tal dualismo entre corpo e alma. Evidente que os efeitos de sentido no mundo grego são outros, lá não se combate o pecado, mas sim a *doxa* (a opinião, ou ilusão presente na matéria composta de multiplicidade e erro) em função da *episteme* (conhecimento racional e verdadeiro, baseado no exercício intelectual ou espiritual) único meio do homem atingir a sabedoria e a verdade (arché) libertando se da matéria.

Platão (427-347 a.C.) desenvolveu em sua filosofia uma dicotomia se comparada aos demais pensadores de sua época, pois estabeleceu uma clara oposição entre o corpo e a alma (aqui entendido como faculdade de pensamento). Tanto os filósofos pré-socráticos, como Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes, considerados os pais da filosofia, como os próprios estoicos e epicuristas não fizeram menção alguma da oposição dessas duas substâncias. Ao contrário, existe ainda nos traços da filosofia pré-socrática a concepção *monista* do cosmos, ou seja, tudo é um, corpo, alma, natureza e divindade.

O filósofo Giovanni Reale (1931) na obra *Corpo, alma e saúde: o conceito de homem de Homero a Platão* (2002), descreve que em muitos escritos Platão demonstrou a oposição substancial do corpo e do espírito. Afirma Reale,

> para ele [Platão], de fato, em muitos diálogos, o corpo é não só e não é tanto um "instrumento"a serviço da alma, e portanto algo sem o qual a alma não poderia exercitar as suas funções, mas é algo antitético à alma, e, sob certos aspectos, um

> obstáculo às funções que lhe são próprias. O homem para Platão e, portanto, em duas dimensões, ou seja, é constituído por dois componentes, sob certos aspectos em nítida antítese entre si (REALE, 2002, p. 175).

Segundo Reale, essa concepção dualista é apresentada, particularmente, no Fédon, mas é reafirmada em outros diálogos – por exemplo, no Górgias, no Crátilo e no Fedro.

Platão concebe um conjunto de procedimentos ou disciplinas como forma de libertar a alma do corpo, entendido por ele como "túmulo" da alma. No Crátilo, Platão discute a imagem do corpo como túmulo, baseando-se na correspondência *soma* (corpo) com o termo *sema* (túmulo), que se diferencia só pela variação de uma letra. Tal concepção repousa na ideia de que a substância que compõe o corpo é inferior se comparada à substância da alma, que uma vez encarnada (alma) nesse túmulo (corpo), passa por um processo de esquecimento. Daí a necessidade do exercício filosófico do pensamento crítico, como uma forma de libertação dos vícios do corpo, aproximando o homem de sua realidade primeira que é o conhecimento que já se encontra na alma.

Reale, ao analisar o corpo em Platão como sede ou origem do sofrimento e dos males, afirma,

> no Fédon sublinha-se nitidamente o aspecto negativo do corpo, com as afirmações seguintes: os sentidos são um impedimento à alma no que se refere tanto à vida moral quanto à vida cognoscitiva. O corpo, de fato, é apresentado como fonte de paixões, de medos, de todo gênero de vaidade. Do corpo, explica Platão, derivam os desejos de riqueza, e, consequentemente, o corpo é causa de guerras. Para conhecer o *ser* e para emancipar-se de todas as paixões, a alma deve libertar-se do corpo; e é a morte que liberta de modo total (REALE, 2002, p. 178-179).

O pensamento é a única forma de buscar a ascese da alma. A purificação viria pelo exercício filosófico, por meio do abandono das opiniões, frutos do conhecimento do senso comum, ligado à matéria e as multiplicidades do mundo sensível. O próprio corpo, com suas faculdades e desejos deve ser cuidado, a fim de buscar a harmonia entre as pulsões e vontades e o sentido maior que é a busca da sabedoria imaterial encontrada no mundo das ideias. Somente o exercício do raciocínio, mantendo uma relação de controle sobre os prazeres do corpo desligará o homem dos vícios materiais.

Por isso, as relações de poder exercidas pela cidade-Estado com o uso das disciplinas teriam como função preparar o cidadão da polis ao ideal da sabedoria. O essencial cuidado do corpo por meio da ginástica e a medicina tão valorizados no desenvolvimento educacional do indivíduo possui uma razão pedagógica apenas, que é harmonizar as

proporções do corpo por meio da saúde física para que as virtudes da alma possa se manifestar de forma livre e desimpedida.

1.3 CORPOS VIBRANTES: RELAÇÕES DE PODER NA FORMAÇÃO DO CORPO E DA SEXUALIDADE IDEAIS

Sobre o uso das relações de poder e os regimes de disciplinas utilizados para formar a noção de corpo ou de sujeito, vale lembrar que diferentes culturas utilizaram tais relações para produzir o ideal de corpo e as funções sexuais mais adequadas às suas necessidades valorativas e morais. Michel Foucault, em seus trabalhos orientados em direção a uma "genealogia do sujeito" (que é ao mesmo tempo, uma genealogia do sujeito moral e do sujeito do desejo), descreve no volume três da *História da Sexualidade* (2007), que as diferentes épocas produziram gestos de leitura peculiares sobre a formação do sujeito e as formas de seu corpo, pois a noção de "eu" se diferenciava bastante, dando origem a variadas "técnicas de si".

Já na mitologia grega existiram narrações que propunham gestos e economias de restrição ao corpo e ao sexo. Um dos mais célebres mitos da antiguidade, escrito pelo poeta Sófocles (497-406), intitulado *Édipo Rei*, narra a trágica história de Édipo que deve cumprir o destino (moira) de matar o pai e casar-se com a mãe. Por mais que Édipo fuja de tal maldição acaba por cumpri-la, pois para os Gregos do destino ninguém escapa. O preço pelo parricídio e o incesto com a mãe é por um lado a loucura de Jocasta que acaba por se enforcar e por outro, Édipo que perfura os próprios olhos pelo fato de ter contemplado o corpo nu da mãe.

O sentido moral do mito sugere uma economia de proibições e inibições para as tribos gregas divididas em pequenos vilarejos. Simbolicamente trabalha com a ideia de que ninguém deve levantar a mão aos pais e muito menos tocar o corpo de um parente próximo, sob pena de maldição dos deuses.

Figura 2 - Diálogo de Édipo com a Esfinge
Fonte: Arquivo Wikipedia

O Mito de Édipo é tão rico em seus efeitos de sentido que desprendeu o interesse de Sigmund Freud (1856-1939), o pai da psicanálise, que interpretou suas diferentes características ligadas ao inconsciente e desenvolveu as bases do funcionamento do aparelho cognitivo.

Outro exemplo sobre os regimes de saber e poder eram aqueles que circulavam em Atenas berço da democracia. As disciplinas de saberes e poder orientavam a formação do corpo do cidadão político, amante da sabedoria e das virtudes da moderação. Todo esforço das Instituições - Estado, família, educação, religião – focava os exercícios de pensamento, a arte da retórica pelos sofistas e os estudos da arte, principalmente da música, e os estudos sociais. O resultado era a formação do corpo aristocrata ou do rei filósofo.

Da mesma forma Esparta, ao utilizar as duras regras disciplinares sobre os corpos de homens e mulheres para a formação do cidadão guerreiro. Para tal objetivo, retirava os meninos aos sete anos da casa familiar, e em rígida disciplina militar eram submetidos a exercícios físicos e mentais, eram testados na fome e na sede, praticavam esportes a fim de modelar o corpo, eram afastados de determinados prazeres como o sexo com mulheres a fim de não perderem a força vital (espermatikós ou semente) no ato da cópula,

> a militarista cidade-Estado de Esparta oferecia algumas variantes incomuns do padrão tradicional: os homens eram tirados ainda bem jovens, de suas famílias e treinado na companhia de outros homens, e só visitavam as esposas (depois que ocorria o casamento) de maneira errática e pouco frequente, e com ênfase na importância da

> reprodução. As mulheres espartanas tinham um pouco mais de liberdade de movimento público do que as demais gregas, mas apenas como condição de comprometimento com a reprodução a serviço do Estado (STEARNS, 2010, p. 57).

Também as mulheres espartanas praticavam atividades físicas a fim de manterem a boa forma física e realizar várias funções sociais, como por exemplo: parir filhos fortes e saudáveis (os nascituros portadores de anomalias físicas eram mortos) e defender a cidade-Estado caso o exército de homens caíssem perante o inimigo. O fim de tais regimes disciplinares era a formação do corpo do guerreiro espartano, tão temido e admirado por outros povos na Grécia.

Segundo o historiador Harmony Heffron (2009) as mulheres espartanas possuíam privilégios inexistentes em outras Cidades-Estado gregas;

> contudo, às mulheres espartanas eram concedidos muitos mais privilégios do que a outras mulheres da sua época, porque os homens de Esparta contavam com mães fortes, orgulhosas e corajosas para produzir fortes, orgulhosos e corajosos soldados. [...] Elas treinavam frequentemente e participavam em corridas, provas de força, e lançando o disco e dardo. Na verdade, a primeira mulher a vencer a Olimpíada foi uma espartana. O seu nome era Cynisca e ela ganhou a corrida de quadriga, tanto em 396 A.C como em 392 A.C. [...]As mulheres espartanas tinham permissão de possuir propriedade e foram responsáveis por controlar as propriedades dos seus maridos, quando estes estavam na guerra. Elas também eram instruídas, uma prática que era quase inédita na época. Os outros gregos ficavam frequentemente muito chocados com a sagacidade e a "língua rápida" das mulheres espartanas. (HEFFRON, 2009, 55)

A sociedade feudal na Idade Média é outro modelo do uso de regimes disciplinares na formação de corpos e sujeitos específicos na ocupação de cargos e ofícios próprios na divisão das classes sociais. O conjunto de saberes de cunho contemplativo e universal, firmado sobre revelação divina e aplicado pelo magistério católico perpassa todas as classes sociais, desde a nobreza, com seus duques, marqueses, condes, cavaleiros e barões até o camponês ligado ao feudo e com os ofícios manuais. Educação específica para a formação do corpo de um homem com função específica. Segundo essa visão orgânica da sociedade, a partir de uma divisão tríplice da sociedade entre Clero, a nobreza e o camponês, o que refletia era a visão ideológica de uma sociedade de ordem criada divinamente e dividida entro os que rezam (o clero), os que lutam (a nobreza) e os que trabalham (os camponeses), doutrina instituída pelo clero e caso se afastasse dela seria um crime não só contra a ordem social, mas também contra Deus.

Denise Sant'Anna (2004), afirma a necessidade da atenção e cuidado sobre as noções do "eu" e sujeito existentes em cada época, especificamente entre o eu existente na Antiguidade e o eu produzido na sociedade medieval, tais noções trazem características e gestos simbólicos específicos de leitura e interpretação. Diz Sant'Anna nesse sentido:

> Ao mesmo tempo, existem muitas diferenças entre as duas épocas no que tange ao modo de conceber e de produzir "as técnicas de si", conforme expressão de Foucault. Antes dele, essas técnicas haviam sido nomeadas "exercícios espirituais", por Pierre Hadot. Nesses exercícios, a noção de "eu" se diferencia bastante daquela que conhecemos na época moderna. [...] Na Antiguidade, as noções de eu e de sujeito são bastante diferentes da nossa. Foucault mostra que houve uma lenta passagem de uma era em que a alimentação estava no centro das preocupações em bem administrar o corpo, para aquela em que, sobretudo a partir do século XII, a sexualidade ocupará este lugar central. Tendo em vista a transformação da sexualidade num problema que conclama a produção de saberes e de estratégias políticas de controle e de tratamento do corpo é que Foucault direciona os dois últimos volumes da *História da Sexualidade* (SANT'ANNA, 2004, p. 15).

Ora, se na Antiguidade a alimentação estava no centro das atividades sociais e somente a partir do século XII a sexualidade ocupará lugar central de importância, se questiona, qual espaço de interpretação e produção o corpo e a sexualidade ocupam na noção do sujeito contemporâneo? Quais gestos discursivos são utilizados na modernidade na formação da noção de sujeito, ou ainda, quais posicionamentos esse "eu" ocupa enquanto sujeito social?

1.4 NOÇÕES DO CORPO NA MODERNIDADE – ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO: DO CONTROLE DO SABER CIENTÍFICO AO CONTROLE DO MERCADO

Parece evidente a inversão na relação de poder e saber no controle do corpo e da sexualidade ocorridas a partir do século XVI no Renascimento. O corpo antes submetido à pastoral católica e inserido num contexto de sacralidade, na modernidade passa para um gesto de ordenação totalmente diferente, uma vez que se torna objeto do saber médico ou objeto de estudo da ciência.

Michel Foucault (1984) em sua *História da Sexualidade* descreve essa mudança conceitual, sendo o corpo e o sexo estudados quanto aos impactos que causam nas taxas de natalidade no espaço físico social,

> umas das grandes novidades nas técnicas de poder, no século XVIII, foi o surgimento da "população", como problema econômico e político: população-riqueza, população mão-de-obra ou capacidade de trabalho (...). Os governos percebem que não têm que lidar simplesmente com sujeitos, nem mesmo com um "povo", porém uma população com seus fenômenos específicos: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência de doenças, forma de alimentação e de habitat. [...] No cerne desse problema econômico e político da população: o sexo; é necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os mecanismos legítimos e ilegítimos. A precocidade e a frequência das relações sexuais, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas contraceptivas (FOUCAULT, 1984, p. 28).

Segundo o argumento de Foucault nota-se um mapeamento detalhado do comportamento e espaço de transição que o corpo ocupa no tecido social, sendo monitorado de perto em seu comportamento e expressão. Um variado conjunto de regras e disciplinas de comportamento sociais é desenvolvido a fim de submeter o corpo ao saber e poder dessa sociedade cientificista.

Interessante notar que durante a baixa Idade Média o corpo e suas manifestações sexuais eram classificados pelo saber religioso como sendo expressão do sensualismo diabólico, contendo o risco constante das paixões baixas tomarem conta das atividades racionais e espirituais e levar o homem à perdição. Portanto, todos os exercícios espirituais desenvolvidos pelo ensino da Igreja tinham como função lutar contra o pecado e controlar as pulsões orgânicas.

Segundo Jeffrey Richards (1993) é necessário entender que durante o primeiro período da Idade Média (três primeiros séculos), que antecedeu a plena efetivação da doutrinação católica, existiu certa liberdade para as expressões sexuais na vida cotidiana. Muitas vezes essa libertinagem atingia padres e bispos, o que demonstra que o processo de controle da Igreja Católica sobre o corpo e sexo foi um processo vagaroso que desprendeu um longo processo.

Já na modernidade, segundo Foucault (1984), o corpo e as manifestações sexuais são classificados de forma racional e científica, sendo utilizados novos estudos sobre as funções cerebrais, o sistema nervoso e a composição do sangue para dar sentido e respostas a tais manifestações libidinais.

Como descreve Foucault,

> poder-se-iam citar outros focos que, a partir do século XVIII ou do século XIX, entraram em atividade para suscitar os discursos sobre o sexo. Inicialmente a medicina, por intermédio das "doenças dos nervos"; em seguida, a psiquiatria, quando começa a procurar – do lado da extravagância", depois do onanismo, mais tarde da insatisfação e das "fraudes contra a procriação", a etiologia das doenças mentais e, sobretudo, quando anexa ao seu domínio exclusivo, o conjunto das perversões sexuais; também a justiça penal, que por muito tempo ocupou-se da sexualidade, sobretudo sob a forma de crimes "crapulosos" e antinaturais [...], enfim, todos esses controles sociais que se desenvolveram no final do século XIX e filtram a sexualidade dos casais, dos pais e dos filhos, dos adolescentes perigosos e em perigo – tratando de proteger, separar e prevenir, assinalando perigos em toda parte, despertando as atenções, solicitando diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas; em torno do sexo eles irradiaram os discursos, intensificando a consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele (FOUCAULT, 1984, p. 32-33).

Ou seja, todas as áreas do conhecimento científico tentam dar conta de qualquer produção subjetiva do corpo a partir de um horizonte de pesquisa ou análise. É desenvolvido um cabedal teórico extremamente fisicalista para responder ao corpo e suas

manifestações, interpretando qualquer manifestação como fenômeno orgânico e físico, com técnicas específicas para a intervenção e a cura de tais disfunções.

Entre as várias áreas desenvolvidas nas ciências particulares no estudo e análise do corpo, talvez a medicina ocupe o espaço de maior intimidade e proximidade. Em nome da saúde do paciente o médico tem acesso irrestrito ao corpo. No consultório ou hospital o corpo do paciente se torna objeto de observação, sendo despido, posicionado de variadas maneiras na maca ou nos aparelhos de exame, sendo perfurado, aberto, medido e classificado em suas proporções. O ato médico está acima do pudor moral ou religioso, transcende as esferas do proibido ou restrito, desde que esteja dentro de uma ordem discursiva clínica, com um gesto de análise de olhar científico.

Ao partir dos efeitos de sentido do corpo monista (natureza, homem e divindade como sendo uma única realidade) nas sociedades Antigas, no qual existe a livre expressão das pulsões sexuais restringindo apenas o sexo quanto ao controle de natalidade. Ao passar à noção de sujeito da sociedade grega que deve ordenar e controlar o corpo pelo exercício do pensamento filosófico. Ao adentrar a sociedade medieval com o rígido controle do corpo pela pastoral e moral cristã e chegando à sociedade moderna que produz os sabres científicos analíticos a fim de desmitificar o corpo e suas produções, dando ao saber médico, psiquiátrico e a justiça o controle e administração do corpo, dá-se um grande salto histórico para encontrar no século XX, um novo gesto de leitura e interpretação sobre o corpo e a sexualidade que tenta libertá-los das amarras ideológicas que os aprisionaram às Instituições do passado.

Segundo Denise Sant'Anna, é sintomático perceber como há uma tendência contemporânea, principalmente nos últimos sessenta anos, em se libertar das amarras, religiosas, temporais, morais e até científicas em nome de uma suposta liberdade individual e irrestrita.

Afirma Sant'Anna,

> evidentemente essa liberação não ocorre rapidamente e nem de modo completo. Mas é sobretudo no decorrer dos últimos cinquenta anos que a tentativa de tornar o corpo de cada um algo independente do patrimônio cultural e genético vem ganhando um número crescente de adeptos. Reconstruir o próprio corpo com a ajuda dos avanços tecnológicos e científicos – cosméticos, cirurgias, uso de próteses, ginástica, regimes etc – para ganhar mais saúde e juventude não deixa de ser uma promessa fascinante a diversas épocas da civilização, mas foi na atual que ela conseguiu conquistar um espaço inédito na mídia e uma banalização importante no cotidiano, tanto das grandes cidades quanto das pequenas cidades (SANT'ANNA 2004, p. 17-18).

O século XX é marcado pela transição da concepção absolutista da ciência e do

pensamento tecnicista que perdurou soberano até a metade do século XIX, para a concepção relativista filosófica pautada na crítica à ideologia burguesa e guiada pela ótica do lucro que instrumentalizou perversamente a natureza por meio da manipulação irrestrita dos recursos naturais e da exploração vexatória da mão de obra humana no circuito de produção. As características do neocolonialismo europeu na África e Ásia na Segunda Revolução Industrial revestido de argumentos civilizatórios, mas que escondeu puro interesse comercial na busca de mercado consumidor e matéria prima marcou profundamente a economia mundial dando origem ao conceito de globalização.

O uso do conhecimento científico possibilitou a criação de tecnologias inovadoras, como o dínamo, o motor de combustão interna e produtos variados em prol da qualidade de vida do homem. No entanto, a riqueza do desenvolvimento tecnológico não foi dividida entre as classes sociais de forma igualitária, acobertou, na verdade, a exclusão dos trabalhadores do circuito de produção no momento da automação das indústrias, não cumpriu a promessa da melhor qualidade de vida ao trabalhador pelo aumento da produção e da circulação de riqueza. Ao contrário, foi utilizada muita ciência e tecnologia para fins bélicos e expansionistas. Basta pensar as tecnologias que envolveram a Primeira e Segunda Guerras Mundiais e a tensão da Guerra Fria.

O fato é que grande parte da Europa adentra o século XX com franca suspeita da positividade dos bens conquistados por meio das tecnologias capitalistas que utilizavam o *saber científico*. Os grupos abastados da sociedade burguesa celebravam as conquistas e prazeres das tecnologias, o que se denominou *Belle Époque*, porém, a classe trabalhadora, que vendia sua força de obra ao detentor do capital se encontrava na absoluta miséria, desejando mudanças substanciais no tecido social. É no meio desse caldeirão da ascensão do sistema capitalista que surgem teorias revolucionárias como o Socialismo de Karl Marx e Friedrich Engels.

Frente a estas características relativistas no campo das ciências, da economia e da política surgem desde o início do século passado movimentos que propunham a libertação do corpo e da noção de sujeito das amarras ideológicos da medicina e do saber clínico. Pensadores como Nietzsche e Bergson, criaram uma leitura de realidade em ampla ruptura com a concepção da filosofia e do pensamento clássico de origem grega, sedimentadas em ideias rígidas e fechadas sobre conceitos inquestionáveis (principalmente desenvolvidos por Sócrates, Platão e Aristóteles). O nascimento da própria psicanálise, por Sigmund Freud, traz os elementos das influências do inconsciente sobre a personalidade e elaboração da subjetividade humana, relativizando dessa forma os poderes absolutos da razão. Pensadores

como Michel Foucault e Gilles Deleuze, lançaram questionamentos sobre as relações de poder e saber que orientam as estruturas sociais e que ordenam a ação do homem no meio social.

Segundo a historiadora Mary Del Priore (2011) em sua obra *Histórias Íntimas*, tais mudanças estruturais e de pensamento deram espaço para a liberação do corpo e da sexualidade, principalmente da mulher, em todos os espaço da vida social. O crescimento da população, a dinâmica da vida acelerada nas cidades em prol da produção industrial, os avanços nos métodos anticonceptivos como a pílula anticoncepcional impulsionou o advento de novos gestos e ações sociais.

Afirma Del Priore que o século XX inventou o corpo, mas um corpo novo e exibido, um corpo íntimo e sexuado que lentamente iria afrouxar as disciplinas rígidas do passado em benefício do prazer. O corpo enquanto instrumento do prazer, sexuado e ativo, não como um conjunto passivo de órgãos composto de uma anatomia e fisiologia, mas sim o corpo desejante e sedento por liberação livre de suas pulsões.

Descreve Del Priore sobre a liberação do corpo,

> com o afrouxamento dos controles, o corpo feminino apto para o prazer descobriu-se. As mulheres começaram a se despir para praticar esportes, para dançar, para atuar nos palcos ou para vender-se. Um dos aliados foi a lingerie. O campo do erotismo ganhou muito com o desenvolvimento da indústria têxtil no início do século XX. [...] A descoberta da borracha permitiu a confecção de uma espécie de cinta, mais fácil de enfiar do que os espartilhos. Da cinta para o sutiã, inventado nos Estados Unidos em 1923, foi um passo. Mais magras, pois assim ditava a moda, as mulheres recorriam a faixas apertadas para disfarçar os seios. Com a diminuição das saias, anáguas e calçolas foram substituídas. E as meias, antes em frio grosso, foram suplantadas por meias de seda que ao mesmo tempo velavam e revelavam a nudez das pernas (DEL PRIORE, 2011, p. 106-107).

Segundo Del Priore graças a lingerie, o corpo passou a ser objeto estético, fonte de desejo e contemplação, não somente um santuário de pudores e comedimento. Fácil perceber que essa mudança trouxe o prazer a vida da mulher, desmistificando certas percepções sobre seu corpo, como a menstruação vista anteriormente como veneno e doença. Abre espaço ao erotismo, com a valorização do uso de cosméticos, dos cuidados de si, com o ingresso gradativo da higiene íntima (valorizava se anteriormente os odores dos genitais femininos como elemento erótico para o homem) e a depilação das zonas erógenas.

Na segunda metade do século XX surgem movimentos sociais que propunham a liberdade de expressão, o fim do controle rígido do Estado e da medicina sobre o corpo e a individualidade e liberdade absoluta do indivíduo como dono do seu corpo e gestor de sua existência. Ocorre a união da tecnologia, ciência e genética para justificar a emancipação do corpo como espaço de livre expressão dos desejos, ideias e posicionamentos ideológicos. O

corpo é visto como último território a ser explorado.

Segundo Sant'Anna,

> mas se o casamento entre genética e a informática permitiu o desenvolvimento de novas pesquisas sobre o prolongamento e a melhoria da qualidade de vida, ele também não deixou de fomentar tendências ligadas a um neo-eugenismo e a um comércio desenfreado de partes microscópicas do corpo, tanto de humanos, como de animais e vegetais.Comércio do corpo e produção de seres transgênicos: quanto mais partes do corpo tornam-se "materiais de exploração e de investigação", menos o corpo é preservado dos interesses e ações comerciais (SANT'ANNA, 2004, p. 18-19).

O mercado capitalista assumiu a função de fomentar a exploração do corpo ao propor um conjunto de técnicas que estivessem em função de um saber pautado na "qualidade de vida", na liberdade individual, na beleza e juventude perenes, no retardamento da velhice, etc. Tais regras teve o objetivo de dar forma e materialidade a tal ideologia; o sistema utilizou a Indústria Cultural orientado pelas mídias a fim de produzir bens simbólicos (bens de consumo) que devem ser obtidos e consumidos a todo o momento. O corpo e a subjetividade mudam de um conceito de alma e carne para um produto a ser comercializado: deve ser manipulado e instrumentalizado constantemente (seguindo a mudança violenta dos valores comerciais) em função da noção de um sujeito moderno, inovador e autônomo.

Reforça Sant'Anna nesse sentido,

> na verdade, numa sociedade em que o corpo se tornou um ente tão importante quanto outrora fora a alma, é pela aparência física, sobretudo, que se comprova aquilo que cada um quer mostrar de sua subjetividade. E quando o trabalho de modificação da aparência pode apagar a realidade da idade e das origens sociais, torna-se difícil resistir às propostas da cosmética e das cirurgias plásticas. Mudar a cor da pele, o tamanho do nariz, o volume dos seios etc, seja para estar em sintonia com a moda, seja para se sentir bem, e fazer com que o corpo continue respondendo ao que cada um sonha mostrar de si representa uma promessa de adquirir uma presença no mundo cada vez mais importante (SANT'ANNA, 2004, p. 19-20).

É perceptível o estranhamento social que se criou sobre os corpos que fogem de tais padrões estéticos. Há certa angústia a se encaixar impositivamente a tais interpretações discursivas, caso contrário o indivíduo sofrerá julgamentos por parte dos demais. Há espaço privilegiado para o corpo malhado, sarado, com formas e proporções simétricas, não há espaço para os gordos, portadores de necessidades especiais que ocupam um espaço marginal e repleto de interdições.

O que se nota é o processo de (re)significação que o corpo sofre durante o século XX, agora visto como ferramenta de produção e de movimento, onde circulam padrões de saberes desenvolvidos simbolicamente pelo mercado. Há uma liberação do corpo para

novos gestos de produção e subjetivação, usado pelos mecanismos de poder (moda, mídias etc) para a circulação de padrões homogênios de beleza, sexualidade, aparência e proporções físicas.

1.5 ESCOLA COMO CAMPO DE ENUNCIAÇÃO AO DISCURSO DO CORPO E DA SEXUALIDADE

Quais espaços os gestos de leitura e interpretação sobre o corpo e a sexualidade ocupam no cenário da educação brasileira e especificamente na escola? A instituição escolar aborda de forma eficaz o tema "corpo" desde seus efeitos de subjetividade, erotismo e relações sociais, como por exemplo, o sexo e a questão da condição sexual entre elas a homossexualidade? Quais regimes de saberes circulam no ambiente escolar para dar conta de tal abordagem? Estariam estes saberes veiculados ao cabedal das disciplinas biológicas (que tratam o corpo desde os aspectos anatômicos e fisiológicos, como doenças etc), ou circulam livremente em áreas que lidam com abordagens mais subjetivas e abertas, tais como a filosofia, sociologia, literatura e a psicologia?

Qualquer abordagem séria deve partir das evidências históricas e da influência de regimes de saber e poder veiculados pela colonização portuguesa de cunho católico e da influência da missão jesuíta no Brasil. Foi justamente a Companhia de Jesus que assumiu exclusivamente durante os três primeiros séculos a educação no período colonial. Trouxe ao Brasil todo um regime de evangelização pautado na domesticação e controle do corpo do selvagem, que ao adentrar os aldeiamentos de missão, eram logo vestidos e colocados em rígido controle a fim de controlar as pulsões sexuais.

Mary Del Priore (2011) descreve que no período colonial era comum muitas pessoas andarem seminuas, sobretudo índios e escravos, seja pela condição cultural no caso dos índios, uma vez que em suas tradições a nudez ser um elemento natural e não associado ao erótico, ou pela miséria imposta sobre o negro escravo que se vestia de trapos e trazia quase sempre partes do corpo à mostra como os seios e os genitais. Importante salientar a diferença conceitual existente a noção de corpo erótico nesse período, no qual, os seios amostra não possuíam conotação sexual alguma, sendo associado a um órgão para alimentação da criança, daí a designação "teta", quando se referia ao seio (DEL PRIORE, 2011).

Como bem afirma Del Priore em sua obra *Histórias Íntimas*,

> desde o início da colonização lutou-se contra a nudez e aquilo que ela simbolizava. Os padres jesuítas, por exemplo, mandavam buscar tecidos de algodão, em Portugal, para vestir as crianças indígenas que frequentavam suas escolas. "Mandem pano para que se vistam", pedia padre Manoel da Nóbrega em carta aos seus superiores. Aos olhos dos colonizadores, a nudez do índio era semelhante à dos animais; afinal como as bestas, ele não tinha vergonha ou pudor natural. Vesti-lo era afastá-lo do pecado e do mal. [...] Afinal, como se queixava padre Anchieta, além de andar peladas, as indígenas não se negavam a ninguém (DEL PRIORE, 2011, p. 17).

Em vista da percepção do corpo como pecado, a ação pedagógica dos jesuítas seja nas missões (onde ficavam os índios convertidos) seja nos colégios (onde estudavam os filhos dos colonos) foi pautada pelo ensino do comedimento da carne e do assujeitamento dos desejos às virtudes espirituais.

Segundo Del Priore a associação entre nudez e luxúria provocava castigos divinos. Nas Igrejas, pinturas demonstravam os diabos que recebiam as almas pecadoras, nuas em pelo, com golpes de pá e tridentes. Nos livros de oração com imagens, segundo a autora, o justo morria sempre de camisola.

Segundo o educador e pesquisador Ribeiro (2004), a vida sexual do homem (quanto ao gênero), no século 16, era marcada por maior liberdade de expressão, sendo a mulher objeto de atenção constante, reprimida em relação às manifestações de sua sexualidade. Salienta Ribeiro que nesse primeiro momento da educação sexual no Brasil, há uma atmosfera de "sexo pluriétnico libidinoso para o homem" e de "submissão e repressão sexual da mulher". A Igreja Católica tratava de inibir a livre circulação de eventos que remetessem ao sexo ou a nudez.

Sendo um ambiente de grande intoxicação sexual, como afirma Gilberto Freyre na obra *Casa Grande e Senzala* (2000), tanto colonos como jesuítas conviviam em um ambiente extremamente sexuado. A Casa Grande, símbolo do poder patriarcal brasileiro, segundo Freyre, será o local onde as misturas étnicas e sexuais se darão com a figura do senhor, que irá submeter a índia e posteriormente a negra aos seus caprichos sexuais.

A partir do século XIX, há uma alteração substancial no trato da sexualidade na educação, agora tratada como uma questão de higiene pelo discurso médico. Afirma Paulo Ribeiro, citando Costa (1989) a esse respeito,

> no século XIX com a independência e consolidação da urbanização iniciada timidamente no século XVIII, mudam-se os costumes, mas permanece o sentimento patriarcal. O discurso religioso e substituído por um discurso médico, e a sexualidade vai ser tratada como caso de higiene e saúde. O comportamento sexual indisciplinado ou desregrado não é mais repreendido por ser pecado, mas pelos riscos de se contrair doenças orgânicas ou mentais (RIBEIRO, 2004, p. 17).

A propagação da cultura higiênica amplamente divulgada em alguns países europeus, principalmente França e Inglaterra, a partir do século XIX, cedeu espaço para que o saber médico adentrasse o universo do corpo e da sexualidade no controle das doenças. Com a descoberta das enfermidades causadas por bactérias e micro organismos ligados à falta de higiene e limpeza uma gradativa revolução no gerenciamento da vida privada se processa.

Segundo Foucault (1984), além das intenções higiênicas o saber médico adentrou os estudos sobre o corpo e a sexualidade a fim de produzir um sistema de disciplinas para ordenar e classificar, pelo discurso científico, todas as produções subjetivas produzidas pelo corpo. Criando nas palavras de Foucault, "dispositivos de saturação sexual que permearam o século 19 e o tornaram o espaço de alta presença e discussão sexual".

Constata Foucault a esse respeito,

> engajados no corpo, transformadas em caráter profundo dos indivíduos, as extravagâncias sexuais sobrepõe-se à tecnologia da saúde e do patológico. E, inversamente, a partir do momento em que passam a ser "coisa"médica ou medicalizável, como lesão, disfunção ou sintoma, é que vão ser surpreendidas no fundo do organismo ou sobre a superfície da pele ou entre todos os signos do comportamento.O poder que, assim toma a seu cargo a sexualidade, assume como um dever roçar os corpos, acaricia-os com os olhos; intensifica regiões; eletriza superfícies; dramatiza momentos conturbados. Açambarca o corpo sexual (FOUCAULT, 1984, p. 44).

Daí o povoamento de gestos variados sobre o corpo e a sexualidade permeando várias esferas da vida pública e se configurando na escola como discurso científico médico. O trato com o corpo e a sexualidade transcende o espaço escolar e chega à família via saber médico, orientando por práticas físicas e morais mudanças na vida familiar.

Afirma Foucault,

> o exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global e aparente dizer não a todas as sexualidades errantes ou improdutivas mas, na realidade, funcionam como mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo (FOUCAULT, 1984, p. 45).

Ribeiro afirma que a educação higiênica no Brasil teve forte conotação moral, firmada em proibições e regulamentações na economia do prazer e no gerenciamento das pulsões. Afirma Ribeiro,

> respaldada pelas teorias europeias de William Acton e Krafft-Ebing, a medicina higiênica brasileira caracterizava a prática sexual como responsável por doenças; via a masturbação infantil (que chamava de onanismo) como nociva, e por conseguinte, precisava ser contida; e intervinha na educação escolar, defendendo o colégio interno como a instituição onde a infância e a juventude ficariam salvo de influências perniciosas (RIBEIRO, 2004, p. 18).

A associação entre saber médico e educação sexual tem um objetivo claro no século 19, delegar ao saber científico o controle sobre o corpo da criança, do adolescente e ao adulto. Projetar o discurso médico, nos modelos pedagógicos de ensino, toda orientação e prescrição de como proceder desde a higienização e cuidado do corpo, até a vigília e inibição de fantasias ou praticas consideradas imorais.

Segundo Ribeiro, do século 19 às primeiras décadas do século 20 a relação entre medicina e sexualidade vai se estreitando cada vez mais, ao ponto de chegar à criação da sexologia. Com particular importância à educação sexual, segundo o autor, surge farta produção de livros publicados por médicos, professores e sacerdotes com fundamentação científica a fim de orientar a vida sexual dos indivíduos.

É interessante notar que, mesmo entre os autores que não são católicos, há uma visão restritiva da sexualidade. Um exemplo disso é o livro *Moral sexual*, publicado pelo médio José de Albuquerque em 1930. Nessa obra, encontramos:

> a função sexual, quando realizada dentro dos preceitos da boa ética, sem ser desviada de sua verdadeira finalidade, sem ser transformada em objeto de prazer, respeitando a todos os preceitos da moral sexual, (...) nada tem de imoral, como nenhuma imoralidade existe em qualquer função do organismo, quando orientadas, conforme já vimos, de acordo com os preceitos da fisiologia e da higiene. O fim de todas as funções é o mesmo, garantir a conservação do organis mo, tendo além deste, a função sexual um outro, que é o de garantir a conservação da espécie" (ALBURQUERQUE, 1930, p. 19-21)

Mary Del Priore, citando o livro de Sebastião Mascarenhas Barroso, lançado em 1935 com o título *Educação sexual, guiada para os pais e professores, o que precisam saber, como devem ensinar*, afirma,

> o sumário do livro explicava os "intuitos" necessários e úteis do mesmo: higiene e resguardo dos órgãos sexuais. Para evitar "atos errôneos e inconvenientes à saúde e à moral", até doze anos. Para preparar sem surpresas nem desmandos para a puberdade. Dos doze aos dezoito anos, para evitar ao rapaz e à rapariga vícios e aberrações da genitalidade. Para precaver-se contra doenças venéreas. Para obervar as regras de eugenia na união de procriadores e, finalmente, para que os velhos se conformassem com a perda da genitalidade (DEL PRIORE, 2011, p. 128).

Segundo Del Priore, como um saber enciclopédico as orientações para a educação sexual se divide entre livros e cartilha para meninos, que discutia mais abertamente temas como a polução noturna ou à masturbação ou doenças venéreas. Já as meninas poderiam ter acesso às obras estando para casar ou depois de ter completado dezoito anos. Para elas os textos não tinham figuras dos órgãos genitais e se reduzia a falar da vida sexual normal no casamento, os riscos da gravidez pré-nupcial, e cuidados de higiene.

Para Ribeiro os anos de 1960 até 1964 foram ricos no quesito *educação sexual*, que recebe uma nova nomenclatura denominada *orientação sexual*. Para Ribeiro a diferenciação se dá no sentido do termo, uma vez que a orientação sexual se dá por um trabalho sistematizado por professores e outros profissionais capacitados a abordar o assunto. Nesse período vários programas de orientação sexual são desenvolvidos em várias escolas pelo Brasil. Vale ressaltar que muitas dessas iniciativas sofreram censura e críticas variadas dos segmentos mais tradicionais, como a Igreja e setores conservadores. E com o golpe de 1964, se instaura dura censura pelos órgãos oficiais à discussão sobre educação sexual, baseado no argumento da preservação da família e dos bons costumes.

Sobre o processo de abertura política a partir de 1978 e os anos que se seguem com o fim da ditadura em 1985, Ribeiro salienta que houve alguns avanços significativos na educação sexual nas escolas, acompanhados de algumas questões que ainda figuram como tabus e que necessitam ser melhor exploradas. Uma lei muito importante no avanço da educação sexual no Brasil foi a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) aprovada em 1996,

> com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases "Darcy Ribeiro"em 1996, e o estabelecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais como linhas a serem seguidas para se concretizar a meta da educação para o exercício da cidadania, a Orientação Sexual teve um reconhecimento oficial de sua necessidade e importância enquanto ação educativa escolar (RIBEIRO, 2004, p. 24).

Segundo Ribeiro, a conquista destes marcos reguladores possibilitou às escolas, educadores e outros profissionais desenvolverem trabalhos de orientação sexual contando com apoio governamental.

1.6 SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO: ESPAÇOS DE SILÊNCIO E DE TABUS

Ocorreram avanços nas últimas décadas na implementação de políticas

educacionais referentes ao estudo da sexualidade e do corpo, ou como é denominada a Educação Sexual. Todavia, uma análise mais apurada sobre os regimes de saberes e as relações de poder utilizadas em tal ensino demonstra espaços de silêncio, ou de resistência que ainda persistem a existir em vários segmentos escolares.

Um bom exemplo foi a polêmica que envolveu um conto com conotações obscenas e eróticas do escritor brasileiro Ignácio de Loyola Brandão em 2010. Publicado no livro *Cem melhores contos brasileiros do século* e entregue pelo governo do Estado de São Paulo como leitura obrigatória para o Ensino Médio. A polêmica ocorreu com a crítica feita por alguns pais e professores que consideraram o conteúdo do conto impróprio à idade dos estudantes. Frente a isso foi solicitado o recolhimento do livro das unidades escolares.

O conto citado pelos pais como inapropriado é o "Obscenidades Para Uma Dona de Casa", que narra a história de uma mulher que recebe cartas de um desconhecido. As cartas descrevem detalhadamente momentos de atos sexuais.

Michel Foucault na obra *A Ordem do Discurso* (1996), afirma que toda sociedade desenvolve um conjunto de saberes e faz circular por meio das Instituições os discursos sobre tais saberes que são socialmente legitimados por ordens de valores específicos e por segmentos sociais determinados. Outros discursos considerados nocivos são interditados por um conjunto de disciplinas e procedimentos de exclusão,

> em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual das circunstâncias, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala (FOUCAULT, 1996, p. 9).

Há um ponto sobre a polêmica que o conto de Ignácio de Loyola Brandão levanta que deve ser considerado, diz respeito à posição que o sujeito emissor do discurso ocupa no ato da fala. O status dado para que o debate das questões que envolvem a Educação Sexual possa circular com certa liberdade e autonomia no ambiente escolar, concentram-se em áreas de conhecimento específicas, tais como a biologia e as ciências. No entanto, o enfoque dado por essas áreas centra o debate em questões relativas ao corpo e a sexualidade quanto às doenças sexualmente transmissíveis, à gravidez indesejada etc, ou seja, uma abordagem desde a perspectiva biológica médica. Pouco espaço resta para o debate desde a perspectiva subjetiva, pautada em questões tais como: o desejo e o prazer, as transformações físicas e psicológicas na adolescência, sexualidade e corpo nas redes sociais, masturbação e iniciação sexual, entre outros temas.

Persiste na ordem dos discursos que legitimam a sexualidade na escola a noção do saber médico, que centra nas figuras de autoridade clínica o debate e o acesso ao corpo e suas expressões. No entanto, quando esses gestos de leitura transcendem o saber científico-médico-biológico e ocupa a abordagem psicológica, filosófica ou sociológica, com seus sujeitos emissores próprios e com um regime conceitual específico, surge no ambiente social e na própria realidade escolar movimentos de resistência e interdição a esse discurso. Os indivíduos associam o saber médico científico como sendo a fronteira que separa a autorização para se falar do corpo e da sexualidade na escola, daquele saber fundamentado nas Ciências Humanas, com conhecimentos subjetivos, que lida desde a perspectiva não clínica com o corpo e a sexualidade. Ultrapassar essa barreira desautoriza e exclui qualquer sujeito emissor de trazer à discussão escolar, por meio de uma proposta pedagógica, um estudo profícuo a respeito de tais questões.

Parece que a influência do cientificismo positivista e as relações de poder exercidas pelo conhecimento enquanto experimentação e demonstração estão fortemente presentes no imaginário social, o que ocasiona efeitos de sentido de ordem materialista. Essas relações de poder exercidas pelas Instituições clínico-médicas estão tão sedimentadas nos indivíduos que a própria noção religiosa e o pudor moral se assujeitam a elas no que diz respeito à sexualidade e o corpo, permitindo a esses discursos circularem livremente em todos os ambientes sociais, inclusive na escola.

O conto de Ignácio e Loyola Brandão margeia uma zona de conhecimento fora ou aquém da ordem do discurso clínico-biológico, pertence a um cabedal de saber da Literatura, com um campo enunciativo próprio e com efeitos de sentido de ordem subjetiva. A posição marginal que a Literatura enquanto abordagem acadêmica ocupa no imaginário escolar, a desautoriza veementemente adentrar de forma sintomática em questões relativas ao universo obsceno ou erótico, pois toca uma sensível ferida que só pode ser tratada pela ordem discursiva de cunho biológico. Os atores e agentes de tais abordagens têm nome e área de atuação própria: são médicos, biólogos, psiquiatras, ou professores formados em biologia. Com autoridade clínica para falar, tocar, despir e analisar o corpo em suas mínimas produções, por um olhar clínico, anatômico e fisiológico.

O que se perde com as proibições e espaços de silêncio e vazio no ambiente escolar, no que se refere ao corpo e à sexualidade é a sintomática ignorância por parte dos estudantes e dos professores em abordar o assunto desde sua perspectiva humana existencial. Os espaços de silêncio que se encontram na família e chegam ao ambiente escolar criam hiatos e cenários ilusórios, no qual, se ignora ou faz de conta que nada acontece no que tange

ao corpo e suas manifestações. É assumida uma postura de que é preciso ignorar determinadas questões ou polêmicas. Frente a elas um sorriso nos lábios, um leve gesto com a cabeça e se muda de assunto, quase sempre com rostos ruborizados e com uma sensação de mal estar. Como diz Foucault na *História da Sexualidade*, "ainda falamos de sexo fazendo pose". (FOUCAULT, 1984, p.45).

2 FLUIDEZ DAS RELAÇÕES HUMANAS: EFEMERIDADE DOS AFETOS E A FRAGMENTAÇÃO DA NOÇÃO DE SUJEITO

A preocupação com a administração da vida parece distanciar o ser humano da reflexão moral.

Zygmunt Bauman

2.1 SOCIEDADE LÍQUIDA E O PROCESSO DE ASSUJEITAMENTO[3] NA NOÇÃO DE SUBJETIVIDADE

Zygmunt Bauman em sua obra, *Amor Líquido* (2004) discorre sobre o fenômeno da fluidez das relações nos dias atuais. Constata que a estrutura afetiva do homem contemporâneo, se encontra marcada por valores segmentados e efêmeros, que resulta na fragilidade dos vínculos humanos. O sentimento de insegurança associado a desejos conflitantes, ora pela necessidade de ter alguém bem próximo, ora pela necessidade de que o outro não restrinja o espaço e a independência conquistados, mergulha os relacionamentos numa dinâmica contraditória, pois ao mesmo tempo em que, devem existir laços apertados, há também a necessidade de mantê-los frouxos para não sufocar ambas as partes.

A dita "autonomia" do indivíduo, é uma construção ideológica, patrocinada pelos mecanismos de mercado, funda a impressão de independência e liberdade do sujeito. Tal percepção distorcida de si já foi denunciada pelos teóricos da Escola de Frankfurt, especificamente Adorno e Horkheimer naquilo que definiram como "razão instrumental",

> a ideia de homem, isto é, a sua humanidade, a sua emancipação, o seu poder de crítica e de criatividade se acham ameaçados porque o desenvolvimento do "sistema" da civilização industrial substituiu o fim pelos meios e transformou a razão em instrumento para atingir fins, dos quais a razão não sabe mais nada. A partir do momento que nasce, constata amargamente Horkheimer, "o indivíduo sente-se repetindo continuamente uma lição: só existe um modo de abrir caminho no mundo, o de renunciar a si mesmo" (REALE, 1991, p. 847).

Os fins estabelecidos pelo "sistema" criam uma lógica contraditória no que diz respeito aos laços humanos. A capacidade de consumo dos bens de produção, a conquista de

[3] O conceito assujeitamento está ligado ao pensamento foucaultiano, à ideia da inexistência de um sujeito transcendental. Todo sujeito é produzido na história, por elementos sociais e discursivos, ou seja, é resultado de elementos externos que produzem variados efeitos de sentido. Por isso, em diferentes momentos da história de uma cultura podem existir diferentes influências ideológicas na educação, política, economia que assujeitam e produzem diferentes modalidades de sujeitos.

projetos e sonhos profissionais ou materiais passa a ser projetado nas relações entre pessoas, ou seja, cada vez mais se associa as relações de afeto como uma posse material, uma conquista, um "bem" pronto a ser consumido.

Alfredo Bosi, em seu artigo "Plural, mas não caótico", diz a esse respeito que, "uma das características fundamentais da cultura de massas é a montagem de bens simbólicos em ritmo industrial que nos fornece um modelo de tempo cultural acelerado. As representações devem durar pouco, ou só enquanto o público der mostras de consumi-las." (BOSI, 2002, p. 7).

Bosi dá pistas para melhor entender a efemeridade das relações de afeto, a montagem de bens simbólicos e sua disseminação exercida pelas diferentes mídias é tão acelerado que aprofunda a percepção de que nada deve ser eterno e o que hoje realiza, amanhã não necessariamente deve ser assim. O próprio mercado se encarrega de estabelecer novos padrões simbólicos, que são veiculados pelas diferentes mídias, por meio de estratégias de marketing, que estabelecem valores, constituem novos desejos e demonstram que a posse desses *bens simbólicos* se torna necessário na busca da realização e da felicidade.

Segundo Bauman, essa emergência de prazer rápido e intenso, contribui para a diluição das relações de longo prazo,

> se lhes perguntassem, os habitantes de Leônia, uma das cidades invisíveis de Ítalo Calvino, diriam que sua paixão é "desfrutar coisas novas e diferentes". De fato. A cada manhã eles "vestem roupas novas em folha, tiram latas fechadas do mais recente modelo de geladeira, ouvindo *jingles* recém-lançados na estação de rádio mais quente do momento". Mas a cada manhã "as sobras da Leônia de ontem aguardam pelo caminhão de lixo", e cabe indagar se a verdadeira paixão dos leonianos na verdade não seria "o prazer de expelir, descartar, limpar-se de uma impureza recorrente" (BAUMAN, 2004, p. 11).

Questiona Bauman (2004), se os habitantes desse mundo líquido moderno não são exatamente como os de Leônida, preocupados com uma coisa e falando de outra? Eles garantem que seu desejo, paixão, objetivo ou sonho é "relacionar-se". Mas será que na verdade não estão preocupados principalmente em evitar que suas relações acabem congeladas e coaguladas? Estão mesmo procurando relacionamentos duradouros, como dizem, ou seu maior desejo é que eles sejam leves e frouxos, de modo que possam ser postos de lado a qualquer momento?

A coisificação e a efemeridade das relações se confundem com a fluidez dos bens simbólicos. Assim como a permanência e a insistência dos bens simbólicos mergulha o indivíduo no tédio que deve ser superado por novidades constantes, as relações de afeto

também devem seguir a dinâmica da novidade, sendo munidas de perene potencialidade e inovação, sempre dinâmicas, nunca sedimentadas demais. As relações dinâmicas estabelecidas por vínculos rasos, frouxos e efêmeros compartilham com a constituição da identidade de um sujeito também rasa, frouxa e efêmera, que se move como peças de um quebra cabeças, sempre elaborando novas imagens e novos sentidos.

2.2 A CRISE DOS VALORES E A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE

De fato a fluidez das relações humanas manifesta um profundo deslocamento do sujeito em relação à elaboração de sua subjetividade. As enunciações, os mecanismos de saber e as relações de poder, elementos essenciais na constituição da identidade, se encontram envolvidos por um ideal de sentido ligado à fragmentação de todas as relações.

No alvorecer do século XXI as instituições de poder (família, mercado, Estado, educação, medicina, sistema prisional...) comungam de uma ideologia fixada na ideia da busca da eterna liberdade e autonomia do sujeito. Há uma tendência em valorizar como sinônimo do bem tudo aquilo que foge das amarras dos dogmas tradicionais, valores sedimentados em costumes antigos, tabus e práticas do passado. Paira sobre os discursos das instituições de poder o pavor das proibições que durante anos marcaram a história pelo viés político, seja no absolutismo de ditaduras e regimes autoritários, ou na moral religiosa proibitiva, que utilizou os saberes educacionais na elaboração de ideais ultranacionalistas, ou estabeleceram padrões de comportamento ligados ao cerceamento, às recusas das expressões dos desejos e vontades mais íntimas.

A recusa do corpo e de suas produções, o acobertamento de suas pulsões quase sempre relacionadas ao pecado ou ao perigo do assujeitamento do indivíduo às pulsões e desejos sexuais, é um exemplo de como as práticas de educação do corpo foram exercidas até o início do século XX. Para evitar o risco da libertinagem todo um conjunto de técnicas e procedimentos foi desenvolvido a fim de moldurar, controlar e adestrar o corpo, impedindo a livre fruição de seus instintos. Os mecanismos de controle construíram no sujeito gestos discursivos por todos os lados e elaboraram pela coerção ideológica um ideal de cidadão para um tipo de sociedade que se idealizou.

Descreve Michel Foucault em sua obra “História da Sexualidade” sobre as disciplinas utilizadas no controle e aplicação das pulsões e do corpo,

> a prática da penitência e, em seguida, a do exame de consciência e o da direção espiritual, foi o núcleo formador do controle das pulsões: ora, o que estava em causa, no tribunal da penitência, primeiramente era o sexo como suporte de relações; a questão colocada era a do comércio permitido ou proibido (adultério, relação fora do casamento, relação com pessoa interdita pelo sangue, ou a condição, o caráter legítimo ou não do ato de conjunção); depois pouco a pouco, com a nova pastoral [conjunto de regras] – e sua aplicação nos seminários, colégios e conventos – passou-se de uma problemática da relação para uma problemática da "carne", isto é, do corpo, da sensação, da natureza, do prazer, dos movimentos mais secretos da concupiscência, das formas sutis da deleitação e do consentimento (FOUCAULT, 1984, p. 102).

A família é uma das primeiras instituições a serem utilizadas na ordenação e controle dos discursos e do corpo por meio das relações de poder. As lições ensinadas e os castigos aplicados à educação e aos cuidados dos filhos diferenciam e ensinam, pelas disciplinas, os tipos de gestos e atitudes permitidas e aceitáveis socialmente, daqueles reprováveis e intoleráveis sujeitos à repressão rígida e punições severas. A tarefa de domesticar o corpo da criança e estabelecer um tipo de produção que corresponda ao modelo de normas e valores culturais compartilhados pelo grupo é o que dá à família o status de um campo de enunciação com o exercício de poder forte suficiente para produzir variados efeitos de sentido. Entre eles o processo de formação da subjetividade e identidade do sujeito.

Michel Foucault diz a esse repeito,

> mas ela – a família – também é uma rede de prazeres-poderes articulados segundo múltiplos pontos e com relações transformáveis. A separação entre adultos e crianças, a polaridade estabelecida entre o quarto dos pais e o das crianças (que passou a ser canônica no decorrer do século, quando começaram a ser construídas habitações populares), a segregação relativa entre meninos e meninas, as regras estritas sobre cuidados com os bebês (amamentação materna, higiene), a atenção concentrada na sexualidade infantil, os supostos perigos da masturbação, a importância atribuída à puberdade, os métodos sugeridos aos pais, as exortações, os segredos, os medos e a presença ao mesmo tempo valorizada e temida dos serviçais, tudo faz da família, mesmo reduzida às suas menores dimensões, uma rede complexa, saturada de sexualidades múltiplas, fragmentárias e móveis (FOUCAULT, 1984, p. 46).

O conjunto de disciplinas que faz circular as relações de poder, forma e destrói constantemente efeitos de sentido. A vigília constante sobre os "corpos dóceis", segundo a tipologia foucaultiana, assegura a eficácia das disciplinas e o resultado esperado.

Porém, segundo Foucault (1984), não só a família cumpre a função na formação do sujeito, há um conjunto de saberes compartilhados por outras instituições de poder responsáveis por ordenar e formar o discurso, bem como os elementos da subjetividade,

> as instituições escolares ou psiquiátricas com sua numerosa população, sua hierarquia, suas organizações espaciais e seu sistema de fiscalização constituem, ao lado da família, uma outra maneira de distribuir o jogo dos poderes e prazeres; porém, também indicam regiões de alta saturação sexual com espaços ou ritos privilegiados, como a sala de aula, o dormitório, a visita ou a consulta (FOUCAULT, 1984, p. 46).

A crise de paradigmas iniciada já na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que se estendeu no crash da Bolsa de Nova Iorque (1929), que teve traços marcantes e de horror na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e que tomou traços de medo generalizado durante a Guerra Fria (1945-1991) inaugura a elaboração de um novo imaginário sobre o homem e seus valores. A concepção positiva sobre a ciência e os seus saberes, as regras de comportamento moral, as promessas de felicidade e realização existencial foram desmanchadas pelos eventos trágicos da guerra que utilizou muita ciência e tecnologia para a destruição e morte de milhares de pessoas. Em meio a eventos de carnificina e mostras de irracionalidades, surgiram correntes de pensamento que colocaram em questão a tal "autonomia do sujeito", evocada durante anos pelas concepções iluministas e positivistas e que agora são provocadas por questionamentos, seja pelo marxismo, a psicanálise, o existencialismo, a linguística e a própria análise do discurso.

Entre os novos conceitos de saberes produzidos por essas correntes de pensamento se destaca o novo posicionamento que o sujeito ocupa no exercício do conhecimento ou no seu papel social. Trata-se de um "sujeito assujeitado". Constituído por elementos internos – psicanálise e o conceito de inconsciente – ou externos, pelas condições históricas, ideológicas e pelo modo de produção (marxismo); pela condição elementar de ser no mundo que se realiza e se constitui pelas escolhas (existencialismo) ou, enquanto sujeito linguístico que resignifica o mundo pelo símbolo (linguística). Ou ainda, a Análise do Discurso que utiliza o conceito ideológico do marxismo, a noção de conteúdos latentes à consciência que se manifestam na linguagem desenvolvidos pela psicanálise de Lacan e o conceito de enunciação e os mecanismos de saber e poder que operam sobre a constituição do sujeito no pensamento de Foucault.

O fato é que o século XX se constitui como um período de profundas transformações no que tange o entendimento do sujeito, ao se deslocar a noção de sujeito transcendental para a concepção de sujeito linguístico, ou sujeito assujeitado pela subjetividade. Michel Foucault ao analisar as diferentes modalidades de poder, percebe que os saberes presentes nos mecanismos ideológicos, nas instituições de educação, na família,

religião, justiça, etc agem com micropoderes que moldam a subjetividade do indivíduo de forma a construir o sujeito por meio de modalidades discursivas,

> a subjetividade para o autor só pôde nascer quando o ser humano passou a ser reconhecido como dotado de características que o distinguem da natureza, ou seja, o apropriar-se da natureza pela capacidade de trabalho, a sua capacidade de simbolizar e a sua capacidade de fazer uso da linguagem. Tal concepção só ocorre a partir do século XIX. Contesta-se a concepção de sujeito enquanto instância fundadora da linguagem. Concebe-se o discurso como um campo de regularidades em que diversas posições de subjetividade podem se manifestar. Logo, o discurso não se caracteriza pela unidade do sujeito, mas sim pela sua dispersão; dispersão decorrente de várias posições possíveis de serem assumidas por ele no discurso, o que lhe confere diferentes estatutos (FOUCAULT, 1995, p. 76).

A fragilidade dos laços humanos na sociedade contemporânea em parte comunga da destruição e deslocamento do sujeito como ser acabado, com uma ontologia dada, fechada sobre si mesmo, para uma noção de um sujeito em construção perene. A crise da noção do sujeito cognitivo ofereceu possibilidades para que novos agentes políticos e mercadológicos pudessem desenvolver mecanismos de construção ideológica, a fim de conduzir novas demandas e releituras sobre a identidade do sujeito. O sistema capitalista burguês patrocinou a elaboração de verdadeiras maquinarias de resignificação dos bens simbólicos. A ciência e a própria filosofia foram instrumentalizadas pelo sistema, anulando seu grau de autonomia em busca do saber. Há pesquisas encaminhadas com fins já estabelecidos.

Afirma Horkheimer sobre a razão instrumental,

> a razão, portanto, não nos dá mais verdades objetivas e universais às quais possamos nos agarrar, mas somente instrumentos para objetivos já estabelecidos: não é ela que fundamenta e estabelece o que sejam o bem e o mal, como base para orientarmos nossa vida; quem decide sobre o bem o e o mal é agora o "sistema", ou seja, o poder (REALE, 1991, p. 847).

Os meios de comunicação social que tiveram de década de 20 seu uso massificado foi utilizado como ferramenta ideológica para veiculação da propaganda consumista. O objetivo de induzir o comportamento das massas, estabelecer padrões de comportamento, restringir o conhecimento à mera informação, inaugura o tempo da sociedade de consumo, que se reconhece pelos padrões de comportamento que se repetem em cada indivíduo. O ser humano é convertido num exemplar, um sujeito unidimensional, impulsivo e com necessidades cada vez mais crescentes. Como afirma Bauman,

> nos dias de hoje, os shoppings centers tendem a ser planejados tendo-se em mente o súbito despertar e a rápida extinção dos impulsos, e não a incômoda e prolongada criação e maturação dos desejos. O único desejo que pode (e deve) ser implantado por meio da visita a um shopping é o de repetir, vezes e vezes seguidas, o momento estimulante de "abandonar-se aos impulsos" e permitir que estes comandem o espetáculo sem que haja um cenário predeterminado (BAUMAN, 2004, p. 27).

Estimular os impulsos em vista da realização de desejos é uma estratégia produtiva na medida em que a satisfação dos desejos sempre será transitória. Abre-se desse modo, a necessidade de satisfação constante, no qual novos momentos de êxtase prazerosos são movidos pela impulsividade do consumo. O indivíduo é treinado a nunca se satisfazer por completo, pois sempre há a possibilidade da novidade, do encantamento pelo novo, que irá levá-lo ao êxtase provisório.

De fato, todo esse cenário transcrito cria uma realidade extremamente volátil com valores e preceitos morais tênues que mudam ao sabor das tendências de mercado, bem como, dos desejos suscitados pela sociedade do consumo. A constituição da subjetividade se vê mergulhada num cenário pantanoso, com grandes riscos de uma visão distorcida de si e da realidade à sua volta, no qual, aquilo que é apresentado a ele como "verdade" se revela de fato como uma cadeia de saberes produzida ideologicamente.

Portanto, a liquidez e fragilidade das relações humanas da sociedade atual, confundem-se com a fragilidade e liquidez na constituição da própria noção de sujeito, com a elaboração de uma subjetividade deslocada e assujeitada por um modelo de saber patrocinada por mecanismos ideológicos e alienadores. A insegurança das relações amorosas é sintoma de um "sujeito assujeitado" que não se reconhece pelas escolhas e parece ser muito mais fruto de uma colagem, um produto ou invólucro que oculta valores e preceitos éticos desenvolvidos ideologicamente pelas instituições de poder.

2.3 A SEXUALIDADE NAS TRAMAS FLUIDAS DO DISCURSO MERCADOLÓGICO DA VENDA DE UM PRODUTO RARO.

No segundo semestre de 2012 diferentes mídias em todo mundo divulgaram o caso da garota catarinense Ingrid Migliorini, que leiloou sua virgindade por 1,6 milhão de reais pela internet. O caso tomou proporções de críticas variadas, desde os aspectos morais da coisificação do corpo até a lógica da economia de mercado que pode ou não comercializar

qualquer objeto, seja uma simples bolsa ou a virgindade de alguém.

Não há como ignorar a importância dos aspectos valorativos e da evidente crise de identidade do sujeito contemporâneo que o caso suscita. O sociólogo Zigmunt Bauman (2004) chama a atenção quanto às construções de afeto hodiernos, tão fluidas e superficiais ao ponto de fragilizar as relações humanas e as converterem em laços que seguem a própria lógica da economia de mercado, ou seja, a razão de que tudo tem um preço e o valor de algo ou alguém só existe enquanto pode satisfazer a uma necessidade pessoal e imediata.

Como bem afirma Bauman,

> e assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto para o uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a "experiência amorosa" à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço (BAUMAN, 2004, p. 22).

Há algo inquietante que se revela no argumento de Bauman em relação à cultura consumista: a assemelhação que ela fomenta entre o *ser (substância)* e o *ter (derivativos)*.[4] Mais precisamente, a tendência em identificar o ser enquanto essência com os acidentes do ser. O ser enquanto essência é aquele constituído das unidades entitativas que compõem a sua ontologia ou substancialidade (existência, humanidade, afeto, linguagem, etc). Por outro lado, os acidentes do ser seriam propriamente todos os elementos externos a ele que auxiliam em sua definição, como derivativos do ser (todo artifício criado a partir da ação humana pelo trabalho, etc.), mas que não podem ser confundidos com o ser em si. Quando se funde a ação do ser com o produto resultante dessa ação se adentra um terreno movediço no qual o ser se coisifica e em nada se diferencia do seu produto. As barreiras ônticas, linguísticas e epistêmicas que diferenciam o sujeito e o objeto se fragmentam e o resultado é a formação de um "sujeito assujeitado".

Nesse frágil terreno o risco da alienação do indivíduo enquanto subjetividade é constante, ao se criar um distanciamento gradativo do sujeito em relação aos elementos que constituem o seu ser abre se precedentes para elementos externos ao indivíduo produzirem

[4] Essas distinções de categorias que definem a ontologia humana foram construídas por Aristóteles (384-322) em sua majestosa obra, *"Metafísica"*. As categorias são: substância (οὐσία, *substantia*), quantidade (ποσόν, *quantitas*), qualidade (ποιόν, *qualitas*), relação (πρός τι, *relatio*), lugar (ποῦ, *ubi*), tempo (ποτέ, *quando*), estado (κεῖσθαι, *situs*), hábito (ἔχειν, *habere*), ação (ποιεῖν, *actio*) e paixão (πάσχειν, *passio*). Algumas vezes, as categorias são também chamadas de *classes*

agenciamentos fortes os suficientes para transformar sua identidade. Nesse sentido, o discurso da sociedade de mercado se torna um imperativo categórico que conforma as ações, sentimentos, desejos e sonhos em torno de um querer ideologicamente pensado no qual o ter se confunde com o ser.

O leilão da virgindade de Ingrid Migliorini é o exemplo emblemático do processo de assujeitamento em relação à lógica mercadológica. Adentra a dinâmica daquilo que o filósofo norte-americano Michael Sandel (1953) chama de *sociedade de mercado.* Definida pelo filósofo como a sociedade em que os valores sociais, a família, a natureza, a educação, a saúde e até os direitos individuais podem ser vendidos ou comercializados. Sociedade essa no qual a venda da intimidade, a comercialização do corpo, a manifestação de fantasias e desejos e até padrões estéticos de corpo são negociados livremente, utilizando agora de novas plataformas informacionais como as redes digitais. Como afirma Michael Sandel (apud ROSSI & ROSA, 2012, p. 1), "sem que percebamos, sem que tenhamos decidido que é para ser assim, nos faz mudar de uma economia de mercado para uma sociedade de mercado". As mídias digitalizadas são convertidas em um campo de enunciação que produz uma diversidade de efeitos de sentido

Segundo Alfredo Bosi (1936), em seu artigo "Plural, mas não Caótico": "Uma das características fundamentais da cultura de massas é a montagem de bens simbólicos em ritmo industrial que nos fornece um modelo de tempo cultural acelerado. As representações devem durar pouco, ou só enquanto o público der mostras de consumi-las." (BOSI, 2002, p. 7). Os bens simbólicos são construídos e substituídos pelo próprio mercado seguindo a lei da oferta e da procura, marcada por mudanças constantes que acompanham não a necessidade real do consumidor, mas as necessidades, sempre crescentes do mercado em lucrar em nome da inovação, por isso deve se evitar o tédio e a apatia do consumidor. A regra geral é a novidade[5] que cria o fascínio que aguça os desejos e os desejos que levam a ação de consumir.

A socióloga Eva Illouz, em sua obra *O amor nos tempos do capitalismo*, evidencia a tendência contemporânea à comercialização da intimidade ao constatar que o crescente esvaziamento das relações duradouras e da volatilidade dos sentimentos criam novas apresentações ontológicas de si. Citando o historiador cultural Warren Susman, afirma que o começo do século XX foi marcado como um momento decisivo nas maneiras de o eu

[5] Para a Análise do Discurso nada seria original ou novidade como algo que nunca ocorreu. No caso a novidade da venda da virgindade se faz não no sentido propriamente da comercialização, mas sim no sentido de se fazer a venda de maneira pública e assumida como uma venda e como um negócio.

ser apresentado e negociado,

> contrastando a "personalidade" com o "caráter", ele sugeriu que, pela primeira vez, o eu tornou-se algo a ser montado e manipulado para causar impressões e administrá-las. Na opinião de Susman, a cultura de consumo e a indústria da moda desempenharam um papel importante, ao acentuarem o manejo deliberado do eu e a criação de impressões programadas para agradar e seduzir outras pessoas (ILLOUZ, 2011, p. 114-115)

Segundo Illouz, isso marcou uma mudança profunda na noção do eu em relação ao século 19, que era menos fragmentado ligado ao controle de uma moral rígida que exercia vigilância sobre o eu, o corpo e a sexualidade por meio das instituições médicas e educacionais. O poder exercido sobre o eu o tornava menos manipulável pelo mercado burguês em ascensão e ainda limitado nas estratégias de marketing e publicidade de seus produtos. Nesse contexto, a noção do eu era moldado por uma ideia holística do caráter, profundamente arraigado às concepções tradicionais de um eu comedido, dotado de pudor e autocontrole, ou seja, um eu integral.

2.3.1 A formação do sujeito moral

Ao se questionar os discursos que dão origem a essa "moral" consumista e coisificadora tal questionamento esbarra necessariamente na evidencia de que todo comportamento social é resultado da constituição do sujeito individual produzido culturalmente pela base dos saberes que compõe tal sociedade. O conjunto de saberes culturais, valorativos, e normativos cria nas palavras de Foucault (1925-1984) a figura do "sujeito moral", que é o principal sujeito da ação social. Quais seriam os saberes valorativos que permeiam a ação de um indivíduo? Em nome de qual moral a escolha de alguém é processada?

Diz Foucault na obra *História da Sexualidade*:

> para ser dita "moral" uma ação não deve se reduzir a um ato ou a uma série de atos conforme a uma regra, lei ou valor. É verdade que toda ação moral comporta uma relação ao real em que se efetua, e uma certa relação a si; essa relação não é simplesmente "consciência de si", mas constituição de si enquanto "sujeito moral", na qual o indivíduo circunscreve a parte dele mesmo que constitui o objeto dessa prática moral, define sua posição em relação ao preceito que respeita, estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e, para tal, age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controla-se, põe-se à prova,

> aperfeiçoa-se, transforma-se" (FOUCAULT, 2007, p. 28).

Ora, toda relação genuína de afeto é resultado dos saberes produzidos socialmente. Esses saberes mediados por códigos morais, linguísticos, discursivos, culturais, ideológicos institucionalizam modalidades de poderes que são exercidos por diferentes agentes sociais. Tais poderes regulamentam padrões de comportamento, instituem as melhores formas da aplicação dos desejos e ordenam a economia dos prazeres pelas normas morais. Se hoje as relações humanas são marcadas pelo poder de mercado, tal situação denuncia que os saberes que assim o constituíram foram elaborados por um conjunto de circunstâncias sociais que ao longo da história burguesa tomou forma.

Só há constituição do sujeito moral por meio da elaboração de sistemas de valores que funcionam como "códigos de comportamento" que produzem, por sua vez, modos de subjetivação. Tal constituição perpassa as escolhas, os quereres, o consumo da cultura, patrocinada pelos mecanismos de massificação, orientam esse querer que se confunde com o ter.

Afirma Foucault nesse sentido que,

> se de fato for verdade que toda "moral", no sentido amplo, comporta os dois aspectos [...], ou seja, o dos códigos de comportamento e os das formas de subjetivação; se for verdade que eles jamais podem estar inteiramente dissociados, mas que acontece deles se desenvolverem, tanto um quanto o outro, numa relativa autonomia, é necessário também admitir que em certas morais a importância é dada sobretudo ao código, à sua sistemática e riqueza, à sua capacidade de ajustar-se a todos os casos possíveis, e a cobrir todos os campos de comportamento [...] (FOUCAULT, 2007, p. 29).

Desse modo se reconhece no discurso da mercantilização do corpo protagonizado pela jovem catarinense, o ato de um sujeito moral que manifesta em sua escolha um código de comportamento que representa um padrão de subjetivação que perpassa todos os campos valorativos e discursivos da sociedade atual. Ingrid Migliorini não é uma voz no deserto, a radicalidade de seu gesto pode ter causado certo desconforto quanto à forma e as circunstâncias que se deram, mas pouco representou em discursos que evidenciassem a sacralidade do corpo, ou até mesmo em escândalo moral, ferindo as balizas da moral e dos tabus religiosos e sociais. Na verdade, tais debates já não atingem o grande público, sendo colocados aos âmbitos eclesiásticos, estando pouco presente na grande mídia e nos fóruns de debates políticos.

O trabalho de autoapresentação produzido em torno de sua virgindade leiloada evoca a imagem da ninfa pura e casta presente desde a antiguidade grega no imaginário

masculino, navegando pelas redes sociais tal imagem tornou-se um objeto de desejo, sendo ampliado discursivamente pelas diferentes mídias que inflacionaram a virgindade ao ponto da jovem moça ser descorporificada e tomar proporções generalizadas e abstratas, tornando se um produto a ser consumido, usado como uma mercadoria que se compra e usufrui. A noção de um eu, enquanto subjetividade individual, dotada de personalidade, foi substituída pela imagem da ninfa, púbere e pronta para os deleites libidinosos daquele que der o maior lance pelo produto.

Nas palavras de Eva Illouz,

> [...] o eu pós-moderno implica que não existe um eu nuclear, apenas uma multiplicidade de papéis a desempenhar, o eu postado pela conjunção entre psicologia e a tecnologia da internet – e porque não de todas as outras mídias – é "ôntico", no sentido de presumir a existência de um eu nuclear que é permanente e pode ser captado por uma multiplicidade de representações (questionários, fotografias, e-mails), e assim por diante. A internet faz reviver na plenitude o antigo dualismo cartesiano entre pensamento e o corpo, e é na mente que se situa o único *lócus* real do pensamento e identidade (ILLOUZ, 2011, p. 116)

Mais uma vez Illouz chama atenção para a fragmentação do sujeito, visto como uma multiplicidade de faces, no qual a identidade é substituída pela conjugação de papéis a serem realizados. O conceito do *cogito* cartesiano evocado pela autora demonstra a dualidade epistêmica produzida pelo distanciamento do corpo enquanto realidade física e a imagem abstrata e ampliada que se cria dele na mente dos sujeitos pela exposição das diferentes mídias.

Nesse sentido, o corpo e a virgindade de Ingrid Migliorini, são deslocados da esfera de um "eu real" para a instância de um "eu de consciência", imagético, sustentado por múltiplos efeitos de sentido do corpo como produto. A apresentação pessoal e a aparência física são reconstruídas e (re)significados ideológica e discursivamente, adquirindo uma importância nova, pungente e com necessidade de ser contemplada, apreciada e valorada publicamente como mercadoria.

Em entrevista concedida ao portal G1 em 05 de janeiro de 2013, Ingrid fala sobre a condição de ser virgem no passado e como ela concebe a virgindade após o evento do leilão. Diz ela: *"Até meus 15 anos imaginava a primeira vez com amor, aquele desejo de adolescente de ser com o príncipe encantado. Atualmente, vejo a virgindade como uma condição física do corpo".* (G1, 2013). É sintomática a (re)significação presente no discurso de Ingrid, há um deslocamento da noção da formação discursiva baseada na noção de corpo como produto que se opõe a noção do passado do corpo como expressão do amor e do

romance.

Dessa maneira não é o gesto de leiloar a virgindade que deve ser observado discursivamente, mas o conjunto de saberes e valores que orientam e instauram a figura de um "sujeito moral" moldado nas forças de tais padrões de afetos de consciência que o fazem protagonizar tal ação. A instauração de tal processo de subjetivação patrocinada pelas mídias sociais encontra eco ou cumplicidade em outros indivíduos que partilham voluntariamente as características desse sujeito moral.

Em seguida, será analisada a capa da Revista Veja de 2013 que trata do leilão da virgindade de Ingrid Migliorini.

2.3.2 A imagem e o produto

A capa da revista Veja do mês de Abril de 2013 traz como destaque a manchete *"Ela vendeu a virgindade: será que estamos virando uma sociedade em que tudo se compra?"* A pergunta retórica feita quase é respondida por si mesma, pois evoca em seu enunciado a noção de que "estamos vivendo numa sociedade em que tudo se compra".

Ao analisar a imagem enquanto campo enunciativo, vários efeitos de sentido quanto à noção de sujeito como produto se revelam.

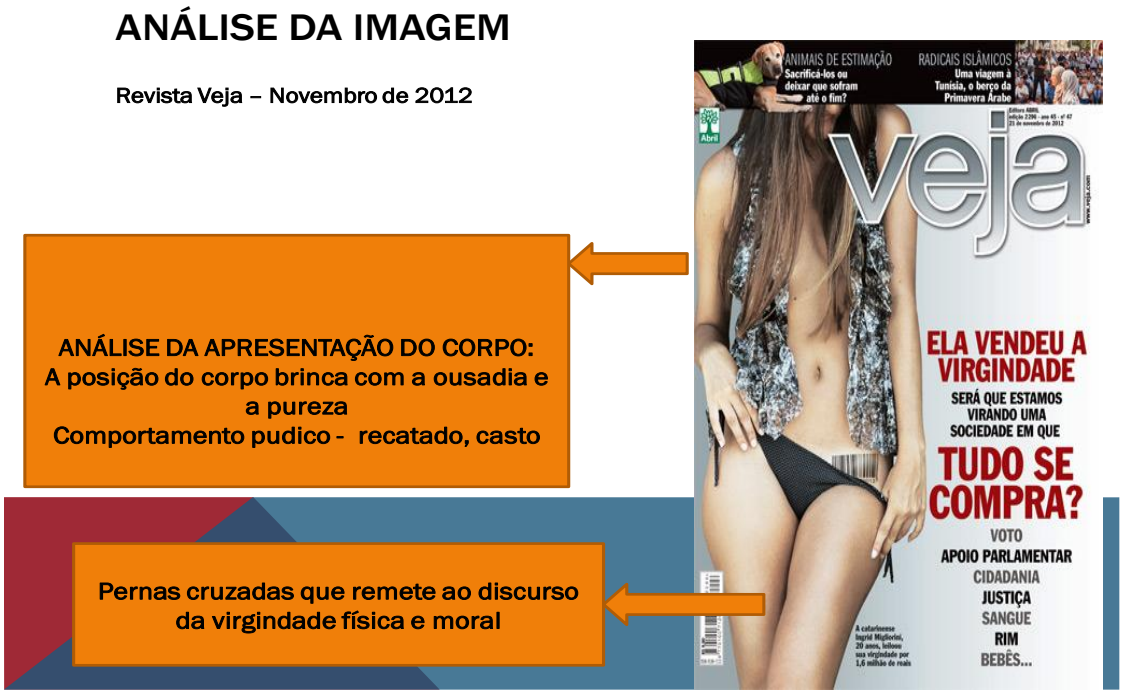


Figura 3 – Imagem da Capa Veja
Fonte: Revista Veja, abril de 2013.

Um dos primeiros componentes discursivos a serem analisados é a posição que o corpo ocupa na imagem. Claramente nota-se um corpo contorcido, em um movimento em espiral que remete à imagem de movimento ou transição de uma condição de pureza para a ousadia ao mesmo tempo. Em um primeiro close confunde se o comportamento quase pudico, recatado e casto, próprio da noção imagética da virgem no plano da inocência e da inexperiência pueril. É um corpo em desconstrução quanto ao efeito de inocência infantil, que margeia a linha de transição do proibido ao moralmente aceitável. A imagem reconstrói discursivamente o efeito erógeno quanto a um totem de desejo, à medida que brinca com o biótipo magro e esguio da garota, com seu ventre pequeno e a cintura estreita própria da mulher que morre pra infância e renasce para a vida adulta.

Sobre a noção de reconstrução do corpo a historiadora Denise Bernuzzi de Sant'Anna em sua obra *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea (2001),* afirma:

> Um corpo em reconstrução é infinito. [...] Por vezes, as intervenções no corpo não evocam a sua ruína. E noutras, o radicalismo das metamorfoses corporais repete um antigo medo: a impossibilidade de tornar o corpo cognoscível, legível, eloquente sobre si mesmo, humanizado. [...] na medida em que o corpo ganha direito de exposição à atuação, ele também conquista o dever de ser civilizado e fotogênico e, ainda, precisa reinventar zonas de sombra, de sossego, uma espécie de oásis para não ser arruinado pela exigência de exposição e de tradução infinitas (SANT'ANNA, 2001, p. 65-69).

Ora, o corpo em espiral com movimento de transição de Ingrid Migliorini se insere em uma metamorfose de sentidos, ao ponto que é (re)significado e (re)construído por posicionamentos erógenos com zonas de sombra, como a ousadia, a evocação do desejo e a sensualidade. A exposição do corpo como espiral em movimento estabelece o posicionamento que o sujeito quanto objeto de desejo deve ocupar no campo de enunciação, pois subjetiva o corpo da garota ao gesto interpretativo de desejo.

As pernas cruzadas são outro gesto de (re)significação discursiva importante, pois acena a noção da virgindade física e moral ao remeter à interpretação do "lugar"secreto, lacrado e fechado que não se encontra aberto e livre. Tal posicionamento das pernas traz novamente a noção da pureza e da inocência, na medida em que faz uma breve menção ao gesto da timidez, tão comum àquela que se sente pouco a vontade, ou ainda, com a incerteza ou medo daquilo que irá acontecer.

Segundo Denise Sant'Anna, os gestos e comportamentos dos corpos sempre representaram significados morais e valorativos de um grupo ou sociedade em determinada

época. Os efeitos de sentido que pernas cruzadas podem evocar, transita no universo das simbolizações de castidade e tradição, zona fronteiriça entre o pudor e o erótico. Afirma Denise Sant'Anna nesse sentido,

> pernas juntas, vestidos compridos, cabelos seguros por grampos e laquê, seios dentro do sutiã de bojo, ventre comprimido por "cinturita": até meados da década de 1950, é comum encontrar esse tipo de corpo feminino nas revistas brasileiras. Não demonstrará muito contudo para que nele seja apontado um excesso de rigidez, uma artificialidade intolerável para os emergentes brotinhos, novas candidatas à aquisição de liberdade corporal e autenticidade dos sentimentos. Numa época de substituição do lânguido glamour pelo picante sex-appeal, as aparências bronzeadas, lépidas e risinhas terão pressa em anunciar o quanto a descontração, a intimidade e a sedução devem, doravante, ser os ingredientes básicos da felicidade. (SANT'ANNA, 2001, p. 65-66).

O cruzar de pernas na imagem evoca um acontecimento retro, ligado ao sentido moral de rigidez e formalidade recatada de controle sobre o corpo pelas disciplinas morais das instituições sociais. No entanto, os componentes erógenos que o restante da imagem apresenta atenuam tal gesto e o insere a uma ordem discursiva de transição, entre o proibido e o permitido.

Figura 4 – Análise da Imagem
Fonte: Revista Veja, abril de 2013.

A face ocultada é outro gesto de leitura e interpretação representativo na imagem. De forma sintomática sobre o rosto da jovem catarinense é projetada paradoxalmente a imagem de um cão do lado esquerdo e de mulheres mulçumanas com véus (khimar) sobre a cabeça do outro. Uma análise mais aprofundada revela um conflito de sentidos entre a

irracionalidade e bestialidade de um cão e o fundamentalismo religioso e moral de uma dada orientação religiosa. Ambos inseridos num campo de enunciação que remete a ideia de liberdade e primitivismo por um lado e controle e moral rígida de outro.

A noção de fragmentação e de subjetividade é também evocada pela face ocultada. Essa ocultação anula a personalidade de Ingrid Migliorini, assim, se dá a reconstrução discursiva de outra pessoa com base da noção do corpo como produto erótico pronto a ser consumido. O que importa não é o "eu real", mas sim o "eu de consciência" produzido simbolicamente pela projeção da imagem. Um fato que ilustra tal pressuposto é a posição marginal que o nome da garota ocupa na capa, sendo colocado em segundo plano com letras pequenas e sem qualquer tipo de expressão no final da página.

Ainda sobre os espaços de transição e metamorfoses entre a inocência e a ousadia se observa a lingerie usada por Migliorini. Uma calcinha pequena, com laços dos lados, de cor preta com bolinhas brancas no qual a jovem brinca com um ousado gesto de se despir. A interpretação da peça íntima transcorre com múltiplos sentidos, a começar pelo tom de inocência que a cor da peça representa, não é um simples preto, mas um preto com bolinhas brancas, similar às cores de uma peça infantil, transmite o efeito de pureza e pudor.

Todavia o leve gesto de se despir, o ato de puxar a calcinha para baixo, (re)significa o gesto, evocando o sentido erótico. Os laços de ambos os lados combinam a ideia de serem desatados e soltos, prontos a evidenciar e deixar fluir o produto a ser consumido. O ousado gesto remete a noção do erótico, linguagem com grande liberdade de circulação no meio social, pois evoca significados sexuais com um tipo de discursividade gestual e conteúdos de desejo atenuados.

Dominique Maingueneau (1950) em sua obra *O Discurso Pornográfico* comenta sobre o gesto obsceno que tem espaço de circulação garantido no meio social. Afirma ele: "A obscenidade é uma maneira imemorial e universal de dizer a sexualidade. Sua finalidade não é, em primeiro lugar, a representação precisa de atividades sexuais, mas sua evocação transgressiva em situações bem particulares" (MAINGUENEAU, 2010, p. 25).

O gesto de Ingrid Migliorini, de abaixar a calcinha, evoca uma ação transgressiva na medida em que produz efeitos contrários de ousadia e controle do erótico, brinca com as pulsões do observador-desejante. É um dizer não dito que se reveste de um efeito enigmático e transgressor.

O código de barras do lado direito da imagem é o pressuposto evidente do processo de assujeitamento de Ingrid Migliorini, pois tipifica o corpo como produto ofertado e comercializado. Remete ao discurso econômico da virgindade como "bem simbólico" com

necessidade de consumo imediato pelo preço ofertado.

As palavras de Ingrid Migliorini evidenciam a transição de seu corpo como mercadoria:

> sempre achei que o amor verdadeiro supera tudo e gosta de você como realmente é. Pensei nisso, mas os homens se aproximam mais de mim agora. Não sei qual a real intenção, isso é verdade, mas atualmente me pedem em casamento, em namoro e me procuram muito mais (G1, 2013).

Comumente usado em produtos e mercadorias, o código de barras é uma marca que evidencia e classifica as especificações do objeto. No caso de Ingrid toda a autodescrição realizada por ela no site que leiloou sua virgindade, a convertem em um produto com todas as especificações necessárias para o deleite sexual: jovem com 18 anos, magra, corpo definido, pele bem tratada e virgem com atestado ginecológico. Tal descrição comercial converte Ingrid a se tornar um produto a ser consumido, daí o gesto interpretativo de transição de um "eu real" para um "eu de consciência".

Dessa forma ao analisar o discurso mercadológico na venda da virgindade de Ingrid Migliorini, são evidenciados efeitos de sentido quanto à fragmentação da noção de sujeito, a noção de um a subjetividade assujeitada pela sociedade de consumo, no qual a individualidade se converte em produto ou mercadoria que pode ser comprada e consumida. A apresentação de si dessa da jovem garota realizado por meio das mídias sociais demonstra o poder de alcance dessas plataformas informacionais e o poder que elas possuem no processo de subjetivação.

3 HOMEM-MÁQUINA: AS PRODUÇÕES DISCURSIVAS E OS PROCESSOS DE SUBJETIVIDADE DESENVOLVIDOS NA INTERAÇÃO DO SUJEITO COM REDES DIGITAIS

O verdadeiro perigo não é que computadores começarão a pensar como homens, mas que homens começarão a pensar como computadores.

Sydney J. Harris

3.1 OS LIMITES DO CORPO NA REDE: UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO FILOSÓFICA.

René Descartes (1596-1650) em suas *Meditações Metafísicas* faz pela dúvida metódica, clara distinção em relação à força do pensamento sobre a matéria, afirma serem os órgãos dos sentidos (visão, audição, paladar, olfato, tato), bem como as paixões, a fonte do erro e da visão distorcida da realidade. Somente a mente, ou, "razão ativa" seria capaz de garantir o conhecimento verdadeiro. Tal potencia ativa é o que daria ao homem a capacidade de ir além. Existem, portanto, duas realidades para Descartes, a *res extensa*, passiva e sem significado em si mesmo e *a res cogitans*, ou razão pensante, ativa e com capacidade de nomear o mundo e a si mesma. Daí a máxima cartesiana, *Penso, logo existo!*

De fato, o corpo para Descartes é um obstáculo a ser superado pela mente. A debilidade do corpo e os limites físicos impõem zonas de exclusão à mente e a impede de externar todo seu potencial criativo. As interdições advindas das proporções físicas, da idade e interação com o meio faz do corpo uma prisão a ser superada pela coisa pensante.

A concepção de sujeito e sua vinculação com o corpo e a razão terá em Michel Foucault outro tipo de vinculação e função. Em sua obra *As Palavras e as Coisas* (1999), Foucault enuncia "a morte do homem e o nascimento do sujeito". Rompe a partir desse conceito com a concepção de sujeito enquanto indivíduo, o sujeito da razão em Descartes com atributos ontológicos (inatos e inerentes à própria razão), para concebê-lo como produzido por funções que lhes são exteriores. Atesta, dessa forma, o descentramento do sujeito e sua condição pelos discursos.

Afirma Claudemar Alves Fernandes (2012) sobre essa noção de sujeito enquanto função dos discursos,

> o sujeito passa a ser considerado como uma função, ou como uma posição a ser

> ocupada nos discursos. A morte do homem, enquanto individualidade no mundo, e o nascimento do sujeito pelos saberes que o circundam possibilitam a Foucault, em momento posterior à arqueologia, refletir sobre a relação constitutiva entre sujeito e poder, o que o leva, inclusive, a escavar as formas sociopolíticas voltadas para o biopoder (FERNANDES, 2012, p. 59).

Há um deslocamento da noção de sujeito enquanto unidade ontológica para a noção de sujeito como uma função do discurso. Sujeito como produto de uma interação sócio-biológica, que se faz e refaz segundo a função e o posicionamento que ocupa no ato discursivo. Em suas aulas proferidas e reunidas em *Poder Psiquiátrico* (2006), Foucault explica que "a vinculação da função-sujeito a um corpo determinado é coisa que só se pode fazer de maneira descontínua, incidente, momentânea, por exemplo, em cerimônias".

Segundo Fernandes (2012), na questão da relação entre sujeito e corpo, para Foucault a função sujeito não se reduz a um indivíduo corpóreo, mas "é necessário um corpo que funcione como suporte para o sujeito, para o exercício da função-sujeito". O corpo se converte num invólucro onde o sujeito transita e se desloca em sua função de emissor do discurso. Corpo enquanto espaço e matéria necessária para o funcionamento da função sujeito.

A fim de exemplificar esse conceito sujeito-corpo, Fernandes (2012) utiliza um exemplo oferecido por Foucault na figura do corpo do Rei. O Rei é uma posição-sujeito, com um corpo, mas quando ocorre o falecimento desse corpo, o Rei continuará existindo, pois como uma função, terá outro corpo como suporte, para sua existência,

> o Rei, para assegurar sua soberania, deve ser um sujeito com corpo [...] este corpo do rei, que mantém juntas todas essas relações de soberania, não pode desaparecer como o indivíduo X ou Y que acaba de morrer. É necessária, portanto, certa permanência do corpo do rei; é necessário que o corpo do rei não seja simplesmente sua singularidade somática, tem de ser, além disso, a solidez de seu reino, da sua coroa. [...] a relação de soberania põe em ligação, aplica algo como um poder político no corpo, mas nunca faz a individualidade aparecer (FOUCAULT, 2006, p. 57).

Portanto, para Fernandes (2012), nesse sentido não é o corpo que está em questão, mas o sujeito de ação, produzido por uma exterioridade social, cultural e política. Isso se aplica a todo sujeito uma vez que exterioridade atua sempre, por meio de discursos, na produção de subjetividade, e o sujeito é um efeito de subjetividade.

A relação do sujeito com o corpo enquanto objeto sobre o qual recaí o poder é trabalho por Foucault na obra *Vigiar e Punir* (2004) quando o autor afirma que os castigos impostos sobre o corpo visam atingir o sujeito e não uma singularidade somática:

> o corpo está também diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder tem alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica [...] o corpo é investido por relações de poder e dominação (FOUCAULT, 2004, p.25).

Segundo Fernandes (2012), se o corpo é tomado como submisso e como força produtiva, ele se encontra investido de um sujeito de ação, que está posto em relação a outros sujeitos, definidos e distintos entre si pelas suas posições.

Tanto a noção de sujeito como cogito em Descartes, com uma função inata e ativa, quanto a noção de sujeito enquanto função discursiva que ocupa distintas posições em sua ação em Foucault, reservam ao corpo um espaço de submissão. Corpo investido de um sujeito que atua, que se age em função de uma razão (Descartes) ou por funções de discurso (Foucault). Corpo como o limite da subjetividade, um suporte formado e moldado segundo os parâmetros de um sujeito.

A constatação de Descartes e Foucault (respeitando as diferenças conceituais de cada um, lembrando que para Descartes o sujeito cognitivo é uma realidade dada de forma inata, enquanto para Foucault é construída pelo discurso e por isso, é um sujeito de transição) dos limites impostos pelo corpo à mente parecem ser diluídas e minimizadas com o advento da sociedade informacional e com as tecnologias digitais. Existem entusiastas das chamadas novas tecnologias que veem o corpo como um vestígio indigno fadado a desaparecer em breve.

Longe de compartilhar uma postura tão radical, de anulação do corpo nas redes digitais, parece prudente pensar que a disseminação e uso de tais maquinarias computacionais quebra, em parte, as fronteiras do corpo em relação à mente. A presença diária das redes sociais nas variadas atividades de trabalho ou lazer, a criação de novos softwares de compartilhamento de informação. A utilização de equipamentos eletrônicos que codificam as ondas cerebrais transformando-as em movimento de próteses robóticas, ou ainda a utilização dessas maquinarias nas relações amorosas, faz delas importante instrumento na ampliação e potencialização das ações mentais.

Mas o que é o sujeito, pela ótica foucaultiana, nas redes digitais? É um sujeito produzido pelo discurso informacional com função de transitoriedade deslocada do corpo e que circula cumprindo múltiplas posições em uma rede permeada por interconexões virtuais. O sujeito digital circula em um campo de enunciação, dotado de variados gestos de interpretação que o posiciona de forma variada, ora o colocando em determinada zona de

produção, ora o conduzindo a outras regiões discursivas. Por isso, não existe um sujeito nas maquinarias computacionais, mas um conjunto de sujeitos que ocupam zonas de interpretação cumprem determinados conjunto de funções e produz uma série de efeitos de sentido. O sujeito na rede sempre se encontra em espaços de interconexão, abrindo e fechando portas de informação, acessando e desligando funções discursivas, segundo sua necessidade e emergência.

A rede é um espaço de subjetividade, onde ocorre o deslocamento do sujeito em relação ao seu corpo que é anulado momentaneamente enquanto veículo ou invólucro da função-sujeito, dando vazão para a livre circulação do sujeito em espaços rizomáticos e digitais. A rede digital é uma tecnologia de poder sobre o corpo, é um instrumento com ação discursiva forte o suficiente para deslocar e inserir o sujeito em enunciações paradigmáticas (relativo a modelos) que se movem por redes de informação de origem diversa e que por serem externas ao sujeito produzem efeitos de sentido e patrocinam a elaboração de determinadas subjetividades, ou sujeitos, com funções determinadas para campos de enunciação específicos.

Nesse sentido, o sujeito pai, esposo, chefe de família que cumpre a função do "homem casado", quando adentra a rede social, se transforma no soldado espartano no jogo em rede *Age of Mythology*, ao se deslocar desse universo se converte no blogueiro que discute moral e política em uma comunidade virtual, por conta disso possui centenas de seguidores no twitter que simpatizam de suas ideias. Ora ou outra, esse sujeito acessa sua conta no facebook, posta fotos de suas férias na África do Sul e elabora comentários sobre os lugares e pessoas, suas postagens são curtidas e replicadas por amigos e familiares. Quantas funções cumprem esse sujeito nessas relações discursivas nas redes sociais? O de guerreiro espartano, blogueiro político, criador de opinião com grupo de seguidores, aventureiro etc. Com certeza enquanto sujeito ocupa variadas posições, pois transita em variados discursos e se molda enquanto sujeito em cada um deles. Tudo isso quanto sujeito de cognição fora de seu corpo, lançado a cenários desenvolvidos digitalmente que quebram a linha do tempo e do espaço, o faz assumir diferentes posicionamentos e efeitos de sentido.

É um sujeito submetido à dinamicidade do meio digital, um "eu" nômade que circula em espaços construídos a partir de uma cópia do mundo, esboço do real, com total controle do programador. A liberdade do sujeito na rede se dá no trânsito das linguagens lógicas de como as informações são dispostas.

Eni Orlandi, na obra *Análise do Discurso: princípios e procedimentos* (2007), discute sobre o assujeitamento.

> A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento. (ORLANDI, 2007, p. 50).

Desse modo, a língua e seu conjunto de regras são uma fronteira existente entre o sujeito real e o sujeito virtual. Para comunicar e fazer transitar a informação na rede, faz-se necessária a língua. Talvez seja essa a única dimensão que limita totalmente a ação do sujeito discursivo nas redes sociais.

3.2 SERÁ O FIM DO CORPO?

O último século foi fértil em momentos históricos que alteraram significativamente as tecnologias. A Primeira e Segunda Guerra Mundial, a corrida armamentista e espacial em plena tensão da Guerra Fria nas décadas de cinquenta e sessenta, desenvolveram mecanismos para veiculação rápida de informação e otimização de cálculos para o direcionamento de bombas. O fato é que a aplicação prática dessas tecnologias transcendeu o universo militar e gradativamente chegou à vida cotidiana do cidadão comum.

A evolução das tecnologias digitais transformou a percepção do corpo nas três dimensões do espaço (altura, largura e profundidade), pois infiltrou o corpo em um espaço rizomático, com zonas de intersecção que se movem e transformam em devires e multiplicidade de deslocamento. Espaço de passagem e caminhos que se sobrepõem por uma avalanche de informações. O espaço ocupado pelo corpo na rede é um espaço de transição, de circulação nômade.

Eva Illouz (2011), ao discutir o significado do corpo na internet, afirma que, no momento em que o sujeito adentra o ciberespaço, há certa anulação do corpo.

> a internet é apresentada como uma tecnologia descorporificadora, e que desmaterializa o corpo de maneira positiva [...] essa ideia, por sua vez, é compatível com um "discurso central utópico em torno da tecnologia da computação", centrado no "potencial oferecido pelos computadores para que os seres humanos escapem do corpo" [...] Na cultura do computador, a corporalização é comumente representada como uma barreira lamentável à interação com os prazeres computacionais. Na escrita cibernética, é comum fazer-se referência ao corpo como 'a carne', a carne morta que cerca a mente ativa que constitui o eu autêntico (ILLOUZ, 2011, p. 108).

A ideia de descorporificação nas redes digitais permite que os sentimentos evoluam e fluam com certa liberdade para a elaboração de um "eu" incorpóreo, fruto da mente e dos discursos que o cercam. Um eu de consciência que ganha forma fora do corpo e pode circular sem as barreiras físicas.

Outros autores compartilham dessa leitura, como é o caso de David Le Breton (2003) ao afirmar que "o corpo não é mais uma fronteira identitária, mas vestígio deixado no espaço". O corpo é convertido em uma memória ou traço, passando a ocupar um espaço secundário na relação com o sujeito,

> conectados ao ciberespaço, os corpos se dissolvem. "Suspenso no universo do computador", diz Heim, "o cibernauta abandona a prisão do corpo a prisão do corpo e entra num mundo de sensações digitais." O viajante da infoesfera não se sente mais preso a um corpo físico, ele conduz sucessivas explorações sobre identidades geralmente diferentes, em um mundo imaterial (BRETON, 2003, p, 124)

Segundo Breton, não importa sua idade, seu sexo, nem mesmo se está doente ou é deficiente, ele é livre para se mover à vontade e segundo sua competência em um universo de dados. Seu corpo físico se comparado aos múltiplos corpos virtuais que são produzidos se torna um vestígio limitado, um traço antropológico sem importância na rede.

Em 2006, os irmãos cineastas americanos Wachiwski apresentaram o cenário de um mundo artificial, como produto de uma inteligência artificial. Tendo como nome Matrix, esse sistema maquínico se alimenta da ilusão de liberdade e autonomia dos indivíduos. Os personagens que se libertam da Matrix se deslocam de uma cidade a outra, transitam em espaços pasteurizados construídos digitalmente, adquirem habilidades e poderes que superam os limites do corpo, podendo inclusive aprender habilidades de lutas e manuseio de armas com apenas a instalação de um programa digital na memória.

Nesse sentido, o corpo era uma extensão do mundo digital, pois seu deslocamento era enunciado por meio da vontade do sujeito cognitivo, que uma vez conectado à máquina se desligava do corpo podendo dessa forma se deslocar livre em múltiplos espaços. Espaços descontínuos que eram acessados e fechados em um único instante, de um hotel a um bar, de um terraço a uma praça onde o telefone servia de canal para religar o sujeito ao seu corpo.

Frente aos pressupostos de Matrix, surge o questionamento, se tal relação já não existe no mundo não ficcional do cinema, no mundo virtual onde os sujeitos transitam em realidades pasteurizadas dotadas de regras, valores e texturas próprias. Desenvolvidas com perfeição a fim de oferecer aos usuários simulações de sensações e experiências tão fortes e

prazerosas que chegam a superar as experiências do corpo na vida real.

Sem sair de casa, conectado à rede, é possível lançar-se nos rios da Amazônia e desfrutar a riqueza de suas águas com seus peixes e botos cor de rosa, se infiltrar na floresta e conhecer animais exóticos e pássaros coloridos e, por meio de aplicativos, ouvir seus cantos fantásticos. Despir a mulher ideal num jogo erótico de um site de relacionamento; dialogar durante horas com ciberamigos espalhados por várias regiões do mundo, tudo simultaneamente, sem as regras do tempo e espaço. Não se conhece nada desses amigos além do pseudônimo e as reações textuais que expressam, ao participar de um jogo de RPG.

Continua Breton nesse sentido,

> é possível viver em uma cidade virtual, com apartamento, profissão, lazer, vizinhos, amigos, ir a uma sala de espetáculos, informa-se sobre o caminho com outros internautas que vão para lá etc. É possível assistir a partos transmitidos ao vivo, e a própria não escapa mais à Net. Um site canadense permite acompanhar um funeral por meio de uma câmera conectada à rede. [...] tendo dispensado o corpo, toas as metamorfoses são permitidas (BRETON, 2011, p. 128).

O ciberespaço construiu um modo de existência, com linguagens, códigos, símbolos, culturas e discursos próprios, um conjunto de valores particulares para dar movimento e dinamicidade aos sistemas de produção virtual. É por meio desse modo de existência que as relações se descorporificam e emergem na construção de sujeitos com funções específicas no ciberespaço, existências fluidas e prolongadas somente enquanto acessadas pelo usuário.

O ciberespaço, para Breton, é um instrumento da multiplicação de si, uma prótese da existência. Nesse sentido, favorece toda potência do pensamento e promove a libertação da mente dos limites corporais.

As superfícies criadas pelo ciberespaço circulam em "planos de imanência"[6] com potência suficiente para produzir zonas de enunciação. A natureza das zonas de enunciação depende do espaço que ocupa na rede, ou seja, é produzida em campos onde determinada função ou necessidade surgem como "Acontecimento."[7] Nesse sentido, o mundo virtual é um campo de enunciação onde circulam imanências que criam variados efeitos de sentido, de forma a responder as necessidades variadas do internauta, que se desloca do corpo

[6] Relativo à filosofia deleuziana, o conceito plano de imanência está ligando à ideia de intensidade, ou zonas poder com matéria sem significado ou sentido, é um campo de pura potência "para". Campo de imanência é um simples fato da própria existência como uma possibilidade ou potencialidade.

[7] O acontecimento sustenta-se em dois níveis no pensamento de Deleuze: condição sob a qual o pensamento pensa (encontro com um fora que força a pensar, corte do caos por um plano de imanência), objetidades especiais do pensamento (o plano é povoado apenas por acontecimentos ou devires, cada conceito é a construção de um acontecimento sobre o plano).

e mergulha nas linhas de fuga dos planos de imanência, circula sobre variados sentidos.

É nesse sentido que o corpo na rede se torna nulo, dando vazão ao sujeito que se coloca em variadas posições e aciona diferentes mecanismos de produção de sentido.

Como afirma Breton (2003),

> o tempo da conexão abre-se a um mundo descorporificado, sem interioridade, pura superfície. O corpo não se impõe nem mesmo como injunção de identidade, pois a esse respeito todos os jogos são possíveis. Pessoas deficientes ou gravemente doentes têm a oportunidade de mover-se à vontade, sem temer obstáculos físicos, ou comunicar-se sem temer serem estigmatizadas. O peso do corpo é eliminado, não importa a idade, a saúde, a conformação física; os internautas encontram-se em um plano de igualdade justamente pelo fato de o corpo ser colocado entre parênteses. (BRETON, 2003, p. 131).

Portanto, o corpo na máquina é reduzido à função de ser apenas o suporte para a livre expressão do sujeito discursivo, corpo entre parênteses como afirma Breton. Não há como duvidar que existe certa liberdade de circulação do sujeito enquanto mente pensante e desejante no ciberespaço, que cruza as fronteiras do tempo e do espaço e digitalmente deixa sua marca nos diferentes espaços que circula e ocupa no ato da navegação. A condição de existência desse sujeito na rede é de transitoriedade e fluidez, uma vez que assume diferentes funções e aciona variados efeitos de sentido.

3.3 NATIVOS DIGITAIS: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A INTERAÇÃO DA GERAÇÃO Z COM O CIBERESPAÇO

Não há consenso entre os estudiosos sobre a nomenclatura "geração Z" relacionada aos nascidos na década de 1990 e por assim dizer classificados como "nativos digitais." A polêmica está ligada a ideia de que existem pessoas nascidas nessa década que ainda não tiveram acesso às redes digitais e outras que só foram apresentadas a pouco tempo a essas tecnologias. Existe, portanto, um problema de ordem sociocultural, que para estudiosos como Mônica Fantin[8] interfere na divisão clara entre as características da geração Z.

Cristiane Kämpf (2011), em seu artigo, "A geração Z e o papel das tecnologias digitais na construção do pensamento", cita as palavras de Fantin acerca de sua resistência em

[8] Mônica Fantin, é coordenadora do Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

relação ao termo “nativo digital”:

> em primeiro lugar, diversos pesquisadores discutem o uso desse termo e argumentam que não é possível isolar a tecnologia e sua capacidade de produzir efeitos sobre as pessoas' de outros elementos do contexto sociocultural que também interferem nessa relação. O neurocientista Edoardo Boncinelli afirma que o cérebro do homem é o mesmo há 120.000 anos e que a cultura digital é muito recente para afirmarmos que ela realmente esteja produzindo tais mudanças. Já para a neurocientista cognitivista Maryanne Wolf, há um processo de mudança de paradigma em curso que pode estar reorganizando o cérebro das novas gerações a partir de novos parâmetros, o que a leva a perguntar sobre perdas e ganhos que o amanhã reserva às crianças e aos jovens, mas que hoje ainda não é possível saber. (KAMPF, 2011, p. 2).

Nesse sentido, qualquer gesto de interpretação sobre a geração Z deve levar em conta tais polêmicas evitando assim posições extremadas e otimistas demais. Mesmo porque o tempo de uso de tais maquinarias é relativamente curto para classificar e demonstrar mudanças significativas nos padrões de organização cognitiva das novas gerações.

Posição mais equilibrada é conduzida pelo pesquisador italiano Pier Cesare Rivoltella, estudioso da relação entre mídia e educação, que concorda com a nomenclatura geração Z, enquanto marco que regulamenta as pessoas nascidas na década de noventa onde o uso da internet e das tecnologias digitais de informação já se faziam presente. No entanto, argumenta que as barreiras que separam adultos e crianças no uso dessas maquinarias se estreitam cada vez mais por estar presente no dia a dia, sendo utilizadas em vários segmentos da vida social, seja em casa, no ambiente de trabalho, no lazer e no entretenimento. Portanto, não faz sentido segmentar o uso das tecnologias digitais a uma determinada geração.

Rivoltella mostra que o uso das tecnologias tem aproximado e não distanciado adultos e crianças. Ele cita o exemplo “*do uso do celular e das redes sociais configurando-se como espaço de negociação, cumplicidade e compartilhamento de interesses que envolvem e acabam por aproximar diferentes gerações"* (RIVOLTELLA, 2011, p. 2).

O fato é que as plataformas digitais fazem parte do cotidiano da maioria das pessoas, ignorar sua presença faz com que se torne praticamente impossível viver na sociedade contemporânea, pois para a execução da mais simples tarefa como a compra de um produto no mercado, ou o pedido de uma mercadoria tudo passa por uma intricada trama de comandos digitais. A rapidez e agilidade que tais redes digitais proporcionam tem mudado muito a relação do indivíduo com a realidade à sua volta, pois a quantidade e a circulação de informação são cada vez mais rápidas, o que acelera a percepção que o sujeito possui sobre si mesmo e o mundo. Basta pensar, na década de 60 ou 70, o tempo necessário para que uma informação percorresse um longo espaço até chegar ao seu destinatário, e a revolução que

internet causou no encurtamento dos espaços por meio da aceleração da informação.

Por isso, uma das características segundo Fantin, que identifica as novas gerações é a multimidialidade, ou a capacidade de utilizar vários meios, seja ele textual, gráfico, sonoro e visual para executar diferentes tarefas simultaneamente, o que desenvolve diversas habilidades transmidiáticas (capacidade de migrar de um meio para outro com muita rapidez) de forma interativa com uma grande quantidade de informação acessadas e transmitidas ao mesmo tempo,

> as crianças multitarefa, que estão habituadas a controlar diversas mídias ao mesmo tempo (navegar na internet, enviar e receber mensagens pelo celular, ouvir músicas no tocador de mp3), desenvolvem um estilo de atenção muito diferente de quem cresceu em ambiente alfabético e está acostumado a focar sua atenção no texto escrito e habituado a raciocinar em termos de um objeto preciso e específico, tendo uma atenção mais focalizada" (FANTIN, 2011, p.03)

Segundo Fantin a atenção das crianças multitarefas é pulverizada em diversos elementos perceptivos, o que resulta numa distribuição periférica de muita informação e certa dificuldade em focar a atenção em um único objeto por muito tempo. Esse ritmo e estilo de atenção pulverizada são mal compreendidos e interpretados, sendo associados, por exemplo, a hiperatividade, termo bastante comum atualmente, sendo utilizado, como afirma Fantin, de forma muito generalizado para classificar o comportamento de crianças e adolescentes.

O que se constata, portanto, é um tipo ou modo de comportamento específico que o uso da multimidialidade provoca em quem faz seu uso sistemático. Esse modo de comportamento pode ser mais acentuado na "geração Z" uma vez que cresce manuseando e incorporando naturalmente essas diferentes funções digitais. Por isso mesmo, consegue circular e desenvolver habilidade transmidiáticas com muita facilidade em diferentes plataformas computacionais.[9]

Eni Orlandi (2009) afirma que a linguagem é o lugar da constituição dos sujeitos, ora, o ciberespaço é hoje um lugar nômade, no qual, diferentes linguagens (imagem, texto, áudio, interatividade) circulam e constituem sujeitos determinados, com tipos específicos de produção discursiva que movem múltiplos efeitos de sentido. As relações de poder que a linguagem digital exerce sobre a realidade dos usuários torna possível a transformação no modo como interpretam e se relacionam com o mundo à sua volta,

[9] O pesquisador José Armando Valente, coordenador associado do Núcleo de Informática Aplicada à Educação (Nied) da Unicamp afirma, porém, que é questionável a ideia de que a facilidade no acesso à informação esteja produzindo crianças com maior capacidade de construir conhecimento. Valente lembra que alguns autores também classificam a geração Z de "geração panqueca" ou "crepe": espalhada e fina; cujos membros estão em todos os lugares, porém não conseguem manter a atenção nem se aprofundar em nada.

incorporando ao seu discurso pessoal toda a influência que o ciberespaço tem sobre ele como formador de efeitos de sentido.

As condições de produção que as redes digitais proporcionam aos seus usuários, como por exemplo, a multimidialidade, resulta em efeitos de sentidos específicos, com uma condição existencial inserida no contexto histórico que o sujeito se encontra, isso determina o tipo de linguagem e comportamento que o sujeito assume perante a realidade à sua volta, tal característica explica a condição multitarefa que a geração Z manifesta.

Segundo Orlandi (2008), a historicidade inserida na linguagem determina, enquanto condições de produção, os efeitos de sentido que um sujeito irá produzir,

> isso implica o reconhecimento de que há uma historicidade inscrita na linguagem que não nos permite pensar na existência de um sentido literal, já posto, e nem mesmo que o sentido possa ser qualquer um, já que toda interpretação é regida por condições de produção. Essa disciplina propõe um deslocamento das noções de linguagem e sujeito que se dá a partir de um trabalho com a ideologia. Assim, passa-se a entender a linguagem enquanto produção social, considerando-se a exterioridade como constitutiva. O sujeito, por sua vez, deixa de ser centro e origem do seu discurso para ser entendido como uma construção polifônica, lugar de significação historicamente constituído (ORLANDI, 2008, p.14).

Para essa autora, o sujeito é determinado pelos elementos externos a ele que dão origem e sentido ao seu discurso. A presença constante e ostensiva das redes digitais no cotidiano das pessoas torna se condição de produção capaz de criar um determinado tipo de existência com discurso específico. Sendo as redes digitais plataformas externas ao sujeito e constituídas de construções polifônicas, transformam o discurso desse sujeito (geração Z) em uma produção que para circular necessita de variadas plataformas midiáticas (texto, imagem, som, gráfico).

A seguir serão analisados trechos do Blog intitulado “Erro Gramatical”, na tentativa de ilustrar como as condições de produção no ciberespaço amplificam o pensamento dissociado do corpo e determinam a elaboração de múltiplos efeitos de sentido. Uma das condições de produção que as redes digitais produzem é a prática de escrita e leitura, no qual, ao mesmo tempo em que o sujeito lê e interpreta textos, acaba por produzir novos textos que compartilha com os demais usuários da rede.

3.3.1 Erro Gramatical: prática de escrita e leitura nas redes sociais

Figura 5 – Página Inicial
Fonte: Erro Gramatical em: http://errogramatical.blogspot.com.br/

A criadora do Blog "Erro Gramatical" não possui mais de dezoito anos, trata-se de uma estudante nascida em 18 de Março de 1996, como uma garota de sua geração cresceu com o uso das redes sociais em seu cotidiano. No entanto, frente aos desafios da vida escolar e particular decidiu criar um blog para expressar seus pensamentos, tristezas, desabafos e alegrias. Em suas palavras,

> muitas pessoas acreditam que sou viciada em gramática por ficar postando links no facebook/twitter com coisas do tipo "erros gramaticais", relacionando com a gramática chata que a gente aprende na escola que pra mim é quase tão demoníaca quanto matemática – exagerei. Porém, esse é o nome do blog que alguma coisa estranha me motivou a criar. Erro gramatical porque sei que já devo ter cometido vários, por isso foi um nome divertido (ou era para ser) para que quando eu errasse ninguém ficasse exaltando-os. Tal como uma desculpa. Acontece que tenho ele faz uns 2 meses e já não me importo com o que dizem sobre ele, desde que sejam críticas construtivas. Já errei e irei continuar errando, pois os textos são meus e tenho o direito. Dentro de uma causa poética quase tudo é válido. Esclarecido isso, peço que cliquem sempre, eu irei amar e vocês não encontrarão matérias como: "Tutorial sobre como usar crase corretamente"ou "Afinal, o que são figuras de linguagem?"O que existe aqui são desabafos, verdadeiros ou não, mas que não possuem outra finalidade se não a identificação de muitos com as palavras que aqui escrevo ☺ (THAINÁ, postado em 01 de nov. de 2013)

Quais são as condições de produção da autora do Blog? A começar pelo campo de enunciação, ela utiliza uma plataforma dissociada dos componentes físico-materiais. Não há papel como suporte, mas apenas o texto imerso em um universo digital que cumpre funções em um tempo e espaço específicos, circula livremente em redes que podem ser acessadas com um clique a qualquer momento ou espaço. A autora, ao mergulhar com suas

ideias nesse campo de enunciação, torna-se um sujeito cognitivo, com um tipo de produção que transcende seu corpo material e a converte em uma consciência de produção de ideias. Abre mão da condição material, seja ele o corpo, o caderno ou livro para que a força de seu pensamento crie múltiplos efeitos de sentido em seus interlocutores que também possuem a liberdade de opinar, criticar e contribuir na produção do texto.

A própria autora evidencia o propósito de seu blog que é ser livre para opinar e dizer sobre o que desejar, sem a pretensão de que seus textos estejam "certos" ou "errados", mas que sejam simplesmente respeitados. E que estejam livres para circular como um discurso nômade. *Acontece que tenho ele [blog] faz uns 2 meses e já não me importo com o que dizem sobre ele, desde que sejam críticas construtivas. Já errei e irei continuar errando, pois os textos são meus e tenho o direito. Dentro de uma causa poética quase tudo é válido.* (THAINÁ, 01 de nov. de 2013)

O contexto da produção, segundo Orlandi (2008), é o que determina o sentido ou significação do objetivo do texto. É justamente esta interatividade que o ciberespaço oferece ao texto digitalizado, o inseri em condições de produção, no qual, o autor e leitores podem modelar e reconstruir discursivamente o texto à medida que comentam e interagem.

Afirma Orlandi sobre as condições de produção:

> haverá modos diferentes de leitura, dependendo do contexto em que se dá e de seus objetivos. De certa forma, é de suas condições de produção que estamos falando. Sem dúvida, constitui parte integrante de toda essa contextualização a leitura a própria instauração do autor e dos leitores em sua relação como sujeitos, já que, como dissemos, sujeitos e sentidos são elementos de um mesmo processo, o da significação. (ORLANDI, 2008, P.10)

Para Orlandi, é no momento que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao fazê-lo, que desencadeiam o processo de significação do texto. Leitura e sentido, ou melhor, sujeitos e sentidos se constituem simultaneamente, num mesmo processo. *Processo que se configura de formas muito diferentes, dependendo da relação (distância maior ou menor) que se estabelece entre o leitor virtual e o real.* (ORLANDI, 2008, p.10)

Que tipo de relação é estabelecida entre interlocutores nas redes digitais? Relação de tipo rizomática[10], no qual a escrita assim como um caleidoscópio transita no

[10] **Rizoma** é um modelo descritivo ou epistemológico na teoria filosófica de Gilles Deleuze e Félix Guattari. A noção de rizoma foi adotada da estrutura de algumas plantas cujos brotos podem ramificar-se em qualquer ponto, assim como engrossar e transformar-se em um bulbo ou tubérculo; o rizoma da botânica, que tanto pode funcionar como raiz, talo ou ramo, independente de sua localização na figura da planta, servindo para exemplificar um sistema epistemológico onde não há raízes - ou seja, proposições ou afirmações mais fundamentais do que outras - que ramifiquem-se segundo dicotomias estritas.

imaginário de vários sujeitos dando diferentes tonalidades de crítica e opinião ao conteúdo que observam e analisam. O texto na rede toma uma dinâmica própria, sendo entrecruzado por diferentes discursos, produzindo múltiplos efeitos de sentido. O imaginário do autor (a) se faz e reescreve enquanto acontecimento em diferentes condições de produção desencadeado por seus interlocutores.

Texto rizomático, feito de várias entradas e saídas, que faz circular diferentes gestos de leitura e interpretação. Cada gesto cria diversos níveis de sujeito e variados tipos de discurso, que pode determinar o grau de relação entre o que Orlandi (2003) denominou "Sentido parafrástico e Sentido polissêmico",

> de forma geral, podemos dizer que a atribuição de sentido a um texto pode variar amplamente desde o que denominamos leitura parafrástica, que se caracteriza pelo reconhecimento (reprodução) de um sentido que se supõe ser do texto (dado pelo autor), e o que denominamos leitura polissêmica, que se define pela atribuição de múltiplos sentidos ao texto. (ORLANDI, 2008, p.12)

A leitura parafrástica é caracterizada pelo reconhecimento, que pode ser reprodução ou reformulação do sentido dado pelo "texto-fonte", para a produção de um "texto-derivado". Ou seja, a paráfrase concebe o retorno aos mesmos espaços do dizer. São produzidas diversas formulações do mesmo dizer apresentado. Paráfrase enquanto processo no qual o enunciado reformulador mantém com o enunciado anterior uma relação de equivalência semântica (explicação, reiteração, ênfase).

Já o Sentido polissêmico é definido pela "atribuição de múltiplos sentidos ao texto". A polissemia resulta de diferentes posições do sujeito na relação com as FDs (formações discursivas) e traz a possibilidade do "novo" dizer.

São identificadas essas diferentes posições de sujeitos no discurso das redes sociais, uma polissemia discursiva que resignifica por vários "dizeres" o discurso original. O texto na rede nunca é um já dito, mas um dizer perene, parafrástico enquanto tema ou motivo, mas polissêmico na medida em que dobra sobre si mesmo, em discursos rizomáticos com formações discursivas variadas.

Nesse sentido, "Erro Gramatical" é um espaço de circulação de "dizeres" parafrásticos e polissêmicos, pois permite (com autorização da própria autora) a livre expressão de discursos, sobre um dizer perene, em construção, nunca acabado ou já dito. A imagem, o texto grafado, o som ou vídeo postados são peças de um grande quebra-cabeças de linguagens inacabadas, com possibilidade de novos encaixes e (re)significações, com varias autorias, que fogem das mãos da autora original.

Segundo Possenti (2002), a capacidade do leitor interagir com o texto por meio do hiperlink possibilita além da interatividade a reconstrução perene do discurso textual, na medida em que o leitor surge como alguém fora do texto, que o manuseia ao bel-prazer de seus desejos pessoais, seguindo os efeitos de sentido que o texto produz em sua percepção. Acerca do leitor de textos na Internet, o autor afirma:

> o leitor que emerge dos textos sobre hipertexto é constituído um tanto paradoxalmente. Por um lado, ele é todo poderoso, pelo menos mais poderoso que o autor, tanto que decide ir por aqui ou por ali segundo seus interesses pelos links que quer visitar. Mas, por outro lado, surge assim um leitor sem história ou sem interesses. (...) O leitor sem interesses parece um leitor que tem a sua disposição um tempo infinito, é um leitor em férias permanentes, que pode dispersar suas consultas ao bel-prazer dos impulsos imediatos. (POSSENTI, 2002, p. 205)

Outro ponto evidenciado no blog "Erro Gramatical", diz respeito à quebra do formalismo gramatical. De forma deliberada a autora invoca para si a liberdade de escrever e expressar suas opiniões sem o uso do rigor gramatical ou das regras impostas pela norma culta que regem a escrita. A rede social assume a função de licença da escrita, permitindo expressões coloquiais, palavras abreviadas, flexões verbais mal conjugadas, licenças que em outros suportes (livro, texto escrito) teriam maior dificuldade para circulação e aceite,

> já errei e irei continuar errando, pois os textos são meus e tenho o direito. Dentro de uma causa poética quase tudo é válido. Esclarecido isso, peço que cliquem sempre, eu irei amar e vocês não encontrarão matérias como: "Tutorial sobre como usar crase corretamente"ou "Afinal, o que são figuras de linguagem?"O que existe aqui são desabafos, verdadeiros ou não, mas que não possuem outra finalidade se não a identificação de muitos com as palavras que aqui escrevo ☺ (THAINÁ, postado em 01 de nov. de 2013)

Nesse sentido, a gramática entendida como um invólucro de normas e regras, que em alguns casos pode se converter em um limite para a livre expressão do pensamento e da subjetividade, é minimizada ao extremo nas plataformas computacionais. Cabe ao autor, por meio de axiomas e frases curtas, expor suas ideias e opiniões sobre uma infinidade de acontecimentos e fatos cotidianos sem se preocupar com um discurso que respeite de forma cabal as normas gramaticais. Por isso, nas redes digitais o pensamento tem sua libertação da rigidez gramatical e margeia uma zona livre que permite um tipo de "escrita nômade", carregada de experiências linguísticas cotidianas.

No fragmento a seguir esse aspecto é corroborado,

> escrever é mesmo uma dependência fantástica. Ainda bem que assim como

> Fernando Pessoa, tento assumir diversas facetas e por isso posso escrever sobre sentimentos que se escondem em minha alma e também sobre aqueles que nunca tive. Mesmo que eles não tenham sido meus, ainda posso conhecê-los nem que seja enquanto me reservo à tortura da caneta e ao papel rabiscado. (THAINÁ, postado em 19 de ago. de 2013)

Portanto, a escrita na rede é influenciada por exterioridades, ou seja, elementos ideológicos, culturais, interatividades, fenômenos de coautoria, que permitem a produção de subjetividades discursivas variadas. O lugar ocupado pelo autor se encontra aberto, ou seja, livre de interdições, tendo como condição de produção o próprio pensamento, a dinamicidade da rede e a influência histórica e ideológica produzida pelos membros que circulam no mundo virtual.

Nas palavras de Orlandi,

> o princípio teórico fundamental, então, é considerar que há uma relação entre linguagem e exterioridade que é constitutiva. Essa é uma relação orgânica e não meramente adjetiva. Não se dirá, assim, que se acrescentam dados históricos para melhor delimitar a significação, dir-se-á que o processo de significação é histórico. [...] as formações discursivas são formações componentes das relações ideológicas e determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição em uma conjuntura dada. (ORLANDI, 2008, p.18).

Segundo Orlandi, são justamente os componentes históricos e ideológicos que auxiliam o processo de significação das formações discursivas. Ora, as redes digitais são constituídas por zonas de intersecção ideológicas, na medida em que frente à postagem de um texto ou fragmento, todos podem participar de sua feitura e confecção.

Portanto, a grande singularidade na produção nas redes digitais está na escrita colaborativa, que conta com opiniões, críticas e sugestões do leitor. Há hoje uma rede de e-books e blogs que já são produzidos por leitores que também se tornam escritores de textos e livros, que de forma colaborativa desenvolvem diferentes gestos de produção textual.

O número de sites e blogs destinados à escrita e a produção literária inspirados em personalidades do cinema, da filosofia, da literatura e da própria vida política vem crescendo de forma substancial. A liberdade de expressão que o suporte digital oferece encoraja cada vez mais a ousadia do pensamento, o brincar com as palavras e as ideias sem a preocupação com normas ou interdições gramaticais ou ideológicas.

Um exemplo de tal liberdade é o caso da blogueira cubana Yoani Sánchez, que em 2012 criou um blog destinado a criticar os rumos políticos de Cuba e a situação econômica e social que o país está inserido. O seu blog intitulado *Generación Y*, logo se tornou febre no mundo inteiro, tendo milhares de acessos, sendo reproduzido e comentado em

diferentes redes sociais, como facebook, twitter e outros sites de ideologia política ou social. As ideias e críticas de Yoani criaram um debate acalorado sobre a liberdade de expressão, a legitimidade do regime cubano e os rumos políticos do país. O sucesso internacional de seu blog gerou convites para palestrar em Universidades de vários países, tornando-a celebridade do dia para a noite. Tal situação gerou sanções e proibições do governo de Cuba ao blog e as ideias de Yoani, revelando a proporção de poder que suas ideias tomaram no ciberespaço, sendo (re) significadas e reproduzidas indiscriminadamente pelos internautas. O fato é que a riqueza na produção de sentidos do discurso da blogueira tomou tais proporções que a censura e as proibições do governo cubano não resistiram por muito tempo.

Figura 6 – Página Inicial
Fonte: *Generación Y* em: http://lageneracion y.com/

O fato de o ciberespaço valorizar a expressão da mente e seus conteúdos lançados e hiperinflacionados na rede - seja no texto escrito, na foto postada, na crítica a um acontecimento e na própria sátira ao absurdo da existência - é o que faz das condições de produção que o sujeito ocupa no ciberespaço um lugar de singularidades. Nele homem e máquina potencializam o pensamento, anulando dessa forma o suporte material (corpo), agora convertido em ideia ou traço simbólico perenemente (re)significado na rede, circulando livremente entre internautas que, como artistas que pincelam uma tela, opinam e (re)produzem sentidos, recriando o quadro de significados que esse sujeito cognitivo vai ocupando em sua circulação na rede. São, portanto, espaços nômades e existência feita por circulação discursiva.

4 COMPORTAMENTO DISCURSIVO DOS USUÁRIOS NOS SITES DE RELACIONAMENTO: (RE)CONSTRUÇÃO E (RE)SIGNIFICAÇÃO DA NOÇÃO DE SUJEITO

Freud é provocador, maravilhoso. Entender de um material escondido que todos temos é compreender nossas raízes mais profundas,estas estão no campo do inconsciente e a sexualidade é esse terreno". Há muito a explorar na alma humana e também o animal humano da alma humana, ele e suas loucas pulsões

Katiana Santiago

4.1 AS RELAÇÕES DE AFETO NAS REDES SOCIAIS

Como falar da produção de subjetividade hoje? Uma primeira constatação leva a reconhecer que os conteúdos da subjetividade dependem, cada vez mais, de uma infinidade de sistemas maquínicos. Nenhuma relação de produção humana: a opinião, o pensamento, os afetos podem ter a pretensão de escapar à influência invasiva da "assistência do computador". Mesmo porque o trânsito de informação que rodeia as redes sociais e diferentes componentes do mundo virtual cria um alto grau de dependência nos indivíduos, nas instituições de mercado e no próprio Estado. Basta constatar que os negócios das grandes corporações financeiras, o suporte de comunicação em nível global, as redes de informação de fatos ocorridos em qualquer parte do mundo, dependem de um intricando sistema computacional que tem a informação como seu bem mais precioso.

Ao analisar o uso das máquinas informacionais e comunicacionais, se elabora uma hipótese bem fundamentada, de que essa interação com as redes desenvolve novos processos de subjetividade, no qual, os indivíduos utilizam as plataformas programacionais como sistemas para resignificar suas relações interpessoais de afeto e sexualidade.

Como afirma Félix Guattari em seu artigo *Da produção de subjetividade*,

> as atuais máquinas informacionais e comunicacionais não se contentam em veicular conteúdos representativos, mas concorrem igualmente para a confecção de novos Agenciamentos de enunciação (individuais e/ou coletivos) [...] todos os sistemas maquínicos, seja qual for o domínio ao qual pertencem – técnico, biológico, semiótico, lógico, abstrato-, são o suporte, por si mesmos, de processos protossubjetivos que eu qualificaria de subjetividade modular (GUATARRI, 2011, p. 178).

O que Guattari chama de processos protossubjetivos é evidenciado na análise

do comportamento dos indivíduos perante a máquina, especificamente nas redes sociais que se tornou nas últimas décadas um recanto de expressão e exteriorização dos variados processos de subjetivação. A mistura de enriquecimento e empobrecimento que resultou disso tudo se revela por um lado na aparente democratização do acesso aos saberes, na mestiçagem planetária das culturas, no encurtamento das relações humanas, mas também traz novos problemas, tais como, o fechamento do indivíduo em um universo segregacionista e pessoal, a quebra da privacidade, o descontrole de informações pessoais lançadas na rede, a dificuldade de dissociação entre o real e o virtual.

A chamada "geração Z" que nasce em um período onde todas as modalidades discursivas estão perpassadas pelas máquinas, desenvolve processos de subjetividade bem característicos, uma das mais evidentes é a inversão do convívio social pelas relações virtuais. Algumas instituições de ensino nos Estados Unidos até justificam pelo viés do medo da violência, programas educacionais que isolam crianças e adolescentes no ambiente de casa, privando-o assim dos desprazeres de eventuais casos de violência na escola.

Tornou-se corriqueiro encontrar pessoas conectadas 24 horas por dia, que dividem seu tempo de trabalho ou de estudos com chats de bate papo, blogs, twitter, facebook, instagram e uma infinidade de outras redes sociais. Maquinarias que o colocam em contato com dezenas de amigos virtuais, no qual trocam intimidades, postando acontecimentos, compartilhando pensamentos e imagens e em alguns casos lendo e escrevendo aforismos sobre pensadores, literatos ou celebridades.

A respeito das relações de afeto nas redes sociais, Bauman afirma,

> nós entramos nos chats e temos "camaradas"que conversam conosco. Os camaradas, como bem sabe todo viciado em chat, vêm e vão, entram e saem do circuito – mas sempre há na linha alguns deles se coçando para inundar o silêncio com "mensagens". No relacionamento "camarada/camarada", não são as mensagens em si, mas seu ir e vir, sua circulação, que constitui a mensagem – não importa o conteúdo. Nós pertencemos ao fluxo constante de palavras e sentenças inconclusas (abreviadas, truncadas para acelerar a circulação). Pertencemos à conversa, não àquilo sobre o que se conversa (BAUMAN, 2004, p. 52).

A desterritorialização provocada pela virtualização das relações quebra a noção de tempo e espaço, aproxima pessoas que muitas vezes se encontram a quilômetros de distância, cria uma inversão no conceito do aqui e agora, na medida em que traz para a ponta dos dedos uma cadeia de possibilidades, de mecanismos que estimulam as fantasias e desejos e abrem a possibilidade para a maior exposição da pessoa.

Raras vezes na história o corpo foi tão exposto como na atualidade pelas redes

sociais, o que antes ficava privado a um álbum de família guardado a sete chaves, hoje é disponibilizado em fotoblogs, facebook, instagram, álbuns virtuais de todos os gêneros. Não é difícil se deparar com perfis abertos onde meninos e meninas se exibem em fotografias em variadas situações. Sejam em eventos públicos ou na intimidade do quarto, em poses sensuais, às vezes demonstrando atributos de beleza, força, virilidade, ou de posicionamentos ideológicos (político, esportivo, étnico etc).

As redes sociais se tornaram um sistema maquínico onde o corpo e as expressões de afeto são veiculadas ao espaço público mundial. É a plataforma no qual a subjetividade, os corpos e a sexualidade são expostos de forma cada vez mais comum, não utilizando critérios de produção e postagem, sendo uma ferramenta apenas para expressão das vontades e desejos pessoais, uma via de expressão das fantasias, uma válvula de um querer e desejar anárquica quase sempre.

Outro aspecto que as redes sociais evidenciam é a fuga do indivíduo das adversidades e descontentamentos da vida real, para o mundo virtual. Não é raro encontrar pessoas que substituem o convívio familiar, provocam o afrouxamento das relações sociais e em muitos casos na diluição de relacionamentos amorosos (casamentos e namoros) para "viver um romance virtual". Em alguns casos há até a substituição do sexo real pelo sexo virtual, veiculados por esses indivíduos a um grau de satisfação e realização superiores ao sexo real.

É óbvio que na maioria dos casos se constata um deslocamento na percepção que esses indivíduos possuem sobre si mesmos e seu corpo. Em muitos casos a vida amorosa, sexual e social de alguns indivíduos é marcada pela rejeição, seja por padrões de comportamento e vícios de personalidade ou deformidades físicas e limites orgânicos que a impedem de possuir uma vida sexual prazerosa. Há também casos de degeneração das relações amorosas, o que pode levar a casos de "traição virtual" e toda espécie de comportamento que converte as maquinarias computacionais em plataformas da expressão das pulsões de sexuais e dos afetos.

De qualquer forma as redes sociais tornaram se o espaço da manifestação dos desejos que denuncia um tipo específico de subjetividade: é o espaço da conversação, da troca de ideias, da veiculação das futilidades diárias, da sondagem da vida das personalidades, da expressão de desejos, dos afetos, da canalização das carências e frustrações, da construção de subjetividades sobre subjetividades por meio de personagens imagéticos (ou imaginário ou virtual) fruto da livre criação dos afetos.

As redes sociais é um espaço rizomático, na medida em que possui várias

entradas e saídas, que dá ao usuário infinitas possibilidades de se conectar ao circuito de participação. Por isso mesmo, as maquinarias da internet são volúveis e efêmeras como os próprios laços humanos, comunga de uma tendência fluida que perpassa a personalidade e os afetos dos indivíduos no meio social. Da mesma forma que o usuário da rede pode se conectar e desconectar quando melhor desejar, as relações de afeto e sexualidade também são marcadas por essa característica interativa e rápida.

Se comparado à noção do sujeito pós-moderno se percebe um afastamento sem precedentes no que diz respeito à sua unidade ou identidade do passado. Illouz mostra, por exemplo, que a internet permite um eu muito mais flexível, aberto e múltiplo, um eu inventor de si mesmo e até enganoso, que se reinventa ao bel prazer das necessidades que mudam a cada momento, seguindo a dinâmica dos bens simbólicos construídos pelo mercado.

Afirma Illouz que,

> o trabalho de apresentação pessoal encenado na e através da internet consiste exclusivamente na linguagem – e, mais especificamente, na linguagem escrita – e porque não é orientado para um indivíduo concreto e específico, mas para um público geral de candidatos abstratos e desconhecidos. Em outras palavras, o trabalho de apresentação pessoal do eu pós-moderno pressupõe e implica a capacidade de ser sensível a diferentes contextos sociais e de neles encenar papéis diferentes (ILLOUZ, 2011, p. 115).

A apresentação pessoal do eu discutida por Illouz nas redes digitais usa da linguagem como um meio para reconstruir diferentes modalidades de subjetividade. Ao montar discursivamente múltiplas faces como um caleidoscópio de "eus" produz e destrói perenemente subjetividades, sendo as plataformas computacionais e informacionais convertidas em "técnicas de si"[11]. Tais subjetividades têm emergência e sentido de ser, devem ser acessadas em diferentes situações e realidades, pois pertencem a um cenário líquido e fugaz que muda constantemente com um público tão plural e geral, indivíduos tão abstratos e desconhecidos que exigem um "eu" volátil que se encaixe a cada situação como uma peça num quebra cabeça.

[11] O conceito "técnicas de si" pertencente a Michel Foucault trata das práticas individuais utilizadas para dar forma e significado a um determinado tipo de produção, seja ela um produto simbólico ou material. Essas técnicas se dividem em quatro grandes grupos, onde cada qual representa uma matriz da razão prática: 1) as técnicas de produção graças as quais podemos produzir, transformar e manipular objetos; 2) as técnicas de sistemas de signos, que permitem a utilização de signos, de sentidos, de símbolos ou de significação; 3) as técnicas de poder, que determinam a conduta dos indivíduos, submetendo-os a certos fins ou à dominação, objetivando o sujeito; 4) as técnicas de si, que permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade.

A fragmentação do sujeito é acompanhada por uma polissemia linguística, dada pela necessidade de criar modos infinitos de dizer e de (re)construir discursos. Há emergência em demonstrar e discutir a avalanche de informações produzidas e disseminadas pelas mídias.

De qualquer forma as redes produzem uma diversidade imensa de "sujeitos" discursivos pela simples interação homem-máquina. O espaço social ocupado pelo homem contemporâneo é influenciado pela imensa quantidade de informações veiculadas pelas mídias digitais, que faz circular com uma velocidade espetacular valores e padrões de comportamento que são reproduzidos sistematicamente pelos sujeitos. Novos atores sociais utilizam as ferramentas computacionais como canal de expressão de suas posições ideológicas, sejam elas políticas, econômicas, religiosas, afetivas ou estéticas.

Segundo Maria Rita Kehl (2003), o corpo que não se insere na marcação social do tempo fica fora da história, ou seja, o corpo ou sujeito produzido pela influência do ciberespaço é marcado pelo assujeitamento ideológico, no qual, seus próprios afetos e desejos são instrumentalizados ou submetidos a uma construção discursiva que só tem sentido e significado quando inserido no discurso social de seu tempo.

Afirma Kehl a esse respeito,

> se os corpos não existem fora da linguagem, as práticas da linguagem determinam a aparência, a expressividade e até mesmo a saúde dos corpos. Observem o que se passou, de uns vinte anos para cá, com os corpos dos jovens pobres no Brasil. São corpos muito diferentes do que foram os corpos de seus pais e de seus avós, tão pobres como eles, tão desamparados como eles [...]. No entanto,, de duas ou três décadas para cá, os corpos dos jovens pobres brasileiros não se distinguem, a não ser pela cor da pele, dos corpos dos jovens da elite. Não são mais corpos humilhados, cabisbaixos, submetidos. [...] os jovens pobres de hoje ostentam corpos altivos, belos, erotizados. (KEHL, 2003, p.245-246)

Quais são as marcações discursivas que determinam essa mudança significativa nos efeitos de sentido sobre os corpos dos jovens pobres brasileiros? Parece que as mídias em geral e em particular as redes sociais possuem grande influência nessa mudança, pois funcionam como catalisadores do discurso capitalista que se impõe sobre a sociedade com valor absoluto pautado no "ter", na "posse" e no domínio do capital.

Como afirma Kehl, em parte essa recente erotização de todos os corpos é efeitos da produção de imagens, efeito da cultura, da publicidade, da televisão e da internet, que apela, sim, a que todos os corpos sejam belos, sensuais, sadios, desejáveis. Portanto, a inclusão dos jovens pobres no circuito de erotização e desejo da sociedade capitalista é efeito de discurso.

Um bom exemplo disso é o fenômeno social dos “rolezinhos” ocorridos no primeiro semestre de 2014 em várias cidades do Brasil. O fenômeno consistiu na organização de encontros, pela internet, de jovens, na sua maioria das periferias, em shoppings e parques, o que ocasionou cenas de violência e variadas discussões sociais. A maioria desses jovens é representante de uma cultura intitulada “Funk Ostentação”, que prega por meio de músicas e danças a ideia de que o pobre também tem direito a usar roupa de marca e frequentar locais antes reservados aos jovens burgueses e playboys.

O aspecto importante dos “rolezinhos” consiste no uso exclusivo das redes sociais na organização dos encontros, o que demonstra a penetração dessa plataforma na organização social e nos padrões de comportamento das pessoas. Mais do que isso, demonstra a influência das mídias na percepção de si, como um sujeito pertencente a um imaginário coletivo que se repete em vários sujeitos que comungam da mesma opinião, e que encontram no ciberespaço o domínio para fazer circular seus discursos e suas ideias.

O fato é que as redes sociais hoje são cada vez mais utilizadas na circulação de discursos variados, com destaque àqueles veiculados ao corpo, aos afetos e desejos. Cada vez mais, busca-se na rede receitas para o êxito sexual, o sucesso em relacionamentos ou até mesmo nas formas do corpo magro perfeito que atenda os padrões sociais.

A revista Veja de 06 de Novembro de 2013, trouxe como tema de capa “A estética do risco”, que entre outras questões discutiu o uso da internet por personalidades da cultura da magreza na veiculação de suas medidas e na comparação dos padrões de magreza com outras pessoas.

O jornalista Álvaro Leme, que assina a matéria, escreve:

> a internet, mais exatamente o serviço de troca de fotos pelo celular, o Instagram, é o ponto de encontro das supermagras. É ali que elas, num nicho chamado informalmente de Instafit, comparam suas medidas e se gabam de ter menos gordura do que as outras. Quem puxa a fila são as carioca Carol Buffara, 28 anos (mais de 200.000 seguidores), e as baianas Gabriela Pugliesi, de 28 anos (400.000 seguidores). Elas são as musas da magreza musculosa que elevam o ideal de beleza esquálida a um novo ainda mais ousado patamar. (LEME, Revista Veja, 06, nov. 2013, p.86)

Ao levar em conta o número de pessoas, citado por Leme, que seguem essas personalidades na internet, fica claro o poder de persuasão e convencimento que o ciberespaço exerce sobre o comportamento e os desejos. A necessidade de se enquadrar nos padrões estéticos almejados pela maioria muda as relações de afetos ao converter as redes digitais em espaços de produção de sentido.

4.2 O "EU" COMO CONSTRUÇÃO DISCURSIVA EM SITES DE RELACIONAMENTO

Como estabelecer parâmetros confiáveis que demonstrem a (re)construção discursiva de si nas redes sociais? Somente uma análise aproximada junto aos usuários desses serviços e de alguns sites que oferecem oportunidades de relacionamento podem revelar dados concretos que possibilitem uma análise linguística e discursiva mais completa. Para tanto, foi pesquisado o site Badoo destinado a relacionamento virtual. Durante um ano foram observados os padrões discursivos para a apresentação de si desenvolvidos por usuários desse site. Em posse dos dados foram realizadas as análises de como diferentes tipos de avatares são construídos discursivamente para que por meio deles, circulem variados efeitos de sentido, o que possibilita ao usuário acessar, segundos seus interesses, supostos parceiros (as) com o tipo específico de perfil que deseja.

No início de 2013 foi lançado nos Estados Unidos um aplicativo intitulado "Bang with Friends" que em tradução livre significa "Transar com amigos" ou "Quer transar comigo?". A proposta dos três universitários criadores do site é bem simples, atender uma grande fatia de frequentadores de sites de relacionamentos que não possuem outra pretensão senão a de encontrar parceiras(os) dispostas(os) ao sexo. Alheio à necessidade de conquistar ou disfarçar o desejo com longas conversas e juramentos de uma vida a dois em um relacionamento sério, o site oferece um serviço bem mais direto, no qual é utilizada a lista de amigos do próprio facebook do usuário como possíveis parceiras(os). Uma vez selecionado o suposto(a) pretendente é só enviar um convite para o destinatário, que por sua vez receberá uma mensagem de e-mail com os dizeres, "Quer transar comigo?". Fica a cargo do destinatário dizer sim ou não para a efetivação do convite e posterior efetivação do encontro. O serviço ainda oferece a possibilidade de o usuário escolher entre parceiros hetero ou homossexuais, o que amplia o campo de possibilidades. O aplicativo foi bem recebido por pessoas de ambos os sexos que fazem o uso de diferentes tipos de serviço destinados a relacionamento virtual. Cerca de 500.000 pessoas se cadastraram no Bang with Friends nos treze dias seguintes ao lançamento, 130.000 usuários já marcaram encontros. Os alemães são os mais ativos, seguidos de americanos e brasileiros.

A criação desse aplicativo revela dois fatos importantes, existe um aperfeiçoamento gradativo dos serviços destinados ao envolvimento afetivo e sexual oferecido no ciberespaço, seguido de uma procura cada vez maior de usuários que estão

abandonando os relacionamentos tradicionais para se aventurar nesse tipo de serviço que usa atalhos para conquistar o objeto de desejo sem passar por todo um conjunto de rituais de sedução e envolvimento para chegar ao sexo.

Além disso, houve nos últimos anos um significativo aumento da presença, nos lares, do computador conectado à internet. O aperfeiçoamento da infraestrutura tecnológica somado ao barateamento da banda larga e das máquinas torna cada vez mais possível às famílias terem acesso a esse tipo de tecnologia. O fato é que presença constante dessas maquinarias nos lares tem demonstrado mudanças significativas nos padrões de comportamento das famílias. Pelo fato da internet possuir diferentes interfaces e serviços, muitas pessoas estão incorporando ao seu estilo de vida, à rotina cotidiana e ao próprio comportamento sexual, os serviços oferecidos por uma multiplicidade de sites. Ou seja, o computador divide cada vez mais espaço na vida familiar, presente desde os afazeres escolares de crianças e adolescentes até no uso íntimo de jovens e adultos, seja na ampliação das relações de amizades a até em relacionamentos amorosos e de afeto.

O site de relacionamento Badoo, escolhido para análise, não ocupa o espaço de uma plataforma destinada a encontros eventuais para sexo, sua proposta é mais abrangente, uma vez que tem como objetivo aproximar pessoas com interesses de um relacionamento mais sólido. Grande parte dos cadastros efetuados por usuários destinam se a um envolvimento afetivo estável. A faixa etária dos cadastrados varia bastante, uma vez que o site separa o serviço por interesses, sendo a idade dividida entre 18 a 80 ou mais. Grande parte dos usuários está entre os 20 e os 50 anos; dos quais, a maior parcela é constituída por homens.

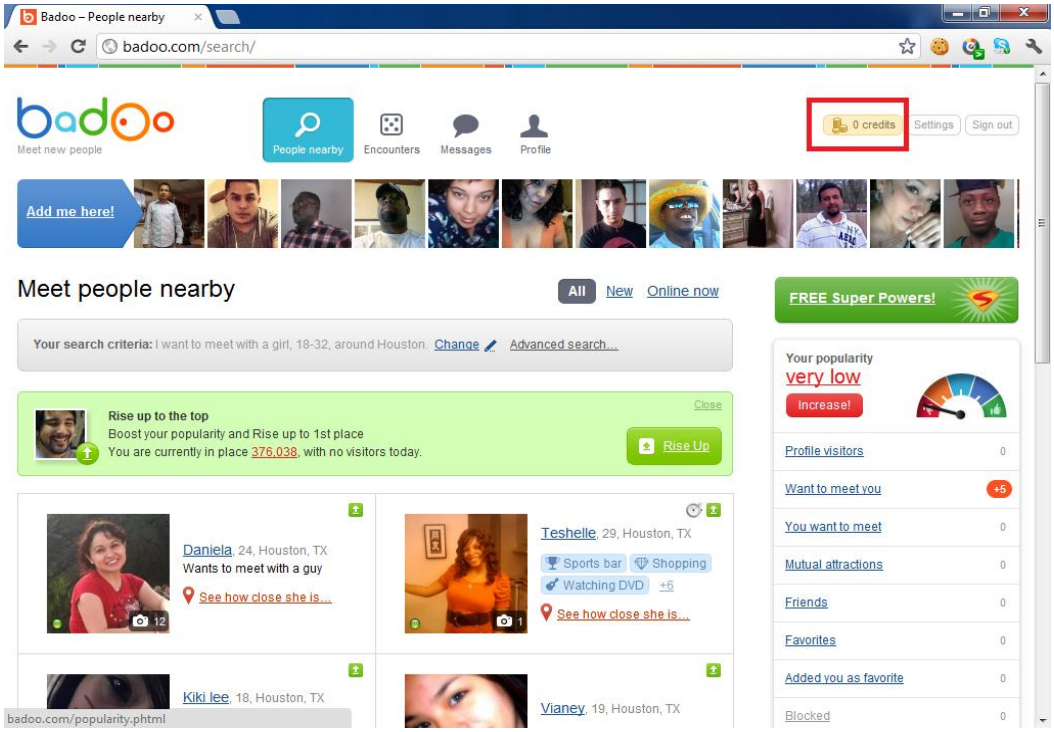


Figura 07 – Página de apresentação do site Badoo
Fonte - **http://badoo.com/signin/**

Estudar a enunciação discursiva em sites de relacionamentos é uma tarefa árdua, uma vez que os perfis criados por seus frequentadores mudam ao bel prazer de seus interesses, sendo muitas vezes construídos simplesmente para a satisfação de suas necessidades imediatas. Por conta disso, não é raro encontrar usuários com dois perfis ou mais, cada um destinado a um público específico e com interesses bem particularizados. É comum a presença de perfis "fakes" (falsos) o que demonstra as estratégias linguísticas utilizadas para criar um sujeito cognitivo específico, que faça circular um determinado tipo de produção de sentido em territórios livres, onde diferentes sujeitos circulam margeando interesses e desejos comuns.

Para Rolnick (1995), atualmente o sujeito está exposto tanto a uma desestabilização exacerbada quanto a um apelo pela manutenção das antigas referências identitárias. Diante desse quadro, o sujeito deve produzir um perfil maleável que lhe permita transitar entre os diferentes apelos contemporâneos. Sendo os sites de relacionamentos espaços de grande circulação de sujeitos com desejos e ampla emergência afetiva, os perfis dos usuários acompanham o transcurso da fluidez e efemeridade da própria dinâmica do site. Tal análise leva à constatação de que tal característica de maleabilidade do sujeito nas redes digitais se confunde com a fragmentação da identidade do próprio homem na contemporaneidade.

Apesar desses limites que foram constatados, a análise realizada no site de relacionamento Badoo possibilita uma maior apreensão do conceito de si produzida discursivamente por meio da produção de perfis. A apresentação de si realizada por recursos linguísticos e psicológicos converte essas plataformas computacionais em vitrine de sujeitos aptos a relacionamento, um cardápio de supostos candidatos.

A produção de novas subjetividades no ciberespaço é amplamente analisada por Turkle (1997), para quem a internet tem contribuído para a diluição da identidade e a produção de uma multiplicidade de sujeitos. Para essa autora, "os bate-papos virtuais permitem ao sujeito desmembrar sua identidade em várias, de forma a permitir-lhe vivenciar uma nova identidade, ou outras novas identidades de acordo com sua fantasia e desejo". (TURKLE, 1997, p.98)

Como se é levado a interagir com um site de relacionamento na internet? Como acessar esse cardápio de supostos parceiros virtuais? Para ter acesso ao vasto conjunto de parceiros potenciais disponíveis é necessário efetuar um cadastro minucioso do candidato. O preenchimento do chamado "perfil" pessoal é o que possibilita ao site, em posse dos dados descritos pelo usuário, cruzar suas informações com o banco de dados e direcioná-lo ao perfil de outros candidatos em potencial, que se assemelham aos interesses informados.

Segundo Illouz, o perfil criado pelo usuário se torna "a versão computacional de quem é você. E é esse perfil psicológico que será cortejado com as parceiras(os) potencialmente compatíveis". (ILLOUZ, 2011, p.111)

Para Illouz, nos sites de relacionamento, o indivíduo é simultaneamente solicitado a se descrever, evocar e refinar, na fantasia, os seus ideais (de amor, parceiro e estilo de vida). A identidade virtual é construída mediante sua decomposição em categorias discursivas e distintas de gostos, opiniões, personalidade e temperamento, e portanto, é levada a conhecer um outro com base na ideia e na ideologia da compatibilidade psicológica e afetiva. Ou seja, é produzido um sujeito psíquico mediante a linguagem autodescritiva.

4.2.1 Badoo: autodiscurso e a (re)construção da noção de si no ciberespaço

Badoo é um site aberto de relacionamento. Se comparado a outros sites com o mesmo objetivo, é relativamente simples de ser acessado e utilizado pelo usuário. Primeiramente é solicitado o cadastramento do usuário, seus dados pessoais, preferências sexuais e intenção de

perfil de parceira(o) são registrados para o cruzamento de outros perfis compatíveis. Após um breve cadastro no qual o interessado escolhe desde o gênero que deseja se relacionar, a faixa etária da suposta(o) pretendente e o alcance da pesquisa sobre o perfil da pessoa almejada, seja na própria cidade, região ou até mesmo no país inteiro, o site direciona o usuário a um cardápio de possibilidades com acesso irrestrito a todos os cadastrados que se encaixam em seu perfil. Por meio de um filtro o usuário pode escolher acessar somente os recém-cadastrados ou novos usuários e se desejar pode acessar somente aqueles que estão online naquele momento da pesquisa para uma aproximação rápida e direta por meio de um chat para uma conversa imediata.

Figura 08 – Página de cadastro do Badoo
Fonte - http://badoo.com/signin/

O processo empenhado para a apresentação pessoal através da internet e particularmente no Badoo consiste exclusivamente na linguagem – e, mais especificamente, na linguagem escrita – não voltado para um sujeito concreto e específico, mas para um público geral de candidatos abstratos e desconhecidos. Tal processo de auto apresentação requer do internauta um movimento para dentro de si, é invocado a uma autodescrição (o sujeito é apresentado por meio de um questionário padrão) que segue um modelo padronizado solicitado pelo modelo de questionário no cadastramento no site. Esse padrão autodescritivo possibilita a produção de um eu de cognição, montado linguisticamente pelo texto e a imagem, o sujeito descreve não o que é, mas aquilo que deseja que os outros saibam sobre si. Há um afastamento do eu real para um mosaico de "eus" produzidos discursivamente, que fazem circular em suas enunciações de apresentação de si variados efeitos de sentido, que respondam às necessidades de uma variedade de usuários abstratos.

Salienta Illouz sobre a apresentação de si no ciberespaço,

> o trabalho de autoapresentação torna-se muito distante da apresentação social e é praticado, visual e linguisticamente, não para um outro específico e concreto, mas para uma plateia generalizada e abstrata. [...] o eu postulado pela conjunção entre a psicologia e a tecnologia da internet é captado por uma multiplicidade de representações (questionários, fotografias, e-mails) e assim por diante. (ILLOUZ, 2011, p.116)

Pode-se questionar, com Debray (1993), as relações entre uma atividade de escrita sobre si e a maneira como é colocada em circulação por meio de um suporte específico como a internet, considerando-se a relevância da questão do suporte como traço constitutivo das atividades humanas. Debray chama a atenção para a noção de que a autodescrição realizada na internet é uma construção cognitiva que utiliza como base a escrita, portanto o texto molda o perfil do sujeito de consciência.

Pode-se discutir, ainda, com Maingueneau (1984), como esta atividade de escrita sobre si é constituída enquanto "prática discursiva", em seu modo de organização e na rede de circulação de seus enunciados. Por conta disso, a escrita sobre si demanda um determinado tipo de enunciação com seus efeitos de sentido específicos. A posição ocupada pelo sujeito é trilhada pela escrita de si, é por essa posição que ocupa que faz circular pela prática discursiva o tipo de produção que deseja.

As primeiras análises do material da pesquisa apontaram para a relevância da questão da escrita sobre si na apresentação do enunciado que evidencia o tipo de efeito de sentido que deseja.

Usuário 01:

Figura 09 – Autodescrição e interesses no site. **Fonte -** **http://us1.badoo.com/01276968730/?r=29jO1&p=3**

Um dos traços marcantes na prática de escrita sobre si são os interesses que o usuário descreve para oferecer ao pretende uma ideia de seu perfil psicológico ("ficar em casa

a noite, bolo de chocolate, exercícios físicos, ler livros, música"). Essa primeira aproximação passa uma noção inicial dos interesses do usuário, que tipifica abstratamente sua visão sobre a vida e os valores que fomenta no cotidiano. A prática discursiva de elencar os interesses produz por antecipação enunciações específicas que determina no suposto pretendente efeitos de sentidos expressos quanto acontecimento.

Isso fica evidente em outra postagem analisada no qual o usuário deixa bem claro os interesses que a levaram a procurar os serviços do site, diz ele,

Usuário 02:

Figura 10 – Autodescrição e interesses no site. **Fonte -** **http://us1.badoo.com/01276968730/?r=29jO1&p=3**

Enquanto grande parte dos usuários utilizam os mesmos adjetivos para se descrever: "Sou divertida, extrovertida, confiante, com espírito de aventura", outras como na postagem acima, procuram a singularidade e descrevem seus interesses específicos, no caso, libidinosos. Tal descrição seleciona e guia para seu perfil um determinado tipo de usuário que procura um perfil semelhante. Esse cabeçalho, no qual aparece a produção textual com os interesses do usuário aguça a percepção do leitor, pois assume um valor diferenciado na prática interpretativa ao indicar em sua descrição, a vontade do sujeito, ou seja, a escrita de si produz a historização do sujeito.

Uma das características evidenciadas na pesquisa é a uniformidade e a padronização na apresentação pessoal no perfil do usuário no momento do cadastramento. Por mais que o processo de descrever a si mesmo baseie-se nos roteiros culturais da personalidade desejável, as pessoas acabam no momento da autodescrição incorpórea, utilizando as mesmas convenções estabelecidas pelos padrões sociais.

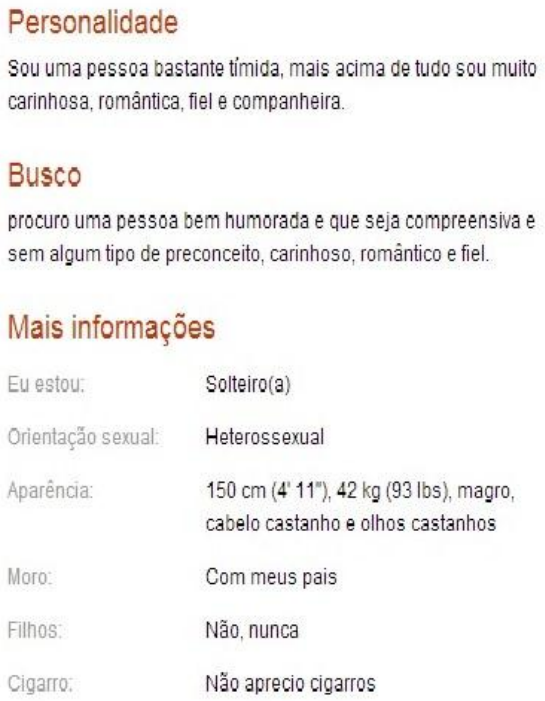
Essa característica é bastante percebida por outros autores como Eva Illouz, que declara:

> enquanto o perfil psicológico de maior sucesso exige que o indivíduo se destaque no bando homogêneo do "sou divertido e engraçado", o perfil fotográfico exige, ao contrário, que ele se enquadre nos cânones estabelecidos da beleza e do preparo físico. Assim, as pessoas mais bem sucedidas na internet são as que se distinguem por sua originalidade linguística e sua convencionalidade física. (ILLOUZ, 2011, p.119)

A competição entre os usuários nos sites de relacionamento é um fato importante e muito presente que influencia significativamente a apresentação de si. No caso específico do Badoo existe um termômetro de popularidade que oscila entre o "muito baixo" e o "celebridade", no qual demonstra o sucesso (ou insucesso) do usuário entre os frequentadores que acessam seu perfil, curtem e comentam suas fotos e manifestam interesses por meio da caixa de diálogo e dos convites por e-mail.

A apresentação textual de si criada pelos usuários do Badoo revelou três tipos de sujeito ou de personalidades construídas discursivamente. O perfil do tímido e recatado, que procura um amor para a vida inteira; o perfil daquele que deseja se aventurar, mas sem perder os valores fundamentais da moral e dos bons princípios; e o perfil daquele que deseja sexo, relacionamento aberto com várias experiências e múltiplos parceiros.

Seguem os fragmentos que evidenciam tal percepção:



Personalidade

Sou uma pessoa bastante tímida, mais acima de tudo sou muito carinhosa, romântica, fiel e companheira.

Busco

procuro uma pessoa bem humorada e que seja compreensiva e sem algum tipo de preconceito, carinhoso, romântico e fiel.

Mais informações

Eu estou:	Solteiro(a)
Orientação sexual:	Heterossexual
Aparência:	150 cm (4' 11"), 42 kg (93 lbs), magro, cabelo castanho e olhos castanhos
Moro:	Com meus pais
Filhos:	Não, nunca
Cigarro:	Não aprecio cigarros

Figura 11 – Personalidade tímida. **Fonte -** **http://us1.badoo.com**

O fragmento coloca em destaque um traço de personalidade, a *"timidez"*, que

evidencia uma pessoa recatada e comedida em seus atos, que possui dificuldade em se expor facilmente, no entanto, baseada no risco de ser interpretada como uma candidata potencialmente sem personalidade, a autora da descrição elenca quatro valores potencialmente mais fortes que a timidez, *"mas acima de tudo sou muito carinhosa, romântica, fiel e companheira"*. Os efeitos de sentido produzidos no leitor evidenciam o caráter ilibado e a segurança do companheirismo e da fidelidade resaltados textualmente. A organização textual evoca a prática da fidelidade, que na verdade se torna um marcador tipográfico de segurança ao suposto candidato, ou seja, evoca a tranquilidade de se envolver sem medo da traição.

No entanto, tal descrição dos valores constituintes da personalidade da autora evidencia uma exigência em relação ao candidato, que ele também possua virtudes semelhantes. No item "busco" ela descreve, *"procuro uma pessoa bem humorada e que seja compreensiva e sem algum tipo de preconceito, carinhoso, romântico e fiel".* Por se tratar da discussão sobre as qualidades do candidato a autora evidencia mais uma vez textualmente sua personalidade por meio de uma prática discursiva que corrobora as qualidades do bom humor, a compreensão perante as adversidades, o afeto pelo romance e carinho e a segurança da fidelidade. Tal descrição manifesta as nuances do discurso que se converte em suporte para a constituição de um determinado modo de enunciação.

Esse tipo de perfil que busca relacionamento sério é marcado pelo refinamento na escolha do parceiro ao criar diferentes elementos valorativos que devem pautar a personalidade da pessoa desejada. De forma geral pessoas que almejam relacionamento sério tendem a criar um maior número de exigências em relação ao parceiro em potencial. Tal exigência tende a diminuir em outros candidatos que objetivam um relacionamento mais aberto.

Eva Illouz salienta que o grande número de parceiros em potencial na internet demonstra que o candidato tende a produzir critérios de seleção baseado em determinados tipos de qualidades. Ao pesquisar um grande número de internautas que usam a rede para encontrar o par perfeito Illouz identificou duas qualidades que se manifestam quantitativamente: a segurança psicológica e financeira em relação ao parceiro. Baseada em tal evidencia afirma Illouz,

> a tecnologia da internet funde duas grandes lógicas culturais ou maneiras de mobilizar o eu: a da psicologia e a do consumismo. Usando e confiando na lógica do consumismo e da psicologia, a internet radicaliza a demanda de se encontrar para si o melhor negócio (econômico e psicológico). Mais exatamente, usam-se categorias psicológicas para integrar os encontros românticos na lógica consumista de estreitar, definir e apurar cada vez mais as preferências. O consumismo é recrutado aqui para

> melhorar a qualidade da barganha (romântica) que se obterá. (ILLOUZ, 2011, p. 123)

Tais características identificadas por Illouz não estão explicitas na autodescrição no perfil, mas na forma como o relacionamento na rede se processa, na medida em que os parceiros se conhecem por conversas que se desenrolam nos chats ou bate papos.

Outro perfil de candidato se revela no Badoo, trata-se de um usuário com personalidade mais extrovertida, com um grau de ousadia maior, mas que revela suas preferências com cautela ao utilizar uma construção textual ponderada e comedida. As características dessa personalidade são evidenciadas no fragmento a seguir,

Figura 12 – Personalidade extrovertida. **Fonte -** **http://us1.badoo.com**

A construção textual utilizada na autodescrição se difere sensivelmente se comparada ao primeiro fragmento, a autora evidencia uma personalidade extrovertida e aberta a um relacionamento mais livre e frouxo. Ao descrever sua personalidade, pontua: *"extrovertida, paciente e carinhosa espero encontrar alguém para sermos amigos, companheiros e amantes"*. A construção discursiva evidencia um perfil psicológico menos exigente pautado pela paciência e pelo companheirismo. No final da frase, a autora descreve um conceito que tende a provocar no leitor uma reação de cunho sexual, quando descreve,

“amar e ser amada, salto alto é meu ponto forte”. A construção dessa frase utiliza elementos de cunho psicológico fortes à psique masculina, uma vez que o salto alto está ligado à postura imponente da mulher, o qual evidencia e modela suas pernas e dá a silhueta feminina um maior grau de sedução. Esse dispositivo textual é o diferencial dessa autodescrição se comparada a outras, pois mexe com o desejo e o interesse do suposto parceiro em saber mais sobre a autora.

Por duas vezes no item “mais informações”, a autora elenca estar em uma relação aberta e procurar homens de cabeça aberta. A representação desses elementos demonstra o não interesse em um relacionamento que sufoque ou que tenha características tradicionais de uma relação fechada para a vida toda. Os efeitos de sentido que demonstram o desejo de um relacionamento aberto se evidenciam pelo fato da usuária já possuir filhos, o que leva a crer que possivelmente passou pela experiência de um casamento ou relacionamento estável, e desta forma apresenta-se com um grau de exigência mais flexível à futuros relacionamentos, marcado principalmente por um relacionamento mais volúvel.

O terceiro perfil observado na pesquisa diz respeito aos usuários que procuram relacionamento aberto com sexo e que não poupam palavras e adjetivos que qualifiquem seu desejo e intenção. Esse traço de personalidade se manifesta com maior naturalidade no público masculino, no entanto, também se manifesta em muitas mulheres e transexuais. Pelo fato do perfil cadastrado dar ao usuário certa segurança e privacidade quanto à sua identidade na vida real, leva a certa ousadia e liberdade para manifestação dos desejos mais íntimos.

O fragmento a seguir demonstra essa característica:

Personalidade

Transexual safada de rápida passagem por Marília. Não estou fazendo por dinheiro. Estou de férias na cidade. Aproveitem. ENTRE NAS MINHAS FOTOS E PEÇA LIBERAÇÃO DAS PRIVADAS. VOCÊ VAI SE SURPREENDER COM O TAMANHO DOS MEUS SEIOS.

Busco

Sou 100% passiva e cachorra engolidora de esperma

Mais informações

Eu estou:	Solteiro(a)
Orientação sexual:	Tenho uma cabeça aberta
Aparência:	170 cm (5' 7"), 66 kg (146 lbs), corpo atlético, cabelo preto e olhos castanhos
Moro:	Sozinha
Filhos:	Não, nunca
Cigarro:	Não aprecio cigarros
Álcool:	Não

Figura 13 – Personalidade ousada. **Fonte -** **http://us1.badoo.com**

A representação de si manifestada textualmente no fragmento demonstra um usuário que almeja uma aventura sexual passageira e eventual. Ao afirmar, *"transexual safada com rápida passagem por Marília. Não estou fazendo por dinheiro. Estou de férias na cidade. Aproveitem!"*, a usuária demonstra um gesto de interpretação que remete a efeitos de sentido de ordem sexual e aberta a múltiplos parceiros. Apesar de não ser um perfil comum ao Badoo, é possível encontrar usuários que explicitamente manifestam seu interesse por um tipo de abordagem de interesse meramente sexual.

A autora se identifica com uma personalidade sedenta por aventura e sexo, uma vez que por meio de um vocabulário com expressões de sexo explícito evoca expressões de grande apelo sexual a fim de aguçar a imaginação e o desejo de seus supostos pretendentes. Seus argumentos evidenciam a necessidade de ser notada e escolhida entre outras possibilidades no site de relacionamento.

Uma das principais características atribuídas aos suportes eletrônicos da internet é a questão da interatividade. Por ser um suporte que lida com uma grande quantidade de sujeitos com variados gestos de desejos, há espaço para usuários que utilizam a ferramenta para impulsionar seus interesses por parceiros sexuais de maneira veloz, com a eliminação de barreiras geográficas. A noção de interatividade na internet elimina a questão do tempo e do espaço e insere o usuário num ambiente onde circula variados gestos de subjetividade.

O suporte material da internet coloca o escrevente em contato com o outro. Sua utilização condiciona novas práticas para a escrita e a leitura das páginas hipertextuais. Por meio de links, textos escritos, imagens e sons podem ser associados de modo não linear num "mundo textual sem fronteiras", visto que as ligações eletrônicas podem ser realizadas entre textos em número virtualmente ilimitado (CHARTIER, 2003). A interatividade característica do suporte é evidenciada nessa produção de escritos sobre si veiculados de maneira pública pela internet. Não se trata dos segredos do indivíduo, velados pelas práticas diaristas tradicionais. Os perfis dos usuários no site Badoo são redigidos para que as histórias pessoais sejam compartilhadas abertamente.

4.3 QUE CORPO É ESTE?

Vale agora a questão: que corpo é este construído na rede? Primeiro vale

ressaltar que o sujeito nas redes sociais é permeado por uma existência deslocada do tempo e do espaço, um sujeito marcado de transitoriedades, que salta em links no ciberespaço sendo (re)significado por usuários que acessam e discursivizam seu perfil constantemente. Por esta constatação se evidencia que o corpo na rede se torna um corpo de discursos, (re)construído pelo manuseio e ajuizamento dos internautas. O corpo físico é o suporte rígido, fechado e temporalizado, mortal, submetido às leis da física e do espaço que ocupa, no entanto, uma vez inserido na rede digital, torna-se fluxo de efeitos de sentido, sendo construído em uma foto ou vídeo, toma uma dinâmica própria independente do seu dono, já que está à mercê de opiniões e críticas do usuário.

Por isso, um selfie de uma moça ou rapaz desnudo no espelho de seu quarto, toma efeitos de sentidos que transitam desde opiniões positivas e de apreciação de incentivo, até de desaprovação e sanções proibitivas impostas por outros usuários. Seu selfie destemporaliza sua identidade e a inseri em uma condição de pura polissemia linguística, e o que sobra do corpo são apenas marcas, esboços de significações que se espalham infinitamente na rede reproduzidos por internautas do mundo inteiro.

Ocupa espaços de salas de bate papo, aplicativos de compartilhamento, sites pornôs, o que torna difícil (e algumas vezes impossível) desfazer seus traços e marcas espalhados na rede. Uma vez inserido na rede, se espalha como vírus, uma metástase incontrolável que mesmo os servidores (Youtube, Google etc) bloqueando os canais de acesso a tal material, outros usuários em posse do arquivo depositam em outras contas, levando novamente a uma onda de compartilhamento que em pouco tempo inunda novamente a rede com tal material. Desta forma, o corpo na rede se inscreve em uma condição existencial própria, parcialmente imune aos efeitos da lei e da justiça, que só conseguem estabelecer controle em usuários identificados, mas que, no entanto, não conseguem acompanhar o movimento voluntário de milhões de usuários que alimentam a rede constantemente com arquivos permitidos ou não. Sendo assim, o corpo na rede é tomado de existência própria, pois ocupa diferentes espaços de enunciação produzidos pelos usuários que o discursivizam voluntariamente.

Outra característica do que vem a ser este corpo na rede, diz respeito à constatação de que, na maioria das vezes, este corpo é um corpo produzido para ser exposto. Dificilmente o usuário postará uma imagem de si que deprecie sua personalidade, salvo quando sua imagem é roupada e postada à mercê de sua permissão. Isto evidencia a ideia de que o corpo na rede se distancia e muito do sujeito real, pois trata-se de um recorte específico de um momento que o usuário quer compartilhar e eternizar na memória de seus seguidores e

amigos. Ou seja, é um corpo posado e construído por um discurso de exposição, há uma ideologia por trás dele, um sentido de estar ali daquela forma e maneira.

O corpo na rede é um corpo imagético, discursivo, penetrado de condições históricas e de intersecções ideológicas. Acompanha de um lado o desejo voluntário do usuário que permite inserir seu corpo na rede e por outro de um processo rizomático próprio da linguagem digital que o inseri em um movimento de discursividade que assujeitam a significação de seu corpo às opiniões e ajuizamento de valores daqueles que circulam na rede. É um posicionamento passivo, vulnerável daquele que se lança no mundo digital, uma vez que se corpo se amplia no universo dos efeitos de sentido chegando à consequências que fogem totalmente ao seu controle.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente aos objetivos propostos no início da dissertação, algumas considerações finais podem ser elencadas. Vale ressaltar primeiramente a dificuldade encontrada no último capítulo que tratou do "Comportamento discursivo dos usuários nos sites de relacionamento", a respeito da escassez de referenciais teóricos que tratem do assunto, em especial autores da Análise de Discurso. Frente a essa limitação grande parte das análises executadas contou com o trabalho de autoria do próprio pesquisador.

Um estudo que contemple os gestos de interpretação discursiva do corpo e da sexualidade nas redes sociais deve levar em consideração os diferentes posicionamentos ideológicos que a noção de corpo ocupou na história. É absolutamente impossível entender determinadas produções de subjetividade ocorridas na interação homem-máquina se ignorada a questão que diferentes ferramentas ao longo da história sempre produziram determinadas noções de sujeito com efeitos de sentido variados, a partir de modalidades discursivas específicas.

A escola como espaço discursivo e campo de enunciação tem um papel importante na circulação dos saberes sobre o corpo e a sexualidade, uma vez que cabe a ela ocupar as diferentes áreas de conhecimento para disciplinar e moralizar os corpos bem como a sexualidade. Evidente que esse processo de apropriação discursiva dos mecanismos de poder e saber foram desenvolvidos ao longo da história brasileira, a começar por uma abordagem moral-religiosa que durou três séculos e sua substituição por um tipo de saber médico-higiênico que, principalmente no século XIX, delegou, quase que exclusivamente, ao médico ou ao biólogo o dever de abordar e gerenciar o corpo e suas produções de subjetividade. O rígido controle exercido pelas Instituições sobre o corpo sempre margearam a história ocidental, seja pela Igreja, seja por meio do saber científico ou ainda pela escola. Todas se tornaram espaços de ordenamento dos discursos que formam o "sujeito moral", com um tipo específico de comportamento social.

Tal espaço de circulação discursiva do corpo e da sexualidade na escola, ainda obedece à regra da abordagem científica, atribuindo a áreas, como as ciências ou a biologia, o papel de falar do corpo e da sexualidade por um viés biológico-clínico. O espaço marginal que ocupa outras áreas de conhecimento – como a filosofia, a sociologia, a literatura –

demonstra que existem determinadas funções de sujeito que possuem certa autoridade conferida pela "ciência" para falar do corpo. Possuem certa liberdade para fazer circular discursos sobre o corpo amparados pelo saber médico-biológico. A fronteira que separa a ordem do discurso socialmente aceitável daquela que se torna perigosa e proibida é o saber médico-clínico. Sair dessa ordem discursiva é mergulhar num universo incerto e cheio de gestos de interdição, uma vez que lida com noções subjetivas e especulativas, que ocupam espaços fora do sujeito; zonas de intensidade que produzem variados gestos e comportamentos diversos.

O fato é que, ao longo da história, diferentes culturas desenvolveram mecanismos para interpretar e controlar o corpo. No entanto, entre os povos primitivos, tais gestos não combatiam os prazeres e as necessidades sexuais do corpo, mas simplesmente o controle da natalidade, como tentativa de organização social. A necessidade de comida e bem estar levou culturas diferentes a produzir variadas técnicas de controle de natalidade, porém, tais economias de prazer sempre evidenciaram o papel da mulher e da fertilidade da terra, como símbolo de sua sexualidade e virilidade.

A filosofia platônica na Grécia do século IV a.C. parece ser a primeira grande corrente de pensamento a criar uma cisão entre corpo e alma. A noção de Platão, da existência de duas substâncias hierárquicas e opostas, uma perfeita, pertencente ao mundo das ideias (Topus Uranus), e outra ligada ao mundo sensível ou material, feita de multiplicidades e sombras, é o que determinará, na história do pensamento ocidental, o dualismo entre corpo e mente. A filosofia e a teologia medieval levarão esse dualismo ao extremo, sob a égide da autoridade eclesiástica e a noção do corpo como marcado pelo pecado original que deve ser submetido aos exercícios espirituais.

A respeito da noção de sujeito na contemporaneidade, Zygmunt Bauman em sua obra *Amor Líquido* (2004), ao analisar a fragilidade dos afetos do homem hoje, constata que o estabelecimento das relações humanas é marcado pela fluidez e liquidez. Em nome de uma sociedade moderna, firmada sobre o sinônimo da "novidade" e dos avanços tecnológicos e científicos, desenvolve-se a noção de um sujeito fragmentado e assujeitado pelas leis de mercado. A suposta autonomia do sujeito, pregada pela ideologia de mercado, mergulha esse "sujeito fluído" a uma relação rasa com os produtos comercializados em diferentes segmentos sociais. O fato é que esse sujeito comercial transfere cada vez mais essa relação mercantil para as relações humanas, convertendo o outro em produto a ser usado e consumido. Há uma inversão do ser pelo ter, gerida pelas leis de mercado.

O conjunto de "bens simbólicos", criados pela "Indústria Cultural" e postos em

circulação pelas mídias, produz uma noção de sujeito unidimensional, uma vez que as padronizações estabelecidas ideologicamente restringem drasticamente qualquer movimento de produção de outros tipos de subjetividade. Sendo assim, a liquidez e a fragilidade das relações humanas da sociedade atual confundem-se com a fragilidade e a liquidez na constituição da própria noção de sujeito, com a elaboração de uma subjetividade deslocada e assujeitada por um modelo de saber patrocinada por mecanismos ideológicos e alienadores.

Sobre a relação homem-máquina, existe uma discussão filosófica que remete a Descartes sobre os limites impostos pelo corpo (*res extensa*) sobre o pensamento e suas potencialidades (*res cogitans*), limitação essa que leva em consideração a noção de uma mente ativa, livre, atuante que sofre com as barreiras de um corpo dimensionado e passivo. A função corpo no pensamento foucaultiano parece também impor limites à figura do sujeito enquanto produto das condições de produção de subjetividade. Para Foucault, a função sujeito não se reduz a um indivíduo corpóreo, mas "é necessário um corpo que funcione como suporte para o sujeito, para o exercício da função-sujeito".

O advento das redes digitais parece diminuir as fronteiras do corpo em relação à mente. Sendo as maquinarias computacionais espaço de grande circulação de informações, elas criam variados campos de enunciação com possibilidades de grande circulação de discursos que são produzidos por gestos de leitura e interpretação. As redes sociais produzem, por esses elementos externos, conjuntos de sujeitos que ocupam espaços específicos para determinado tipo de demanda.

O fato é que se torna impossível na atualidade pensar as atividades humanas, sejam elas privadas ou profissionais, desvinculadas do uso das maquinarias computacionais. Raras vezes na história o corpo foi tão exposto como na atualidade pelas redes sociais Ao se analisar a interação homem-máquina, fica claro que os indivíduos cada vez mais incorporam à sua intimidade os serviços e as interações oferecidos por uma diversidade de plataformas no ciberespaço. As expressões da sexualidade são algumas dessas características de mudança de comportamento percebidas.

As enunciações produzidas na relação homem-máquina determinam, nas novas gerações (também chamada de geração Z), modalidades de subjetividade bem particulares, nas quais, a própria personalidade e a organização cognitiva podem manifestar determinados tipos de acontecimentos.

Por meio de aplicativos, sites de relacionamento e redes sociais, uma parcela crescente de pessoas está abdicando das relações na vida real para adentrar o mundo virtual e, por meio de avatares ou perfis criados na rede, se relacionar com uma diversidade maior de

sujeitos. A apresentação de si criada por usuários nos sites de relacionamento, em especial no Badoo que foi escolhido como objeto de análise desta pesquisa, possibilita a produção e a circulação de subjetividades variadas que atendem a necessidades e interesses específicos. Por conta disso, a escrita sobre si demanda um determinado tipo de enunciação com seus efeitos de sentido específicos. A posição ocupada pelo sujeito é trilhada pela escrita de si. E é a partir dessa posição que faz circular, por meio da prática discursiva, o tipo de produção que deseja.

Nas análises realizadas no site Badoo sobre as postagens feitas por usuários que procuram relacionamentos nesses serviços foram constatadas três técnicas de apresentação ou escrita de si utilizadas na produção de diferentes personalidades. Os três avatares produzidos discursivamente são: personalidade tímida; extrovertida e ousada. O fato é que o sujeito na rede é construído discursivamente, circula enquanto um eu de consciência (re)significado e (re)construído mediante modalidades linguísticas e textuais. Tal realidade produz uma dissociação do sujeito real, que passa a estar ligado ao mundo físico como um produto que circula na rede produzindo variados efeitos de sentido.

A pesquisa se mostrou rica e ao mesmo tempo desafiadora uma vez que ainda são escassos os estudos que abordam as interações entre o homem e o ciberespaço. Na medida em que a pesquisa foi se aprofundando, outros temas de grande importância surgiram e que merecem um estudo a parte para seu desenvolvimento e contribuição social. Temas como: Tecnologias digitais e subjetividade na infância e adolescência; Ciberespaço e sexualidade na adolescência; Corpo e sexualidade na era digital e suas interfaces com a educação escolar; Família e redes digitais: possíveis mudanças ocasionadas pelo ciberespaço nas relações familiares.

De qualquer forma, a presente pesquisa é apenas o pontapé inicial de uma longa jornada de pesquisa sobre as interfaces do ciberespaço e as relações de produção e subjetividade humana. É emergencial uma abordagem aprofundada ligada aos fenômenos produzidos pelas maquinarias digitais e a sexualidade na adolescência, com foco específico na educação escolar.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J. **Moral sexual.** Rio de Janeiro: Tipografia Coelho, 1930.

BAUMAN, Z. **Amor líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BOSI, A. (Org.). **Cultura Brasileira**: temas e situações. São Paulo: Ática, 2002.

CHARTIER, R. Lecteurs et lectures à l'âge de la textualité électronique. In: ORIGGI, G.; ARIKHA, N. (Orgs.). **Text-e**: le texte à l'heure de l'Internet. Paris: Bpi / Centre Pompidou, 2003. p.17-50.

COSTA, O. Momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: Ribeiro, P. (Org.). **Sexualidade e educação:** aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 18-22.

COURTINE, J-J. **Análise do discurso político:** o discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução Thiago de Abreu. São Carlos: Edufscar, 2009.

DEBRAY, R. **Curso de midialogia geral.** Petrópolis: Vozes, 1993.

FERNANDES, C. A. **Discurso e sujeito em Michel Foucault.** São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade.** v. 1. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Graal, 1984.

_____. **A ordem do discurso.** Tradução Jose Teixeira. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **O poder psiquiátrico.** Tradução E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **História da sexualidade.** v. 2 e 3. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Graal, 2007.

_____. **Microfísica do poder.** Tradução Fernando Santos. São Paulo: Graal, 2009.

_____. **Vigiar e punir.** Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREYRE, G. **Casa grande & senzala.** São Paulo: Cultrix, 2000.

GI. GLOBO.COM**. Garota que leiloou virgindade diz que primeira vez será na próxima semana.** 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2012/11/garota-que-leiloou-virgindade-diz-que-primeira-vez-sera-na-proxima-semana.html>. Acesso em: 13 out. 2013.

HEFFRON, H. **Esparta e sua lei.** Tradução Alves Calado. São Paulo: Ediouro, 2009.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo.** Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

KAMPF, C. **A geração Z e o papel das tecnologias digitais na construção do pensamento.** 2011. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000700004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 out. 2013.

KEHL, M. R. As máquinas falantes. In: NOVAES, A. **O homem máquina:** a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 123-145.

LE BRETON, D. Adeus ao corpo. In: NOVAES, A. **O homem máquina:** a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 160-195.

MAINGUENEAU, D. **O discurso pornográfico.** Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. **Gênese do discurso.** Tradução Eni Puccinelli Orlandi. Liège: Mardaga, 1984.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

_____. **Discurso e leitura.** São Paulo: Cortez, 2008.

PARENTE, A. (Org.). **Imagem-máquina**: a era das tecnologias do virtual. São Paulo: 34, 2011.

POSSENTI, Sírio. Notas um pouco céticas sobre hipertexto e construção de sentido. In: _____. **Os limites do discurso.** Curitiba: Criar, 2002. p. 202-209.

PRIORE, M. D. **Histórias íntimas:** sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2011.

_____. **História do amor no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2011.

ROLNICK, S. O mal-estar na diferença. **Anuário Brasileiro de Psicanálise**, n.3, p. 97-103. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

ROSSI, J.; ROSA, G. Caso da garota que vendeu a virgindade leva à indagação sobre freios éticos: pode-se comprar qualquer coisa? Órgãos humanos? Apoios políticos?. **VEJA**, 23 nov. 2012. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/caso-da-garota-que-vendeu-a-virgindade-leva-a-indagacao-sobre-freios-eticos-pode-se-comprar-qualquer-coisa-orgaos-humanos-apoios-politicos/>. Acesso em: 10 jan. 2013.

REALE, G. **História da filosofia.** v. 3. São Paulo: Paulus, 1991.

_____. **Corpo, alma e saúde:** o conceito de homem de Homero a Platão. São Paulo: Paulus, 2002.

RICHARDS, J. **Sexo, desvio e danação**: as minorias da Idade Média. Tradução Marco Antonio Esteves da Rocha. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

RIBEIRO, P. (Org.). **Sexualidade e educação:** aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

SANT'ANNA, D. B. **Políticas do corpo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

_____. **Corpos de passagem:** ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

STEARNS, P. N. **História da sexualidade.** Tradução Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010.

TURKLE, S. **A vida no ecrã:** A identidade na era da internet. Tradução Marco Antonio Esteves da Rocha. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.